



VISÕES DA NOITE
AMBROSE BIERCE



AMBROSE BIERCE
VISÕES DA NOITE
histórias de terror sarcástico

Organização e tradução
Heloisa Seixas



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

1999

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Bierce, Ambrose, 1842-1914?

B487v Visões da noite / Ambrose Bierce; organização
e tradução Heloisa Seixas; ilustrações Mozart
Couto. - Rio de Janeiro: Record, 1999.

ISBN 85-01-05524-7

1. Conto norte-americano. I. Seixas, Heloísa,

1952- . II. Título.

99-0196CDD-813 99-0196

CDU - 820(73)-3

Copyright © 1999 by Heloisa Seixas

Design da capa: Tita Nigri

Ilustrações: Mozart Couto

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou
transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia
autorização por escrito.

Direitos exclusivos desta edição adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE
SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A. Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-

380 - Tel.: 585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-05524-7

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

PERSONAGEM DE SI MESMO:

O Mistério De Ambrose Bierce

Heloisa Seixas

Ele era louro, alto, bonitão e as mulheres consideravam-no irresistível. Dizem até que tinha sido tão bem-dotado pela natureza que jamais se desnudava diante de uma mulher para não assustá-la. Era agnóstico, ateu, herege, ou como você queira chamar aqueles que descrêem de tudo. Sarcástico ao extremo, dedicou boa parte da vida a cultivar inimizades graças a sua atividade de jornalista, profissão que exercia despejando veneno a granel. Era um crítico feroz, inteligente e incansável — e por isso intensamente odiado por muitos. "Minha independência é meu patrimônio. É minha literatura", dizia. "Escrevo para agradecer a mim mesmo, não importando quem saia ferido."

Quem diria que uma pessoa assim — descrente, mordaz e extremamente envolvida pelos prazeres da carne — fosse dedicar-se a escrever histórias assombradas? Pois foi o que aconteceu. Embora tenha ficado famoso por seus textos jornalísticos e pelo humor sardônico presente em obras como *O Dicionário do diabo*, Ambrose Bierce é hoje considerado um dos mestres da literatura de horror americana, junto com H. P. Lovecraft e, é claro, Edgar Allan Poe.

Mas a verdade é que Ambrose Gwinett Bierce já nasceu cercado pelo mistério. E pelo humor negro. Sua família era um tanto excêntrica e a casa onde veio ao mundo — em Ohio, Estados Unidos, em 24 de julho de 1842 — tinha, dizem, uma atmosfera macabra. Seu pai, Marcus Aurelius Bierce, já era um sujeito estranho. Dominado pela mulher, fanático religioso e apaixonado por poesia, deu a todos os filhos (Bierce era o décimo) nomes que começassem com a letra 'A'. No caso de Bierce, o nome do meio, Gwinett, teria sido acrescentado em referência a Ambrose Gwinett, personagem de uma peça de teatro muito popular no início do século XIX e que era uma história de crime (tendo seu nome ligado a uma história assim, não seria esse o crime ancestral de que — como veremos adiante — nos fala Bierce em seus pesadelos?). Mas as excentricidades

da família Bierce não param por aí.

Os três irmãos que nasceram depois de Bierce morreram e ele ficou sendo o caçula. Quando cresceram, seus nove irmãos mais velhos se dividiram em grupos antagônicos, que se odiavam, e o ambiente em casa era de guerra aberta e permanente. A certa altura, um dos irmãos se rebelou contra o fanatismo religioso da família e fugiu para ser artista de circo. Uma das irmãs, ao contrário, assumiu tanto esse fanatismo que foi ser missionária na África, onde teria sido comida por canibais. Por pouco não aconteceu o mesmo com um tio de Bierce, Lucius Verus, que foi em expedição ao Canadá para libertar os índios do jugo britânico e, depois de tomar a cidade de Windsor, viu acontecer o que menos esperava: os índios se voltaram contra ele e Lucius Verus precisou sair corrido dela.

Esse tio aventureiro, apesar de meio doido, foi uma das figuras que mais influenciaram Bierce em sua infância e juventude. Lucius Verus percebeu que o jovem Ambrose, além de bonito e charmoso, com seus olhos azuis e o cabelo louro-avermelhado, era também dono de uma inteligência excepcional. Por isso, desde muito cedo tomou conta do rapaz, dando-lhe conselhos e livros. Quando ele tinha 15 anos, Lucius Verus, talvez prevendo a eclosão de uma guerra nos Estados Unidos, mandou-o para o Instituto Militar de Kentucky. Lá, Bierce mostrou grande interesse pelo treinamento militar, mas descobriu também seu talento como cartunista. E o fato é que, ao deixar Kentucky, em vez de voltar para a casa dos pais, foi trabalhar no jornal de uma cidadezinha de Indiana.

Em 1861, quando tinha 18 anos, Bierce atendeu ao primeiro chamado do Presidente Abraham Lincoln e alistou-se no 9o Regimento de Indiana. Logo estouraria a Guerra Civil. Foi quando ele teve a chance de se transformar num herói — e o fez. Sua passagem pela vida militar foi algo sensacional. Corajoso, os perigos das batalhas nada significavam para ele. E, como tomava decisões rápidas, com seriedade e consciência, destacava-se dos demais soldados, inseguros e indecisos. Durante uma batalha na Virgínia, salvou um companheiro ferido em meio ao fogo cruzado, o que lhe valeu, apenas três meses depois de alistar-se como voluntário, a patente de sargento. Seguiram-se três anos de batalha durante os quais Bierce se destacou de várias maneiras, até chamar a atenção do general William Hazen, que se transformaria numa figura-chave em sua vida. Hazen, percebendo o valor de Bierce (que então já era segundo-

tenente), promoveu-o a primeiro-tenente e nomeou-o para uma das missões mais perigosas da guerra: fazer reconhecimento de campo antes das batalhas. Bierce ainda não completara 21 anos.

A nova função agradou ao rapaz por várias razões: primeiro, era um trabalho solitário. Segundo, incluía a feitura de mapas e a redação de relatórios, tudo com rapidez e exatidão, já que eram vidas que estavam em jogo. E foi assim que Bierce trabalhou em perigosas missões de reconhecimento nas campanhas do Tennessee, de Chattanooga e de Atlanta, até o dia 23 de junho de 1864 (ia fazer 22 anos dali a um mês) quando, na batalha da montanha de Kenesaw, recebeu uma bala na cabeça.

"A bala rachou meu crânio como se fosse uma casca de noz", diria ele mais tarde, com seu habitual humor. Por sorte, Bierce foi resgatado com vida e conseguiu sobreviver ao ferimento. Convalescente, foi mandado para junto dos pais, Mas, assim que se recuperou — depois de meses tendo "brancos" e sentindo tonteiras —, voltou à ativa, servindo na Geórgia até que a guerra terminou, em abril de 1865. E dessa vez não voltou para casa. Seus pais nunca mais tornariam a vê-lo.

Depois de trabalhar durante um ano na reconstrução do Sul, foi novamente chamado pelo general Hazen que, em tempos de paz, tinha sido incumbido de explorar e mapear o Oeste e o queria como seu assistente técnico. Feliz da vida, Bierce aceitou.

E, assim, embrenharam-se pelo Velho Oeste, atravessando o território dos índios Sioux. Na mesma época, o general Hazen fez uma recomendação formal para que Bierce, até então apenas um oficial voluntário fosse aceito como oficial do Exército Regular americano. Mas, depois de muitas aventuras, quando finalmente chegaram a São Francisco, no fim de 1866, descobriram que Bierce havia sido aceito no Exército Regular, só que com a patente reduzida para segundo-tenente. E sem perspectiva de uma promoção tão cedo. Embora adorasse o trabalho, era uma situação humilhante. Bierce fez cara ou coroa para decidir se aceitaria ou não. Jogou a moeda para cima para ver se ficaria com a patente inferior ou se iria para a vida civil, a fim de exercer a única profissão sobre a qual tinha um mínimo de conhecimento — o jornalismo. A moeda decidiu jornalismo e Bierce aceitou o veredicto. Quarenta anos depois, ele diria: "A moeda estava certa."

"Escrevo para as almas iluminadas que preferem os vinhos secos aos doces, a razão aos sentimentos, a sagacidade ao humor e o inglês puro às gírias." Essa é uma frase típica do jornalista Bierce, que começou trabalhando para um semanário, o San Francisco News Letter and Commercial Advertiser. Em pouco tempo, tornou-se editor e titular de uma coluna, na qual, desde o início, já exercitava o sarcasmo e a crítica, que seriam suas marcas.

Com os donos de jornais a favor da teoria de que violência aumentava as vendas, muitos articulistas atrevidos eram perseguidos e espancados pelo que escreviam, sendo às vezes obrigados a deixar a cidade. Bierce, nesse início de carreira, escrevia com veneno e brutalidade raramente superados na história do jornalismo americano (embora muito imitados). Havia quem apostasse sobre sua longevidade. Mas o fato é que, de novo, ele sobreviveu.

Independente e dizendo o que queria, mantinha com o dono do jornal, Fred Marriott, uma relação de respeito mútuo e este último jamais lhe dava ordens, apenas sugestões. A parceria deu certo, o jornal vendeu mais e Bierce começou a ganhar dinheiro — a ponto de reunir as condições para se casar. Em 1871, casou-se com Molly Day, uma jovem da sociedade de São Francisco, cujo pai, rico, financiou a ida do jovem casal para Londres, onde passariam uma longa temporada. A intenção de Bierce era ser escritor, mas as dificuldades eram muitas e, em 1875, ele acabou voltando para São Francisco, trazendo na bagagem muita experiência e uma forte reputação, mas sem emprego à vista.

Nos anos que se seguiram, chegou a pensar em largar o jornalismo e trabalhou como gerente de uma mina de ouro, aderindo à febre da busca à fortuna fácil, mas sua participação na Corrida do Ouro deu em nada e, depois disso, nunca mais ousou desobedecer à moeda de seu destino. Acabou tornando-se editor-chefe da Wasp, uma revista de política e humor, onde ficou de 1881 a 1886, desenhando charges políticas, escrevendo editoriais arrasadores e atirando, em todas as direções, seu sarcasmo impiedoso. Foi um período produtivo e brilhante, mas, em sua vida particular, as coisas não andavam muito boas. Já era, então, pai de três filhos, dois meninos e uma menina, mas estava mal de finanças (seu sogro tinha falido), bebia muito e brigava cada vez mais com a mulher, de quem acabaria se separando.

Foi por essa época, já com mais de 40 anos, que Bierce começou a escrever ficção. Escreveu principalmente contos — de horror, de humor, de

guerra —, reiterando na prática aquilo que afirmava em suas críticas literárias: que um romance é apenas uma maneira mais fácil de escrever um conto. Mantendo uma pitada de deboche mesmo nas histórias mais aterrorizantes (quase podemos ouvir sua risada por trás das frases), escreveu também poemas e fábulas, tendo começado, em 1881, a preparar o Dicionário do diabo, em que demolia conceitos, de A a Z, com sua visão cínica e debochada do mundo.

Um dia, em 1887, como ele contaria depois, um jovem bateu à sua porta: era William Randolph Hearst, na época com 24 anos, que acabara de receber das mãos do pai o jornal *Examiner* e vinha convidar Bierce para trabalhar com ele. Era o início de uma parceria que duraria vinte anos e marcaria de forma definitiva a história do jornalismo americano — Hearst, como se sabe, seria o modelo usado por Orson Welles em seu filme *Cidadão Kane*. Durante aquelas duas décadas, Bierce e Hearst chegaram a se odiar, mas de alguma forma continuaram trabalhando juntos, pois a virulência do primeiro servia aos interesses do segundo. Bierce não poupava ninguém: políticos, prostitutas, feministas, escritores que considerava medíocres, fazendeiros, sindicalistas, jornalistas opositores e amigos com quem tivesse brigado. Quando deixou São Francisco e foi trabalhar em Washington, houve quem dissesse que se mudara para fugir dos inimigos.

Apesar do olhar intenso, Bierce era um homem de fala mansa, que se tornava cada vez mais suave à medida que ia ficando furioso. Aqueles que o conheciam apenas pelo que liam no jornal, ficavam muitas vezes surpresos com suas maneiras gentis e chegavam a encantar-se com ele, embora, é claro, passassem a odiá-lo assim que o contato pessoal se aprofundava um pouco. Três homens que conviveram com Bierce e escreveram perfis dele — Adolphe de Castro, George Sterling e Walter Neale — traçaram retratos tão diversos que é difícil acreditar que estivessem falando do mesmo homem. Bierce era um solitário. Capaz de chutar um cachorro que aparecesse na sua frente — porque odiava seus latidos, seu cheiro e sua vulgaridade —, podia por outro lado comover-se com pequenas criaturas indefesas, acolhendo filhotes de pássaros que não conseguissem voar e até ratinhos doentes.

No jornal, mantinha sobre sua escrivaninha um crânio humano e uma caixa de charutos. Quando perguntado sobre aqueles objetos, dizia que o crânio era o que restara de um velho amigo, enquanto a caixa guardava as cinzas de um

crítico rival. E falava isso sem rir. Era conhecido em São Francisco como "the bitter Bierce" (o amargo Bierce) e entre seus desafetos — para citar apenas os da área literária — estavam figuras como Henry James e Jack London.

Mesmo na vida pessoal, era capaz das piores vilanias quando queria atingir seus objetivos, embora fosse corretíssimo em questões financeiras. Conta-se que, ao saber que seu filho mais novo pretendia casar-se com uma moça que desaprovava, Bierce teria acabado com os planos do rapaz inventando que a moça era sua irmã ilegítima. Com tudo isso, evidente que era cada vez mais odiado. E começou a receber o troco. Houve quem o acusasse de ter sido o principal culpado pelas tragédias que abateram sua família. E não foram poucas. Seu filho mais velho morreu assassinado. Alguns anos depois, o mais jovem morreu de alcoolismo. A mulher o largou e, por causa da separação, Bierce nunca mais viu a filha. Albert, único irmão com quem continuava se relacionando, morreu pouco depois de receber uma carta em que Bierce o desancava, provocando comentários de que as palavras rudes o tinham matado de desgosto. Bierce era cruel até consigo mesmo. Sofria de asma e mergulhava cada vez mais fundo no alcoolismo, tendo sofrido pelo menos um ataque de delirium tremem. Já não escrevia ficção (seus últimos contos datam de 1896) e fechava-se cada vez mais em si mesmo, com seu temperamento irascível tornando-se intolerável até para os amigos mais chegados e mais pacientes.

Até que, no verão de 1913, aos 71 anos, velho, amargo e doente, mas ainda uma lenda viva, Ambrose Gwinnett Bierce armou a cena final em que escaparia da civilização que tanto detratara. E, em algum lugar do México — ninguém sabe exatamente onde, nem quando, nem como —, viu-se frente a frente com a personagem que era uma de suas obsessões: a morte.

Em muitas de suas histórias, Bierce já parecia farejar essa morte. Em seus contos de horror, ele tem alguns temas recorrentes: um homem caminha sozinho, geralmente à noite, num descampado ou numa floresta, sem saber bem se está desperto ou se é tudo um sonho. Sente uma certa inquietação, talvez a consciência de um crime cometido, embora desconheça os detalhes de sua tragédia. Em muitos de seus contos, alguém desaparece sem deixar traço — ou, o que talvez seja ainda mais horripilante, deixando para trás indícios de sua presença assombrada.

Bierce parecia fixar-se em alguns assuntos, escrevendo por vezes

histórias parecidas sobre um mesmo tema, donde a idéia de juntar, nesta antologia, vários contos semelhantes sob um mesmo título, como acontece em "Aparições", "Casas espectrais" e "Cruzando o umbral". Mas é nos casos de desaparecimentos que ele se fixou mais. Sua obsessão sobre o assunto chegou a tal ponto que, nos últimos anos de vida, colecionava relatos de sumiços misteriosos. Costumava também abrir seus contos com epígrafes contendo reflexões sobre a morte. Numa delas, que abre o conto "Um habitante de Carcosa" (incluído em "Cruzando o umbral"), Bierce escolheu como epígrafe um texto que diz o seguinte:

Pois há diversos tipos de morte. Em algumas (...) o corpo desaparece junto com o espírito. Geralmente isso ocorre quando o indivíduo está só (...) e, como não nos é dado conhecer o fim, dizemos que o homem desapareceu, ou que se foi numa longa jornada — o que é verdade.

Ao escrevi essas linhas, estaria Bierce, conscientemente, preparando o caminho daquilo que ele próprio um dia, talvez de forma deliberada, iria fazer? Seria uma premonição, ou uma fantástica coincidência, essa sua obsessão pelos desaparecimentos? Ou apenas sua última — e mais terrível — piada de humor negro?

Ninguém jamais pôde responder a essas perguntas. As especulações foram muitas, mas nunca se soube ao certo o que aconteceu com Ambrose Bierce. Sabe-se apenas que um dia ele anunciou que iria para o México de Pancho Villa, mergulhado numa sangrenta guerra civil. Aos amigos, pessoalmente ou por carta, fez referências vagas sobre quais seriam suas intenções, comentando, com seu habitual deboche, que "o paredão era uma boa maneira de partir desta vida" e que, pisar em solo mexicano naqueles tempos, era "uma espécie de eutanásia". E desapareceu.

Alguns disseram que Bierce, mal de saúde, tendo recebido a notícia de que lhe restava pouco tempo de vida, suicidara-se. Houve quem garantisse mesmo que ele se teria atirado do Grand Canyon. Outra história surgida, ainda mais engenhosa, assegurava que Bierce havia escapado para a Inglaterra, onde se tornara assessor de um certo Lorde Kitchener, morrendo lá em segredo anos depois. Outros afirmavam que ele fora de fato para o México, onde desafiara a

morte, nas batalhas. A versão que parece mais razoável é a de que Bierce queria cobrir a revolução de Pancho Villa como correspondente de guerra e realmente foi para lá, onde morreu — de morte natural, acidentalmente (numa batalha) ou talvez executado por insultar Villa.

Seja como for, fica-nos a sensação de que Bierce — ele, que tinha nos sonhos outra de suas obsessões — rompeu as fronteiras entre realidade e fantasia, subvertendo a ordem do universo, esse universo que sua alma rebelde rejeitava e desprezava. O mundo onírico é, aliás, o tema do texto que deu origem ao título desta antologia, "Visões da noite", no qual Bierce nos conta três de seus pesadelos recorrentes, além de analisar a própria matéria de que são feitos os sonhos. Neles, lá está o mesmo homem que caminha solitário, como em seus contos de terror, o mesmo homem que, na vida real, escrevia histórias nas quais o aparato gótico parecia ser apenas um símbolo da decadência humana. Sim, porque, para Bierce, a fonte principal do horror é sem dúvida a mente do homem.

Sua descrença na humanidade — presente em tudo o que fez — se reflete na imponderabilidade de muitas de suas histórias, assim como no alto teor de ironia que pressentimos nas entrelinhas. Essa ironia chega às vezes a interferir no próprio clima de terror que Bierce, como autor, está tentando criar no leitor. Numa espécie de auto-sabotagem literária, ele interrompe uma narrativa arrepiante para fazer uma brincadeira. E é como se, com uma expressão diabólica, nos dissesse, a nós, leitores: "Vamos ver se, mesmo depois dessa piada, você continua acreditando." Temos por vezes a sensação de que Bierce brinca de gato e rato conosco, lançando pistas falsas, dando-nos excessivos detalhes — de nomes, acontecimentos e situações geográficas — que depois não terão muita importância na história, apenas para testar nossa paciência, ou, quem sabe, para nos deixar na boca, terminada a leitura, um travo de inquietação.

Esse jogo de pistas falsas talvez explique por que Bierce nem sempre é incluído pelos críticos entre os maiores autores americanos de todos os tempos — embora muitos reconheçam que ele é um dos mais originais e ousados, pertencendo àquela (rara) classe de escritores pelos quais nunca passamos impunemente. Bierce podia ser cínico, idealista, amargo, frustrado, genial, sádico, pervertido, brilhante, brutal, satirista, poeta, misantropo e até mesmo charlatão — foi chamado de tudo isto. Mas foi um homem e escritor fascinante, que um dia cruzou a fronteira do Desconhecido e — talvez com uma terrível

gargalhada final — tornou-se personagem de si mesmo, saindo da vida para entrar em suas próprias histórias.



UM INCIDENTE NA PONTE DE OWL CREEK¹¹³

I

Um homem estava de pé sobre uma ponte férrea no Norte do Alabama, olhando para as águas que corriam ligeiras seis metros abaixo. Tinha as mãos às costas, os pulsos atados por uma corda. Outra corda fora enrolada em seu pescoço. Esta última estava amarrada a uma estaca sólida acima de sua cabeça e a ponta caía-lhe até a altura dos joelhos. Algumas tábuas soltas, colocadas sobre os dormentes que suportavam os trilhos da via férrea, sustentavam os pés

do homem, assim como os de seus executores — dois paramilitares do Exército Confederado, liderados por um sargento que na vida civil talvez tivesse sido um subxerife. Sobre a mesma plataforma provisória, mas a uma certa distância, estava um oficial armado, com seu uniforme de graduado. Era um capitão. Em cada extremidade da ponte havia um sentinela segurando seu rifle em posição de "apoio", o que significa na vertical à frente do ombro esquerdo e com o cão apoiado ao antebraço atravessando o peito em diagonal — uma posição rígida e pouco natural, obrigando os soldados a permanecer numa postura muito ereta. Aparentemente, os dois não tinham obrigação de saber o que se passava no meio da ponte. Eles se limitavam a bloquear a passagem nas duas extremidades do caminho de pedestres que ladeava o pontilhão.

Para além de um dos sentinelas, não havia ninguém à vista. A linha férrea cruzava a floresta numa reta por quase cem metros, para em seguida desaparecer, numa curva. Com certeza havia um posto avançado mais adiante. A outra margem do rio era um campo aberto — uma colina suave, no alto da qual havia uma barricada feita com troncos de árvores, com seteiras para os rifles e um único canhoneiro do qual surgia a extremidade de um canhão de bronze, apontado para a ponte. Na metade da colina, entre a ponte e a fortaleza, estavam os espectadores — uma única companhia de infantaria perfilada, em posição de "descansar", a base dos rifles tocando o chão, os canos levemente inclinados para trás e apoiados ao ombro direito, as mãos cruzadas à frente das coronhas. Um tenente encontrava-se de pé à direita da fila, com a ponta de sua espada no chão e a mão esquerda repousando sobre a direita. Com exceção do grupo de quatro pessoas no centro do pontilhão, ninguém se movia. A companhia estava de frente para a ponte, observando-a na mais absoluta imobilidade. Os sentinelas, voltados para as margens do rio, poderiam ser confundidos com estátuas que adornassem o lugar. O capitão estava de braços cruzados, em silêncio, observando o trabalho de seus dois subordinados, mas sem fazer qualquer sinal. A morte é um dignitário que, ao ser anunciado, deve ser recebido com manifestações formais de respeito, mesmo entre aqueles que lhe são mais familiares. No código da etiqueta militar, o silêncio e a imobilidade eram formas de deferência.

O homem que estava para ser enforcado aparentava cerca de 35 anos.

Era um civil, a julgar por suas roupas, que pareciam as de um fazendeiro. Tinha boa aparência — o nariz reto, a boca firme e uma testa larga de onde surgia o cabelo comprido e escuro, penteado para trás, passando por trás das orelhas e indo até o colarinho do casaco de trabalho, que lhe caía bem. Usava bigode e uma barba pontuda, mas sem costeletas. Os olhos eram grandes, cinza-escuros, com uma expressão gentil que dificilmente se poderia esperar de um homem cujo pescoço estivesse no laço de uma corda. Com toda certeza não era um assassino vulgar. O código militar, liberal, permite o enforcamento de toda sorte de indivíduos, e os cavalheiros não estão excluídos.

Assim que tudo estava pronto, os dois paramilitares, dando um passo para o lado, tiraram a tábua sobre a qual caminhavam. O sargento virou-se para o capitão, fez continência e colocou-se imediatamente atrás do oficial, que por sua vez afastou-se um passo. Tais movimentos deixaram o condenado e o sargento sozinhos de pé sobre as duas extremidades da mesma tábua, que se estendia por cima de três dos dormentes da linha férrea. A extremidade sobre a qual se encontrava o civil quase alcançava, mas não chegava a fazê-lo, um quarto dormente. Essa tábua estivera sendo mantida ali pelo peso do capitão. Agora, o que a mantinha ali era o peso do sargento. A um sinal do primeiro, este último daria um passo para o lado, a tábua daria um salto e o condenado despencaria pelo espaço entre os dormentes. O arranjo, por simples e efetivo, parecia confiável. O rosto do homem não estava encoberto, nem seus olhos vendados. Por um instante, ele olhou para o chão instável onde pisava e em seguida deixou que o olhar se perdesse na corrente d'água que passava lá embaixo, a toda velocidade. Uma tora de madeira boiando chamou sua atenção e seus olhos seguiram-na, rio abaixo. Parecia mover-se tão devagar, como se levada por águas indolentes...

Fechou os olhos tentando fixar os últimos pensamentos na mulher e nos filhos. A água, tingida de ouro pelos primeiros raios de sol, a bruma melancólica que recobria as margens rio abaixo, a fortaleza, os soldados, a tora de madeira — tudo distraía sua atenção. E agora ele se dava conta de alguma coisa nova, que surgia para perturbá-lo. Chocando-se com o pensamento de seus entes queridos, vinha um som que ele não conseguia nem identificar nem ignorar, um ruído agudo, nítido, metálico, como o som do martelo do ferreiro contra a bigorna. A ressonância era a mesma. O homem se perguntou o que seria aquilo e de onde

vinha tal som, se de longe ou de perto — pois parecia as duas coisas ao mesmo tempo. Batia a intervalos regulares, mas num ritmo lento, como o dobrar dos sinos de Finados. Ele aguardava cada batida com impaciência e — sem que soubesse por quê — com apreensão. Os intervalos de silêncio pareciam cada vez maiores. E esses momentos de suspensão começavam a enlouquecê-lo. Embora cada vez mais espaçados, os sons cresciam em força e agudez. Feriam-lhe os ouvidos como a estocada de um punhal. Estava a ponto de gritar. O que ele ouvia era o tique-taque de seu relógio.

Abriu os olhos e viu novamente a água a seus pés. "Se eu pudesse soltar as mãos", pensou, "poderia afrouxar o laço e pular na água. Afundando, fugiria das balas e, nadando a toda velocidade, conseguiria chegar à margem, embrenhar-me na floresta e fugir para casa. Minha casa, graças a Deus, fica para além das linhas deles. Minha mulher e meus filhos estão na região que ainda não foi tomada pelos invasores."

Enquanto esses pensamentos, aqui descritos em palavras, passavam pela cabeça do condenado, e mal acabavam de ser formulados, o capitão fez um sinal para o sargento. E o sargento deu um passo para o lado.

II

Peyton Farquhar era um próspero fazendeiro, de uma família antiga e altamente respeitada no Alabama. Sendo dono de escravos e, como todo dono de escravos, um político, era naturalmente a favor da Guerra Civil e ardorosamente devotado à causa do Sul. Por motivos de força maior, que não cabe aqui relatar, não pudera servir ao galante exército que lutaria nas desastrosas campanhas culminando com a queda de Corinto, e se irritava com isso, ansiando por externar suas energias, por viver a vida mais expansiva dos soldados, pela oportunidade de se destacar. Essa oportunidade, sentia, acabaria chegando, porque chega para todos durante a guerra. Enquanto isso, ia fazendo o que podia. Não se importava de desempenhar a mais humilde tarefa, desde que fosse para ajudar a causa dos sulistas, nem de se meter na mais perigosa das aventuras, desde que fosse coerente com o papel de um civil cujo coração era de soldado e que, de boa-fé, mesmo não sendo muito qualificado, concordava, ao menos em parte, com o

ditado sabidamente infame segundo o qual na guerra e no amor tudo vale.

Certa noite, quando Farquhar e sua mulher estavam sentados no banco rústico junto à entrada do jardim, surgiu no portão um soldado de uniforme cinza que pediu um copo d'água. Foi com satisfação que a Sra. Farquhar foi buscá-lo com suas próprias mãos, muito brancas. O marido se aproximou do cavaleiro empeirado e, ansioso, pediu notícias do front.

"Os ianques estão consertando as estradas", respondeu o homem, "e estão prontos para um novo avanço. Já chegaram à ponte de Owl Creek, fizeram reparos e construíram uma barricada na margem norte. O comandante mandou espalhar cartazes dizendo que qualquer civil que bloquear estradas, pontes, túneis ou trens será sumariamente enforcado. Eu vi a ordem."

"A ponte de Owl Creek é muito longe?", quis saber Farquhar.

"Uns cinquenta quilômetros."

"E há soldados deste lado do rio?"

"Só um posto avançado menos de um quilômetro à frente, na estrada, além de um sentinela na ponta de cá da ponte."

"E se um homem — um civil, especialista em enforcamentos — conseguisse passar pelo posto avançado e enganar o sentinela", disse Farquhar, rindo, "o que será que ele conseguiria?"

O soldado parou para pensar.

"Há um mês eu estava lá", respondeu. "E notei que a correnteza do último inverno tinha deixado muitas toras encalhadas no pier de madeira, na extremidade da ponte. Agora f está tudo seco e poderia queimar como uma tocha."

A mulher já se encaminhava com a água, que o soldado bebeu. Em seguida agradeceu, cerimonioso, fez uma mesura para o marido e se foi. Uma hora depois, quando a noite já havia caído, ele voltou a cruzar a fazenda em direção ao Norte, de onde viera. Era um espião dos Confederados.

III

Assim que despencou da ponte, Peyton Farquhar perdeu os sentidos, como se já estivesse morto. Mas foi despertado desse estado — após o que lhe

pareceu um tempo enorme — por uma dor fina na garganta, seguida de uma sensação de sufocamento. Uma agonia aguda, mortal, parecia espriar-se do pescoço, tocando cada fibra de seu corpo e membros, Tais dores aparentemente corriam por linhas de ramificações bem definidas, martelando a uma velocidade inconcebível. Eram como rios de fogo pulsante que o queimassem inteiro. Quanto à cabeça, parecia-lhe completamente tomada — por uma congestão. Essas sensações não vinham acompanhadas de pensamentos. A parte intelectual de sua natureza se esvanecera. Tinha poder apenas para sentir, e o que sentia era tormento. Percebia um movimento. Envolto por uma nuvem luminosa, da qual ele agora era apenas o núcleo em brasa, oscilava sobre um arco imponderável, como se fosse imenso pêndulo. E então, de repente, de forma terrivelmente súbita, a luz que o cercava disparou para cima, com um gigantesco estrondo d'água. Um troar ameaçador atingiu-lhe os ouvidos e tudo foi escuridão e gelo. O poder do pensamento foi restaurado. Agora ele sabia que a corda se rompera e que ele caíra na correnteza. Mas não sufocava mais do que antes. A corda em torno de seu pescoço já o estrangulava, mantendo a água fora de seus pulmões. Morrer enforcado no fundo de um rio! A idéia lhe parecia ridícula. Abriu os olhos na escuridão e viu acima uma luminosidade, embora muito longe, inacessível. Continuava afundando, pois a luz tornava-se mais e mais fraca, até virar apenas um lampejo. Mas logo começou a crescer e a tornar-se mais brilhante, até que ele percebeu que retornava à superfície — e relutava em admitir isso, pois já sentia um certo conforto em estar no fundo. "Ser enforcado e afogado", pensou, "não é tão mau assim. Mas não quero levar um tiro. Não quero e não vou. Não é justo."

Não tinha consciência do esforço que fazia, mas uma dor fina no pulso lhe dizia que estava tentando soltar as mãos. Concentrou-se naquela luta, como um errante admirando a proeza de um malabarista, sem muito interesse no resultado. Que esforço sensacional! Que força magnífica, sobre-humana! O empenho era impressionante. Muito bem! A corda soltou-se. Seus braços separaram-se, flutuando em direção à tona, as mãos como sombras de um lado e outro, que mal podia enxergar na luminosidade crescente. Ele as olhou com interesse renovado à medida que, primeiro uma, depois a outra, elas buscaram o nó que apertava seu pescoço. Afrouxaram-no, abrindo-o, as ondulações da corda lembrando as de uma cobra d'água. "Ponham-na de volta!", gritou para as mãos

em pensamento, pois assim que o nó se desfez ele foi assaltado pela dor mais cruciante que jamais experimentara. O pescoço lhe doía horrivelmente. Seu cérebro estava em fogo. E o coração que antes batia manso de repente deu um salto, parecendo a ponto de sair-lhe pela boca. Todo seu corpo foi varrido e sacudido por uma angústia insuportável. Mas as mãos desobedientes não atenderam a seu comando. Batiam na água com vigor, em movimentos rápidos, para baixo, forçando-o rumo à superfície. Até que sentiu a cabeça emergir. A luz do sol cegou-o. Sentiu o peito expandir-se em convulsões e, em suprema agonia, seus pulmões sorveram uma enorme golfada de ar, que ele expeliu no mesmo instante, com um grito agudo.

Agora tinha total controle dos sentidos físicos. Na verdade, eles estavam extraordinariamente aguçados e em alerta. Diante da brutal agressão ao organismo, algo acentuara e refinara seus sentidos a ponto de eles lhe mostrarem coisas que antes não era capaz de perceber. Observava as ondas do rio junto a seu rosto, ouvindo o bater de cada uma delas. Olhava para a floresta além da margem e via árvore por árvore com suas folhas, assim como os veios em cada uma dessas folhas, Via até mesmo os insetos sobre elas: as cigarras, as moscas com seus corpos brilhantes, as aranhas cinzentas espalhando suas teias de um ramo a outro. Notava o prisma das cores nas gotas de orvalho sobre um milhão de lâminas de relva. E o zumbido dos mosquitos que dançavam sobre a tona, o bater das asas das libélulas, o choque das patas das aranhas-d'água, como remos que impulsionassem seus barcos — e tudo isso lhe soava claro como música. Lá se ia um peixe deslizando no fundo e ele podia ouvir o ruído de seu corpo fendendo as águas.

Chegara à superfície de frente para a correnteza. Por um instante, o mundo visível parecera girar a uma velocidade muito lenta, sendo ele seu ponto central. E ele via a ponte, a fortaleza, os soldados sobre a ponte, o capitão, o sargento, os dois paramilitares, seus executores. Via apenas suas silhuetas contra o céu. Gritavam e gesticulavam, apontando para ele. O capitão tinha empunhado a pistola, mas não atirara. Os outros estavam desarmados. Seus movimentos eram grotescos, terríveis, suas formas gigantescas.

De repente, ouviu um estampido agudo e um projétil atingiu a água a poucos centímetros de sua cabeça, borrifando-lhe o rosto. Veio um segundo estampido e ele viu um dos sentinelas com o rifle ao ombro, enquanto uma

nuvem de fumaça azulada subia do cano da arma. Da água, pôde ver os olhos do homem na ponte encarando-o, por trás da mira. Notou que ele tinha olhos cinzentos e lembrou-se de já ter ouvido falar que olhos assim são os mais espertos e que homens de grande pontaria costumam ter olhos dessa cor. E, no entanto, aquele acabara de errar.

Um rodamoinho envolvera Farquhar e ele agora estava de lado para a ponte. De frente para a floresta que ficava na margem oposta à fortaleza. E o som claro, alto, de uma voz entoando uma melodia monocórdia, chegava a seus ouvidos vindo de trás, cruzando a água com tanta nitidez que sobrepujava todos os outros sons, até mesmo a batida das ondas em seu rosto. Embora não fosse soldado, ele já frequentara os acampamentos e conhecia o terrível significado daquele canto arrastado, entoado com força e deliberação. O tenente, na margem, fazia sua parte no trabalho da manhã. Ditas com toda a frieza, sem piedade — com uma entonação que era calma, serena, agourenta, mas que infundia tranquilidade na tropa —, a intervalos bem medidos, ele ouviu aquelas palavras cruéis:

"Atenção, companhia!... Preparar!... Apontar!... Fogo!"

E Farquhar mergulhou. Mergulhou o mais fundo que pôde. A água borbulhava em seus ouvidos como as vozes do Niágara e ainda assim ele ouvia o ruído surdo das rajadas. Ao retornar à superfície, pôde ver as cápsulas de metal, significativamente achatadas, que, brilhantes, desciam correnteza abaixo. Algumas chegaram a tocar-lhe o rosto e as mãos, depois se foram, seguindo seu curso. Uma delas alojou-se entre seu pescoço e a gola da camisa. Sentindo, com um arrepio, que ainda estava quente, atirou-a longe.

No instante em que chegou à tona, em busca de ar, notou que ficara muito tempo debaixo d'água. Encontrava-se muito longe rio abaixo — onde era mais seguro. Os soldados estavam quase acabando de recarregar as armas. Viu as varetas todas brilhando ao sol à medida que eram retiradas dos barris, viradas no ar e introduzidas nos soquetes. Os dois sentinelas dispararam de novo, por conta própria, mas sem sucesso.

O homem caçado observava tudo isso por cima do ombro. Nadava agora com todo o vigor, correnteza abaixo. Seu cérebro estava tão aguçado quanto seus braços e pernas. Raciocinava na velocidade da luz.

"O oficial", pensou, "não vai cometer um erro outra vez por excesso de

zelo. Dá na mesma esquivar-se de uma rajada de tiros ou de um tiro só. Com certeza ele já deu ordens para que cada um atire à vontade. Deus me ajude, pois não vou conseguir escapar de todos eles!”

Foi sacudido por um choque na água a menos de dois metros de onde estava, seguido de um estrondo violento, que foi decrescendo como se ricocheteasse e cruzasse o ar de volta em direção à fortaleza, até morrer com uma explosão que fez todo o rio estremecer. Uma coluna d’água ergueu-se, encobrimdo-o, e depois despencou sobre ele, cegando-o, sufocando-o. O canhão entrara no jogo. Ao sacudir a água que lhe encharcava a cabeça ouviu o zumbido da bala rompendo o ar acima dele, e em seguida seu impacto contra os galhos da floresta mais além, que se despedaçaram.

"Não vão fazer isso de novo", pensou. "Da próxima vez vão usar uma carga de balim. Preciso ficar de olho nesse canhão. A fumaça vai me alertar porque o estampido chega tarde demais. É posterior ao projétil. É uma arma e tanto.”

De repente, sentiu-se envolver por um rodamoinho, todo ele rodando e rodando como um pião. A água, as margens, a floresta, a ponte agora distante, a fortaleza e os soldados — tudo se confundia, num borrão. Os objetos eram perceptíveis apenas por sua cor. Traços circulares e horizontais de cor — era tudo o que via. Fora apanhado num turbilhão, girando e rodopiando a uma velocidade cada vez maior, que o deixava tonto, enjoado. Em instantes, foi atirado contra o cascalho ao pé da margem esquerda do rio —no lado sul — e atrás de uma ponta que o abrigava dos inimigos. A súbita parada e a aspereza do cascalho na palma da mão de repente o fizeram despertar, e ele chorou de alegria. Enterrou os dedos na areia, atirando-a sobre o próprio corpo enquanto agradecia em voz alta. Aquela areia era para ele como se feita de diamantes, rubis, esmeraldas. Tudo o que era belo parecia-se com ela. As árvores sobre a margem eram um gigantesco jardim. E ele notou que as plantas ali estavam compostas como se num arranjo, ao mesmo tempo que inalava seu perfume. Uma luz estranha, rosada, brilhava no espaço entre os troncos e o vento, em seus galhos, produzia a melodia de uma harpa. Já não queria fugir — estaria satisfeito em ficar naquele lugar encantador até ser recapturado.

Um zumbido e um martelar por entre os galhos, acima de sua cabeça, despertaram-no de seu sonho. O artilheiro frustrado fazia novo disparo a esmo.

Farquhar pôs-se de pé e saiu correndo em direção à margem escarpada, penetrando na floresta.

Durante todo o dia caminhou, guiando-se pelo sol. A floresta parecia interminável. Em nenhum ponto encontrou uma só clareira, uma só trilha de lenhadores. Não sabia que vivia numa região de mata tão fechada. E havia nessa revelação qualquer coisa de sobrenatural.

Quando a noite caiu, estava exausto, faminto, com os pés feridos. Mas quando pensava na mulher e nos filhos, sentia-se encorajado a prosseguir. Finalmente deu numa estrada que o levou na direção que ele sabia ser a certa. Era larga e reta como a rua de uma cidade e contudo parecia não ter sido jamais trilhada. Não havia fazendas em suas margens, nem sinal de qualquer atividade. Nem mesmo o latido de um cão sugerindo que o lugar era habitado por humanos. Apenas o corpo negro das árvores formando uma muralha, de ambos os lados, desaparecendo em algum ponto no horizonte, como o desenho de uma lição de perspectiva. No alto, quando ele olhava através das copas das árvores, via o brilho de gigantescas estrelas cor de ouro, que lhe pareciam estranhas e agrupadas em constelações desconhecidas. Tinha certeza de que formavam um padrão cujo significado era secreto e maligno. E a floresta, de um lado e outro, emitia ruídos singulares, entre os quais — uma, duas, várias vezes — pôde distinguir sussurros numa língua que jamais ouvira.

Seu pescoço doía e ao passar a mão nele viu que estava horrivelmente inchado. Sabia que tinha um círculo escuro no lugar onde a corda o ferira. Seus olhos estavam congestionados. Já não conseguia fechá-los. A língua inchara de tanta sede. Procurou aliviar a febre botando a língua para fora por entre os dentes e buscando o contato com o ar frio. A relva macia cobria de tal forma a estrada deserta que ele já não sentia o chão sob seus pés.

Com certeza, apesar de todo o sofrimento, adormeceu enquanto caminhava, pois agora via outro cenário — ou talvez tivesse acordado de um delírio. Está de pé diante do portão de sua própria casa. Tudo continua como ele deixou, brilhando com beleza à luz do sol da manhã. Deve ter caminhado durante toda a noite. Assim que empurra o portão e atravessa a calçada larga e branca, percebe um ondear de saias femininas. É sua esposa, parecendo tão fresca, tão calma e tão doce que desce os degraus da varanda para encontrá-lo. Ao pé do degrau ela pára, esperando, com um sorriso de imensa alegria, com graça e

dignidade incomparáveis. Ah, como é bela E ele corre, com os braços estendidos. Quando está a ponto de abraçá-la sente uma violenta pancada na nuca. Uma luz branca, capaz de cegar, explode à sua volta com um som que se assemelha ao tiro de um canhão — e depois é tudo escuridão e silêncio.

Peyton Farquhar estava morto. Seu corpo, com o pescoço quebrado, balançava lentamente de um lado para outro por entre os dormentes da ponte de Owl Creek



NAUFRÁGIO VIRTUAL

No verão de 1874 eu estava em Liverpool, para onde fora em missão de negócios da empresa mercantil Bronson & Jarrett, de Nova York. Eu sou William Jarrett. Meu sócio era Zenas Bronson. A firma faliu no ano passado, e ele, incapaz de suportar a transição da riqueza para a pobreza, faleceu.

Tendo concluído os negócios que fazia, e sentindo a lassitude e o cansaço provocados pelo despacho das mercadorias, senti que uma viagem mais prolongada seria agradável e benéfica. Assim sendo, em vez de embarcar de volta num dos muitos e elegantes vapores de passageiros, fiz reserva para Nova

York no veleiro *Morrow*, no qual embarcara boa e valiosa parte das mercadorias que comprara. O *Morrow* era um navio inglês com, é claro, poucas acomodações para passageiros, que em verdade éramos apenas três: eu, uma jovem e sua criada, uma negra de meia-idade. Achei estranho que uma moça inglesa tivesse uma criadagem daquele tipo, mas ela própria me explicaria depois que a mulher havia sido deixada em sua família por um homem e uma mulher da Carolina do Sul, que tinham morrido, ambos e no mesmo dia, na casa do pai dela, em Devonshire — circunstância que por si só já era suficientemente estranha para ficar retida em minha mente, tanto mais porque em conversas posteriores fiquei sabendo, pela jovem, que o tal senhor chamava-se William Jarrett, tendo o mesmo nome que eu. Eu sabia que um ramo de minha família se fixara na Carolina do Sul, mas não conhecia nada sobre eles ou sobre sua história.

O *Morrow* deixou a foz do Mersey no dia 15 de junho e navegou por muitas semanas com brisa suave e céu sem nuvens. O capitão, que era um admirável homem do mar mas nada mais do que isso, nos fazia pouca companhia, apenas nas refeições. E a jovem, Srta. Janette Harford, e eu nos tornamos amigos. Estávamos, na verdade, quase todo o tempo juntos e, sendo muito introspectivo, eu me perguntava que novo sentimento era aquele que ela me inspirava — uma atração secreta, sutil mas poderosa, que me fazia a todo instante procurar saber onde Janette estava. Mas não conseguia entender o que pudesse ser. Só sabia que não era amor. Com essa certeza, e percebendo que a jovem era tão sincera quanto eu, certa noite arrisquei-me a perguntar-lhe (lembro-me que a data era 3 de julho), rindo, enquanto estávamos sentados no deque, se ela poderia me ajudar a resolver aquela charada.

Por um instante, ela ficou em silêncio, com o rosto virado para o outro lado, e cheguei a temer que tivesse sido rude e indelicado. Mas logo, muito séria, fixou os olhos em mim. Num segundo, fui invadido pela mais estranha fantasia que já pode ter passado pela mente humana. Era como se ela estivesse olhando-me não com aqueles olhos, mas através deles — desde uma distância imensurável — e como se muitas outras pessoas, homens, mulheres e crianças, em cujos rostos eu captava expressões vaga e estranhamente familiares, a cercassem, lutando na ânsia de também enxergar através daquelas órbitas. O navio, o mar, o céu — tudo desaparecera. Eu já não tinha consciência de nada exceto daquelas figuras, daquele cenário extraordinário e fantástico. E então, de

repente, tudo foi escuridão, e logo, fui saindo aos poucos do negror para a luz, como se me acostumassem às diferentes gradações de luminosidade, até que tudo o que antes me cercava, o deque, o mastro, a cordoagem do navio, lentamente, voltou a foco. A Srta. Harford fechara os olhos e se recostara na cadeira, aparentemente adormecida, com o livro que estivera lendo aberto no colo. Impelido por não sei que motivo, dei uma espiada no alto da página. Era um exemplar de um livro raro e curioso, as Meditações, de Denneker. E o dedo indicador da moça estava pousado sobre a seguinte passagem:

A todos é dado ser tragado para longe e permanecer fora do corpo por um tempo. Pois, assim como acontece com os rios cujas águas se encontram, fazendo com que o mais fraco seja tragado pelo mais forte, também ocorre um tipo de relação na qual os caminhos se interceptam e as almas se fazem companhia, enquanto os corpos vão em direções opostas, sem nada saber.

A Srta. Harford levantou-se, estremecendo. O sol se pusera no horizonte, mas não fazia frio. Não havia uma brisa sequer. Nem nuvens no céu. E contudo tampouco havia estrelas visíveis. Ouvimos uma correria pelo tombadilho. O capitão subiu e dirigiu-se ao primeiro-oficial, que, de pé, observava o barômetro.

"Meu Deus!", ouvi-o exclamar.

Uma hora depois, Janette Harford, que eu mal enxergava em meio à escuridão e aos jatos d'água, foi-me arrancada dos braços pelo rodadoiro cruel do navio que afundava. E eu desmaiei embrenhado nas cordas do mastro que flutuava e ao qual me atara.

Acordei sob a luz de uma lâmpada. Estava deitado num beliche em meio ao ambiente familiar de um camarote de navio a vapor. Num sofá, junto à cama, estava sentado um homem, com roupas de dormir, lendo um livro. Reconheci o rosto de meu amigo Gordon Doyle, o qual conhecera em Liverpool no dia de meu embarque, quando ele próprio se preparava para embarcar no City of Prague, tendo insistido para que eu o acompanhasse.

Alguns minutos depois, falei seu nome. E ele disse apenas "Sim?" e virou mais uma página do livro sem tirar os olhos dele.

"Doyle", repeti, "eles conseguiram salvá-la?"

Ele agora se dignava a me olhar e sorria, divertido. Evidentemente

pensava que eu ainda estava meio adormecido. "Salvar quem? O que você está dizendo?"

"Janette Harford."

Seu ar divertido transfigurou-se em estranheza. Ele agora me olhava fixamente, sem nada dizer.

"Você vai acabar me contando", continuei, "vai acabar me contando."

Pouco depois, perguntei:

"Que navio é este?"

Doyle voltou a olhar-me.

"É o vapor City of Prague, que está indo de Liverpool para Nova York. Três semanas no mar e um mastro quebrado. Passageiro da primeira, Sr. Gordon Doyle; idem, só que lunático, Sr. William Jarrett. Os dois distintos viajantes embarcaram juntos, mas deverão separar-se a qualquer momento em razão da intenção do primeiro de atirar o último ao mar."

Num impulso, sentei-me.

"Você quer dizer que há três semanas sou passageiro deste vapor?"

"É, mais ou menos isso. Hoje é dia 3 de julho."

"Eu estive doente?"

"Você nunca esteve tão bem. E com excelente apetite."

"Deus do céu! Doyle, isso é um mistério. Pelo amor de Deus, fale sério. Então eu não fui resgatado dos escombros do naufrágio do veleiro Morrow?"

Doyle empalideceu e, aproximando-se, segurou-me pelo pulso. Um segundo depois, perguntou, falando devagar:

"O que você sabe sobre Janette Harford?"

"Primeiro diga-me o que você sabe sobre ela."

Doyle olhou-me por um instante como se pensasse no que ia fazer. Em seguida, sentando-se outra vez no sofá, disse:

"E por que não? Estou noivo de Janette Harford, que conheci em Londres há um ano, e com ela vou-me casar. A família dela, uma das mais ricas de Devonshire, é contra o casamento e nós decidimos fugir juntos — já estamos fugindo, para dizer a verdade, porque no dia em que eu e você atravessamos a rampa para subir a bordo deste vapor, ela e sua fiel criada, uma negra, passaram por nós, para tomar o veleiro Morrow. Ela não concordou em viajar no mesmo navio que eu e achamos melhor que tomasse um veleiro de carga, evitando

assim que fosse notada ou até mesmo detida. Agora estou alarmado porque se o maldito defeito não for consertado logo e nos atrasarmos muito, o Morrow vai chegar a Nova York antes de nós e a pobrezinha não terá para onde ir.”

Eu continuava deitado, imóvel — tão imóvel que mal respirava. Mas o assunto evidentemente empolgara Doyle, que depois de uma pausa continuou:

“Por falar nisso, ela é filha adotiva dos Harfords. A mãe dela morreu onde moravam, ao cair de um cavalo durante uma caçada, e o pai, louco de dor, matou-se no mesmo dia. Nenhum parente apareceu para reclamar a criança e assim, depois de um período razoável os Harfords a adotaram. Ela cresceu acreditando que era filha deles.”

“Doyle, que livro é esse que você está lendo?”

“Ah, são as Meditações, de Denneker. É um negócio esquisito que Janette deu para mim. Por acaso ela possuía dois exemplares. Quer dar uma olhada?”

Atirou-me o volume, que se abriu ao cair. Numa das páginas abertas, um trecho estava sublinhado:

A todos é dado ser tragado para longe e permanecer fora do corpo por um tempo. Pois, assim como acontece com os rios cujas águas se encontram, fazendo com que o mais fraco seja tragado pelo mais forte, também ocorre um tipo de relação na qual os caminhos se interceptam e as almas se fazem companhia, enquanto os corpos vão em direções opostas, sem nada saber.

“Janette tinha... tem... um gosto curioso para leitura”, consegui balbuciar, dominando minha agitação.

“É. E agora você vai me fazer o favor de explicar como foi que descobriu o nome dela e do navio em que está.”

“Você falou durante o sono”, respondi.

Uma semana depois, atracávamos no porto de Nova York Mas do Morrow, nunca mais se teve notícia.



LUAR SOBRE A ESTRADA

I

Depoimento de Joel Hetman Jr.

Sou o mais infeliz dos homens. Rico, respeitado, razoavelmente culto, de boa saúde — e com muitas outras vantagens dessas que geralmente são valorizadas por quem as tem e dissimuladas pelos que delas são carentes —,

chego a pensar que talvez pudesse ser menos infeliz se tais vantagens me tivessem sido negadas, porque dessa forma o contraste entre minhas vidas exterior e interior não me chamaria atenção todo o tempo de forma tão dolorosa. Ante a pressão de privações ou sendo obrigado a algum esforço, talvez eu pudesse às vezes esquecer o segredo sombrio que acaba frustrando as conjecturas às quais me obriga.

Sou o único filho de Joel e Júlia Hetman. Ele era um abastado cavaleiro rural, ela uma mulher bonita e realizada, pela qual ele nutria uma paixão que hoje sei era permeada por ciúmes e devoção absoluta. A casa da família ficava a uns poucos quilômetros de Nashville, no Tennessee, e era uma construção grande, feita de forma irregular, sem nenhum valor arquitetônico especial, que ficava a uma certa distância da estrada, em meio a um parque de árvores e arbustos.

Na época que agora descrevo, eu tinha dezenove anos e estudava em Yale. Certo dia, recebi um telegrama de meu pai, num tom de tamanha urgência que, atendendo a seu pedido inexplicado, voltei imediatamente para casa. Na estação de trem em Nashville, fui esperado por um parente distante, que me explicou a razão pela qual fora chamado: minha mãe tinha sido barbaramente assassinada — por que e por quem, ninguém podia imaginar. Mas as circunstâncias eram as seguintes:

Meu pai tinha ido a Nashville, pensando em retornar na tarde seguinte. Algo o impedira de fechar o negócio pretendido e ele decidira antecipar a volta para aquela mesma noite, chegando pouco antes do amanhecer. Em seu depoimento ao juiz, ele contou que, estando sem chave e sem querer acordar os criados, decidiu, sem saber bem por quê, dar a volta até a porta dos fundos. Ao virar uma das esquinas da casa, ouviu o ruído de uma porta sendo fechada devagar e, no escuro, viu distintamente a figura de um homem, que em seguida desapareceu por entre as árvores do pátio. Uma rápida perseguição e uma breve busca pelo terreno, na crença de que se tratasse de um visitante de alguma das criadas, provou-se infrutífera. E, assim, ele entrou pela porta destrancada e subiu as escadas rumo ao quarto de minha mãe. A porta estava aberta e, caminhando no escuro, meu pai tropeçou e caiu sobre um objeto que estava largado no chão. Vou poupar-me dos detalhes: era o corpo de minha pobre mãe, morta por estrangulamento, cometido por mãos humanas!

Nada fora roubado da casa, os criados não tinham escutado nada e, não fosse pelas terríveis marcas de dedos na garganta da morta — Deus do céu! como poderia esquecê-las? —, não havia qualquer outra evidência do assassino.

Abandonei os estudos e fiquei ao lado de meu pai que, naturalmente, se transformara. Calmo e calado por natureza, estava agora mergulhado em um estado de tamanho desânimo que nada era capaz de prender sua atenção, embora, ao mesmo tempo, qualquer coisa — um ruído de passos, uma porta que se fechasse de repente — fosse capaz de deixá-lo em imediato alerta. Ou poderíamos dizer apreensivo. Diante de qualquer pequena surpresa dos sentidos, ele se erguia de um salto, muitas vezes pálido, para em seguida mergulhar numa apatia melancólica ainda mais profunda do que antes. Imagino que estivesse vivendo o que se chama de "colapso nervoso". Quanto a mim, eu era mais novo do que sou hoje — e isso fazia toda a diferença do mundo. A juventude é um bálsamo para qualquer ferida. Ah, como me readaptei a viver naqueles campos encantadores! Desacostumado ao luto, não podia avaliar a dimensão de minha perda. Não tinha como medir a força daquele golpe.

Certa noite, poucos meses depois do horrível acontecimento, meu pai e eu vínhamos da cidade a pé. A lua cheia surgira do horizonte, a leste, três horas antes. Os campos exibiam a imobilidade solene de uma noite de verão. Nossos passos e o ruído incessante dos grilos, ao longe, eram os únicos sons. As sombras negras das árvores de um lado e outro derramavam-se na estrada e esta, onde não havia sombra, brilhava em seu branco fantasmagórico. Quando nos aproximávamos do portão de casa, cuja frente estava imersa em penumbra, e na qual não havia qualquer luz acesa, meu pai parou de repente, apertando meu braço e exclamando, com a respiração entrecortada:

"Deus! O que é isso?"

"Não ouvi nada", respondi.

"Mas, olhe! Veja!", disse ele, com o dedo à altura do rosto apontando a estrada à nossa frente.

E eu falei:

"Não há nada ali. Vamos, pai, vamos entrar. Você não está bem."

Ele soltara meu braço e estava de pé, rígido e imóvel no meio da estrada iluminada, com um olhar insano. Sob o luar, seu rosto exibiu uma palidez e uma fixidez inexpressiva, que me afligiram. Toquei devagar em seu braço, mas ele

parecia ter esquecido que eu existia. E logo começou a recuar, passo a passo, sem por um instante tirar os olhos daquilo que via, ou pensava ver. Virei-me, pronto para segui-lo, mas parei, incerto. Não me lembro de ter sentido medo, exceto por um súbito arrepio que me pareceu puramente físico. Foi como se um vento gelado houvesse tocado meu rosto, envolvendo-me o corpo da cabeça aos pés. Podia senti-lo eriçando meus cabelos.

Naquele instante, minha atenção foi desviada para uma luz que se acendeu de repente numa das janelas do andar superior da casa: uma das criadas, acordada sabe-se lá por que premonição misteriosa e maligna, obedecendo a um impulso que ela própria depois não saberia explicar, acabara de acender uma lâmpada. Quando me voltei para olhar meu pai, ele tinha desaparecido. E, ao longo de todos os anos que se passaram desde então, nenhum sinal de seu destino tocou o mundo real, vindo das profundezas do desconhecido.

II

Depoimento de Caspar Grattan

Hoje, diz-se que estou vivo. Amanhã, restará aqui nesta sala o invólucro de barro morto do que um dia fui. Se alguém porventura erguer o pano e descobrir a face dessa desagradável carcaça, irá fazê-lo por mera curiosidade mórbida. Alguns, sem dúvida, irão mais longe e perguntarão: "Quem foi ele?" Neste relato, darei a única resposta que sou capaz de dar: Caspar Grattan. Claro que isso deverá ser suficiente. Tal nome serviu a minhas mínimas necessidades por mais de vinte anos desta vida cuja duração desconheço. Na verdade, fui eu mesmo que me dei este nome, mas, na falta de outro, tinha o direito de fazê-lo. Neste mundo, todos precisam de um nome. Isso evita confusões, mesmo que não estabeleça uma identidade. Alguns, contudo, são conhecidos apenas por números, que também me parecem distinções inadequadas.

Certo dia, por exemplo, eu caminhava pela rua de uma cidade muito longe daqui, quando encontrei dois homens de uniforme, um dos quais, vacilando e olhando para meu rosto de forma curiosa, disse ao companheiro: "Aquele

homem se parece com o 767." Algo naquele número soou-me familiar e terrível. Movido por um impulso incontrolável atravessei a rua e saí correndo, só parando quando, completamente exausto, cheguei a uma trilha no campo.

Nunca mais esqueci aquele número e ele sempre volta à minha mente em meio a uma algaravia de obscenidades, a explosões de riso cruel, ao som surdo de portas de ferro se fechando. E por isso digo que um nome, mesmo que dado por nós mesmos, ainda é melhor do que um número. Nos registros do cemitério, em breve, eu terei os dois. Quanta opulência!

Àquele que encontrar estes escritos, pedirei um pouco de consideração. Não é a história de minha vida. O conhecimento para escrevê-la me foi negado. É apenas um registro de lembranças fragmentadas e aparentemente secretas, algumas claras e vívidas como contas brilhantes de um colar, outras remotas e estranhas, recobertas pelo véu de carmim dos sonhos, intercaladas por espaços em branco, vazios — fogueiras de bruxas brilhando ainda, vermelhas, em grande desolação.

Estando no limiar da eternidade, volto-me para um último olhar sobre o caminho que trilhei. Vejo vinte anos de pegadas bem delineadas, as impressões de pés sujos de sangue. Atravessam um caminho de pobreza e dor, de solidão e incertezas, como o de alguém tropeçando ante um imenso fardo...

Remoto, inóspito, melancólico, lento.

Ah, a profecia do poeta era Eu — que admirável, o quão terrivelmente admirável!

Voltando ao início dessa via dolorosa — esse épico do sofrimento, com episódios de pecado — já não vejo nada com clareza. Tudo está envolto em névoa. Só sei que a trilha se estende apenas por vinte anos, e contudo sou um homem velho.

Ninguém se lembra do próprio nascimento. É preciso que alguém nos conte sobre ele. Mas comigo foi diferente. A vida se fez para mim quando eu já era um homem adulto, ofertando-me todas as minhas faculdades e poderes. De uma existência prévia nada sei, havendo em tudo vagas sugestões de que tanto pode ser memória quanto sonho. Sei apenas que minha primeira consciência foi a de maturidade, em corpo e em espírito — consciência esta que foi aceita sem

surpresa ou conjecturas. Simplesmente dei por mim caminhando numa floresta, maltrapilho, descalço, horrivelmente cansado e faminto. Vendo uma casa de fazenda, aproximei-me e pedi comida, que me foi dada por alguém que perguntou meu nome. Eu não o sabia, embora soubesse que todos têm nome. Sem saber o que fazer, retirei-me e, como a noite caía, deitei-me na floresta e adormeci.

No dia seguinte cheguei a uma cidade grande, cujo nome omitirei. Tampouco relatarei os outros acontecimentos desta vida que agora está por acabar-se. Uma vida errante, sempre e em toda parte assombrada pela sensação arrasadora de um crime provocado por um erro e de um terror provocado por um crime. Vejamos se consigo reduzir tudo a esta narrativa.

Parece que um dia vivi perto de uma grande cidade, onde fui um próspero fazendeiro, casado com uma mulher que amava, mas na qual não confiava. Tínhamos, às vezes me parece, um filho, um jovem brilhante e promissor. Ele é quase sempre uma lembrança vaga, nunca bem delineada, quase todo o tempo fora do quadro.

Numa noite infeliz, decidi testar a fidelidade de minha mulher de uma maneira vulgar, um lugar-comum, conhecido de todos que estão acostumados à literatura de fatos e ficção. Fui para a cidade e disse a ela que só voltaria no dia seguinte de tarde. Mas voltei à noite, antes do amanhecer, e fui para os fundos da casa com a intenção de entrar por uma porta que eu mesmo preparara de forma a que parecesse estar trancada sem o estar. Quando me aproximava, ouvi o ruído leve de uma porta abrindo-se e fechando-se, e em seguida vi um homem esgueirar-se e desaparecer na escuridão. Cheio de ódio no coração, corri atrás dele, mas ele esvaneceu-se sem que eu pudesse saber quem era. Hoje não consigo sequer ter certeza de que era de fato um ser humano.

Louco de raiva e ciúme, cego, bestial, movido pelas paixões mais baixas de um homem insultado, entrei na casa e disparei escada acima para o quarto de minha mulher. Estava fechado, mas como eu também adulterara aquela tranca, entrei com facilidade e, apesar da escuridão total, logo cheguei à cabeceira dela. Apalpando a cama com as mãos, vi que, embora em desalinho, estava vazia.

"Ela está lá embaixo", pensei, "e, apavorada com minha chegada, escapou de mim pelo corredor escuro."

Disposto a segui-la, virei-me para sair do quarto, mas acabei saindo na

direção errada — ou na direção certa! E meu pé esbarrou nela, agachada num canto da parede. No mesmo instante, minhas mãos apertavam sua garganta, de onde saiu um grito abafado, e meus joelhos prensavam-lhe o corpo, que se debatia. E ali, no escuro, sem uma palavra de acusação, eu a matei, estrangulando-a!

Aqui termina o sonho. Relatei-o no tempo passado, mas o presente teria sido mais apropriado, porque sempre e sempre essa tragédia sombria é reencenada em minha mente. Sempre e sempre, eu traço o plano, sofro com a confirmação, corrijo o erro. E então tudo é vazio. E depois é a chuva batendo contra as vidraças sombrias, ou a neve caindo sobre minhas poucas roupas, as rodas chocando-se contra as pedras das ruas esquálidas onde jaz minha vida, na pobreza e na miséria. Se em algum momento há sol, não consigo lembrar-me. E se há pássaros, não os ouço cantar.

Mas há um outro sonho, outra visão da noite. Estou por entre as sombras de uma estrada iluminada pela luz do luar. Tenho a consciência de uma outra presença, mas não sei ao certo quem é. Na sombra de uma imensa casa, vejo o brilho de uma veste branca. Em seguida a figura de uma mulher, que surge à minha frente na estrada. É minha esposa, que matei! Vejo a morte em seu rosto. Há marcas em sua garganta. Os olhos estão fixos nos meus com infinita gravidade, mas não há reprovação, nem ódio ou ameaça, nem nada tão medonho quanto o simples reconhecimento. Diante dessa horrível aparição, eu fujo, aterrorizado — um terror que sinto até hoje, ao escrever estas linhas. Já não posso encontrar as palavras certas. Vejam! Elas...

Agora estou calmo, mas na verdade nada mais tenho a dizer. O incidente acaba onde começou — na escuridão e na incerteza.

Sim, recuperei meu autocontrole, sou novamente "senhor de meu espírito". Mas isso não é uma trégua. É apenas outro estágio, outra fase de minha expiação. Minha pena, constante em quantidade, é mutável em qualidade. E uma de suas variantes é quando me sinto tranquilo. Afinal de contas, é uma condenação perpétua. "Inferno em vida" — é uma pena tola. O réu é quem escolhe a duração de sua pena. A minha se encerra hoje.

A todos vocês, desejo a paz que nunca tive.

Depoimento da finada Júlia Hetman, através do médium Bayrolles

Eu me deitara cedo, mergulhando imediatamente num sono tranquilo, do qual fui despertada por uma sensação indefinível de perigo, a qual, creio, é uma experiência comum naquela outra vida, a anterior. Tinha certeza de que aquele medo era sem motivo, mas ainda assim continuava sentindo-o. Meu marido, Joel Hetman, estava fora. Os criados dormiam em outra parte da casa. Mas tudo isso era costumeiro. E nunca me afligira. Contudo aquele estranho terror foi crescendo dentro de mim de forma tão insuportável que acabei vencendo a relutância em me mover e afinal levantei-me, acendendo a lâmpada na cabeceira da cama. Mas, ao contrário do que esperava, não senti qualquer alívio. A luz pareceu na verdade aumentar o perigo, pois concluí que ela brilharia através da fresta da porta, denunciando-me para qualquer presença maligna que estivesse escondida do lado de fora. Vocês que ainda são carne e estão sujeitos aos horrores da imaginação, pensem que medo monstruoso não era aquele, que buscava na escuridão um pouco de segurança contra os seres malévolos da noite. É como se trancar em algum lugar com um inimigo invisível — é a estratégia do desespero.

Apagando a lâmpada, cobri-me até a cabeça com as cobertas e ali fiquei, tremendo e em silêncio, incapaz de gritar, sem ao menos lembrar-me de rezar. Nesse estado lamentável, devo ter permanecido por aquilo que vocês chamam horas. Para nós, as horas não existem. O tempo não existe.

Finalmente, lá estava — o som leve, irregular, de passos nas escadas! Eram passos lentos, hesitantes, incertos, como o de algo que não conhecesse o caminho. Para minha mente atormentada, isso foi ainda mais aterrorizante, como a aproximação de um ser maligno, cego e irracional, diante do qual não haveria apelação. Cheguei a pensar que deveria ter deixado a lâmpada do corredor acesa. Aqueles passos titubeantes provavam que a criatura era um monstro da noite. Era um pensamento tão tolo e incoerente quanto o pavor que antes a própria luz me infundira, mas o que fazer? O medo não raciocina. O medo é insano. A prova funesta que ele carrega e os conselhos covardes que sussurra são inenarráveis. Sabemos bem tudo isso, nós que já atravessamos o

Umbral do Terror, que vagamos nas sombras eternas em meio às cenas de nossas vidas prévias, invisíveis até para nós mesmos, invisíveis uns para os outros, escondendo-nos em lugares solitários, desamparados, tentando falar com nossos entes queridos, porém mudos, e sentindo diante deles o mesmo pavor que eles diante de nós. Às vezes, esse impedimento é afastado, a lei suspensa: e, através do poder imortal do amor ou do ódio, nós quebramos o encanto. Somos então vistos por aqueles que gostaríamos de alertar, consolar ou punir. Que aparência temos para eles, não sabemos. Sabemos apenas que aterrorizamos mesmo aqueles que mais queremos confortar, e a quem mais rogamos por ternura e compaixão.

Perdoem-me, eu lhes peço, essa digressão inconsequente de alguém que um dia foi mulher. Vocês, que nos consultam através desses meios imperfeitos, não podem compreender. Fazem perguntas tolas sobre coisas desconhecidas, esquecidas. Quase tudo que sabemos e que poderíamos dividir com vocês não significa nada em seu mundo. Devemos comunicar-nos por meio de uma inteligência gaguejante, dentro da pequena fração de nossa linguagem que vocês são capazes de falar. Vocês pensam que somos de outro mundo. Não. Não conhecemos qualquer outro mundo que não o seu, embora para nós já não haja sol, nem calor, nem música, nem riso, nem canto de pássaros, nem qualquer forma de companhia. Deus! O que é ser um espectro, rastejando e tremendo num mundo distorcido, uma presa do medo e do desespero!

Não, não foi de medo que morri: fosse o que fosse, aquilo foi embora. Ouvi quando desceu as escadas correndo, pelo que me pareceu, como se ele próprio também estivesse com medo, E então levantei-me para pedir ajuda. Mal alcançara, com as mãos trêmulas, a maçaneta da porta quando — Deus do céu! — percebi que ele voltava. Agora, seus passos subindo as escadas eram rápidos, pesados, seguros. Faziam toda a casa estremecer. Corri para um canto da parede e agachei-me no chão. Tentei rezar. Tentei gritar o nome de meu querido marido. E então ouvi a porta se abrir com estrondo. Houve um intervalo de inconsciência e, quando voltei a mim, senti a pressão que se fechava sobre minha garganta, estrangulando-me. Senti meus braços lutando em vão contra alguma coisa que me sobrepujava. Senti minha língua esgueirando-se por entre os dentes! E então fiz a travessia rumo a esta vida.

Não, não tenho conhecimento do que era aquilo. A soma do que

sabíamos no momento da morte é a medida do que saberemos depois, a respeito de tudo o que aconteceu antes. Desta existência sabemos muitas coisas, mas poucas luzes recaem sobre as páginas daquela outra vida. É na memória que está escrito tudo aquilo que seremos capazes de ler. Não há aqui colinas da verdade debruçando-se sobre os domínios onde reina a dúvida. Continuamos lutando no Vale das Sombras, escondidos em suas paragens desoladas, perscrutando através dos espinheiros e da mata seus loucos, malignos habitantes. Como poderíamos saber mais sobre aquele passado que se esbate?

O que relatarei agora aconteceu certa noite. Sabemos quando é noite, porque é quando vocês voltam para suas casas e nós podemos sair de nossos esconderijos, vagando sem medo por cenários onde um dia vivemos. Ah, espiamos através das janelas e chegamos mesmo a entrar para olhá-los enquanto vocês dormem. Por muito tempo, vaguei em torno da casa onde um dia fui cruelmente transformada nisto que sou hoje. É o que fazemos com os lugares onde permanecem aqueles que amamos ou odiamos. Em vão, buscava uma forma de manifestação, uma maneira de fazer com que meu marido e meu filho compreendessem que eu continuava a existir, a sentir um amor imenso e também um enorme pesar. Mas sempre, se estavam dormindo, acordavam, ou, se em meu desespero eu ousava aproximar-me deles quando despertos, tornavam para mim os olhos terríveis dos vivos, assustando-me com aqueles olhares e desviando-me de meus propósitos.

Naquela noite, eu os procurara em vão, ao mesmo tempo temendo encontrá-los. Não estavam em parte alguma da casa, nem no pátio iluminado pela luz da lua. Porque, embora o sol para nós esteja para sempre perdido, a lua, cheia ou tênue, nos é visível. Às vezes brilha à noite, às vezes de dia, mas sempre surge e se põe, como naquela outra vida.

Saí do pátio e, sob a luz esbranquiçada, segui pela estrada silenciosa, sentindo-me triste e cansada. De repente, ouvi a voz de meu pobre marido em exclamações de espanto, junto com a de meu filho, tentando acalmá-lo ou dissuadi-lo. E lá, em meio às sombras das árvores, lá estavam eles — próximos, tão próximos! Seus rostos voltados em minha direção, os olhos do pai fixos nos meus. Ele me via — finalmente, ele podia ver-me! Consciente disso, meu terror desapareceu como um sonho cruel. O encanto mortal estava quebrado: o Amor vencera a Lei. Louca de alegria, gritei — devo ter gritado: "Ele me vê! E ele vai

compreender!" E então, tentando controlar-me, sai em sua direção, sorrindo, consciente de minha própria beleza, oferecendo-me a seus braços, a fim de confortá-lo com meu carinho, de segurar a mão de meu filho e dizer as palavras que restabeleceriam os velhos laços, entre vivos e mortos.

Mas, ai de mim! O rosto de meu marido empalideceu de medo e seus olhos pareciam os de um animal acuado. Virou-me as costas enquanto eu corria e acabou desaparecendo na floresta. Que destino tomou, não me foi revelado.

Quanto a meu pobre filho, duplamente desolado, nunca pude fazer com que sentisse minha presença. Em breve, ele também deverá atravessar a fronteira rumo a esta Vida Invisível e então eu o terei perdido para sempre.



APARIÇÕES

O que era?

Ao sul do ponto em que a estrada entre Leesville e Hardy, no estado do Missouri, corta a bifurcação leste do rio May, existe uma casa abandonada. Ninguém vive lá desde o verão de 1879 e ela está caindo aos pedaços. Por cerca de três anos antes da data que acabo de mencionar, a casa foi ocupada pela família de Charles May, cujos ancestrais tinham dado nome ao rio que passa ali perto. A família do Sr. May consistia em sua mulher, um filho adulto e duas moças. O nome do filho era John — os nomes das filhas, o redator destas linhas desconhece.

John May era rude, soturno e, embora não explodisse facilmente, era dono de um temperamento tão rancoroso e mal-humorado que raramente se vê.

Seu pai era o inverso. Sendo de temperamento solar e jovial, tinha pavio curto, sujeito a explosões momentâneas, que logo eram esquecidas. Não guardava ressentimentos e, assim que a raiva passava, em pouco tempo estava disposto às reconciliações. Tinha um irmão que vivia nas redondezas e que dele diferia em tudo. Os vizinhos comentavam, maldosos, que John herdara o temperamento do tio.

Certo dia houve um desentendimento entre pai e filho, palavras duras foram ditas e o pai acabou dando um soco no rosto do rapaz. Calmamente, John limpou o sangue do rosto e, com os olhos fixos em seu agressor, esteja arrependido, disse com toda a frieza: "O senhor vai morrer por causa disso."

Suas palavras foram ouvidas por dois irmãos, de sobrenome Jackson, que estavam por perto no momento da briga. Mas, vendo que pai e filho estavam discutindo, eles se afastaram, aparentemente sem ser vistos. Charles May depois relatou o acontecido à mulher, explicando que havia pedido perdão ao filho pelo soco, mas em vão. O jovem não apenas rejeitara suas desculpas como também se recusara a retirar a ameaça. Apesar disso, não houve um rompimento explícito nas relações familiares: John continuou vivendo com os pais e a vida seguiu seu curso.

Numa manhã ensolarada de junho, em 1879, cerca de duas semanas depois da briga, May, o pai, saiu de casa depois de tomar café, levando consigo uma pá. Disse que ia cavar junto a uma fonte, num bosque a pouco mais de um quilômetro da casa, a fim de que o gado tivesse água para beber. John ficou em casa por algumas horas, onde se barbeou, escreveu cartas e leu o jornal. Agia da forma costumeira. Ou, talvez, mostrando-se um pouco mais taciturno e ríspido.

Às duas da tarde ele saiu de casa. Às cinco, voltou. Por algum motivo sem qualquer ligação com o interesse em seus movimentos, e do qual não me lembro, tanto a mãe como as irmãs notaram a hora em que ele saiu e a hora em que voltou, como seria dito mais tarde durante seu julgamento por assassinato. Notaram também que a roupa dele estava molhada em alguns pontos, como se (destacaria mais tarde a promotória) ele tivesse lavado manchas de sangue. Sua maneira de agir era estranha e sua aparência, de desvario. Disse que se sentia mal e foi para o quarto se deitar.

May, o pai, nunca voltou. Mais tarde, naquela mesma noite, os vizinhos mais próximos foram chamados e durante toda a madrugada e todo o dia

seguinte empreenderam buscas na floresta onde ficava a fonte. Nada encontraram, exceto as pegadas dos dois homens no barro em torno da nascente. Enquanto isso, John May piorava cada vez mais, com os sintomas de uma doença que o médico local chamou de febre cerebral. E em seus delírios falava de assassinato, embora não explicasse quem teria sido assassinado, nem quem imaginava ser o culpado. Mas a ameaça que fizera foi lembrada pelos irmãos Jackson e, como suspeito, ele foi preso, ficando em prisão domiciliar sob a custódia de um subxerife. A opinião pública estava contra ele e, se não estivesse doente, provavelmente teria sido enforcado pela turba. E, assim, os vizinhos se reuniram na terça-feira, tendo sido criado um comitê para acompanhar o caso e tomar todas as providências que se fizessem necessárias.

Na quarta, tudo mudou. Da cidadezinha de Nolan, a mais de doze quilômetros de distância, chegaram notícias que deram nova luz ao caso. Nolan era composta de uma escola, uma ferraria, um armazém e meia dúzia de casas. O armazém era de um tal Henry Odell, primo de Charles May. Na tarde do domingo em que May havia desaparecido, o Sr. Odell e quatro de seus vizinhos, todos homens de credibilidade, estavam sentados diante do armazém fumando e conversando. Fazia calor. E tanto a porta da frente quanto a de trás estavam abertas. Lá pelas três da tarde, Charles May, que era conhecido de três dos cinco homens, entrou pela porta da frente e saiu pela de trás. Não usava chapéu ou casaco. Não olhou para os homens, nem respondeu aos cumprimentos, gesto que não causou espanto, uma vez que ele estava seriamente ferido. Tinha um ferimento acima da sobrancelha esquerda — um corte profundo, de onde o sangue vertia, cobrindo todo o lado esquerdo do rosto e do pescoço e empapando a camisa cinza clara. Estranhamente, a conclusão da maioria dos homens foi a de que ele se metera em alguma briga e que se dirigia direto para o riacho nos fundos do armazém, para se lavar.

Talvez tenham ficado constrangidos — movidos por um código rural que os impediu de segui-lo e oferecer ajuda. Os autos, dos quais esta narrativa foi em grande parte extraída, restringem-se aos fatos. Eles esperaram que ele retornasse, mas ele não retornou.

Em volta do riacho que passa nos fundos do armazém há uma floresta, que se estende por quase dez quilômetros até as colinas de Medicine Lodge. Assim que chegou à vizinhança do homem desaparecido a notícia de que ele

havia sido visto em Nolan, houve uma mudança imediata nos sentimentos da população. O comitê de vigilância foi dissolvido sem sequer a formalidade de uma resolução. As buscas nas profundezas da floresta junto ao rio May foram suspensas e quase todos os homens da região se puseram a vasculhar os arredores de Nolan e as colinas de Medicine Lodge. Mas do homem desaparecido não se achou traço.

Uma das coisas mais estranhas desse estranho caso é o indiciamento formal e o julgamento de um homem sob a acusação de assassinato de outro homem, cujo corpo jamais foi visto por quem quer que fosse — de um homem, inclusive, que não se sabia ao certo se estava morto. Todos nós já ouvimos falar dos caprichos e excentricidades das leis da fronteira, mas esse caso, acredita-se, é único. Seja como for, consta dos autos que, assim que se recuperou, John May foi acusado pelo assassinato do pai desaparecido. O Conselho de defesa parece que não perdeu tempo e o caso foi julgado por seus méritos. A promotoria foi tibia e negligente. E a defesa rapidamente estabeleceu — levando em conta a vítima — um alibi. Se no momento em que John May matou Charles May, na suposição de que o tivesse matado, Charles May estava a quilômetros de distância de onde John May devia estar, está claro que a vítima só poderia ter morrido pelas mãos de outra pessoa.

John May foi absolvido e deixou a região, sem que, desde então, jamais alguém ouvisse falar dele. Pouco depois, sua mãe e suas irmãs mudaram-se para St. Louis. A fazenda passou para as mãos de um homem que possuía o terreno adjacente, onde tinha seu próprio rancho, e a casa dos May ficou abandonada, tendo adquirido a sombria fama de mal-assombrada.

Certo dia, depois que a família May já havia deixado a região, uns garotos, que brincavam no bosque junto ao rio May, encontraram encoberta sob um monte de folhas mortas, mas parcialmente desenterrada pelos porcos, uma pá, quase nova e ainda brilhante, exceto por um ponto num dos cantos em que estava enferrujada e manchada de sangue. A ferramenta tinha as iniciais C. M. marcadas no cabo.

A descoberta renovou, até certo ponto, a excitação popular dos meses anteriores. O terreno perto do local onde a pá tinha sido encontrada foi cuidadosamente escavado e o resultado foi que se encontrou o corpo de um homem. Havia sido enterrado a uma profundidade de menos de um metro e o

local fora coberto por uma camada de folhas mortas e gravetos. Quase não estava decomposto, fato atribuído a alguma propriedade preservativa do solo rico em minerais.

Acima da sobrelha esquerda havia um ferimento — um corte profundo de onde o sangue vertera, cobrindo todo o lado esquerdo do rosto e do pescoço e empapando a camisa cinza clara. O crânio fora rachado com o golpe. O corpo era de Charles May.

Mas o que era aquilo que atravessou a loja do Sr. Odell em Nolan?

Testemunha de um enforcamento

Um velho de nome Daniel Baker, que vivia em Lebanon, Iowa, era suspeito, segundo os vizinhos, de ter assassinado um mascate que obtivera permissão para pernoitar em sua casa. Isso aconteceu em 1853, quando vendedores ambulantes eram coisa mais comum no Oeste do que são hoje, e quando os perigos eram maiores. O mascate, com sua maleta, atravessava os campos por todo tipo de estrada deserta e tinha de contar com a hospitalidade dos camponeses. Isso colocava-o em contato com tipos estranhos, alguns não muito escrupulosos em seus métodos de ganhar a vida, sendo o assassinato um meio aceitável para alcançar tal objetivo. Às vezes acontecia de um mascate, com a maleta já vazia e a bolsa de dinheiro cheia, ir até a moradia solitária de algum mau-caráter e depois nunca mais se ter notícias dele. Foi assim o caso envolvendo o "velho Baker", que era como o chamavam. (Nos povoados do Oeste, esse tipo de apelido só é dado a pessoas que não são muito benquistas; àquele que é malvisto pela sociedade aplica-se a referência reprovadora à idade.) Um mascate apareceu na casa dele e nunca mais foi visto — era só o que se sabia.

Sete anos depois, o reverendo Cummings, pastor batista muito conhecido naquela região, ia passando certa noite perto da fazenda de Baker. Não estava muito escuro: havia um pedaço de lua em algum lugar acima da bruma leve que encobria os campos. O Sr. Cummings, sempre bem-humorado, assobiava uma

canção, que interrompia de vez em quando para dizer uma palavra de encorajamento a seu cavalo. Ao se aproximar de uma pequena ponte que cruzava uma ravina seca, viu a figura de um homem de pé, claramente delineado sobre o fundo cinza e enevoado da floresta. O homem trazia alguma coisa atada às costas e levava um grosso cajado — obviamente, um vendedor ambulante. Havia em suas maneiras um certo alheamento, como nos sonâmbulos. O Sr. Cummings puxou as rédeas do cavalo quando chegou diante dele e saudou-o com simpatia, convidando-o a subir na carroça — "se estiver indo na minha direção", acrescentou. O homem ergueu o rosto, encarou-o, mas nem respondeu nem saiu do lugar. O pastor, com seu persistente bom humor, repetiu o convite. Então o homem esticou a mão direita e apontou para baixo, enquanto continuava de pé na beirada da ponte. O Sr. Cummings olhou para onde ele apontava, em direção à ravina, mas, não vendo nada demais, virou-se para olhar de novo para o homem. Ele havia desaparecido. O cavalo, que durante todo o tempo estivera estranhamente inquieto, soltou no mesmo instante um relincho de terror e disparou. Quando conseguiu recuperar o controle do animal, o pastor já estava no alto da montanha, centenas de metros adiante. Olhou para trás e viu a figura do homem outra vez, no mesmo lugar e com a mesma atitude que observara. E então, pela primeira vez, foi invadido pela sensação do sobrenatural e partiu para casa a toda velocidade, como o cavalo queria.

Em casa, contou sua aventura à família e, no dia seguinte cedo, acompanhado por dois vizinhos, John White Corwell e Abner Raiser, voltou ao tal lugar. Lá encontraram o corpo do velho Baker pendurado pelo pescoço numa das vigas da ponte, bem embaixo do lugar onde a aparição estivera de pé. Uma fina camada de poeira, levemente umedecida pela bruma, cobria o chão da ponte, mas apenas as pegadas do cavalo do Sr. Cummings eram visíveis.

Ao retirar o corpo, os homens revolveram o chão de terra fofa, esboroada, da encosta, acabando por desenterrar ossos humanos que estavam quase descobertos graças à ação da água e das geadas. Os ossos foram identificados como sendo do mascate desaparecido. No duplo inquérito aberto pelo júri local, ficou comprovado que Daniel Baker havia sido morto pelas próprias mãos, num momento de temporária insanidade, e que Samuel Morrirtz fora assassinado — por quem, o júri não sabia.

Mensagem sem fio

No verão de 1896, o Sr. William Holt, um empresário bem-sucedido de Chicago, estava vivendo temporariamente numa cidadezinha no centro do estado de Nova York, de cujo nome este escritor não se lembra. O Sr. Holt tinha "tido problemas com a mulher", de quem se separara no ano anterior. Se fora alguma coisa mais grave do que "incompatibilidade de gênios", ele é talvez a única pessoa que poderia dizer, já que não cultivava o hábito de fazer confidências. Mesmo assim, contou os incidentes que relatarei aqui a pelo menos uma pessoa, sem que pedisse segredo. Hoje ele vive na Europa.

Certa noite, Holt havia saído da casa do irmão, que acabara de visitar, para um passeio pelos campos. Pode-se supor — seja qual for o valor dessa suposição, diante do que se diz ter acontecido — que ele tivesse a mente ocupada por reflexões sobre sua infelicidade doméstica e sobre as mudanças ocorridas em sua vida. Fossem quais fossem seus pensamentos, o fato é que o absorveram de tal forma que ele não sentiu nem a passagem do tempo nem para onde seus pés o levavam. Sabia apenas que ultrapassara em muito os limites urbanos e que agora atravessava uma região deserta, por uma estrada que não se parecia em nada com a que tinha trilhado ao deixar a cidade. Em resumo, estava perdido.

Percebendo a má sorte, sorriu. A região central do estado de Nova York não era perigosa, nem ninguém é capaz de ficar perdido ali por muito tempo. Virou-se e recomeçou a andar pelo mesmo caminho por onde viera. Antes que fosse muito longe, notou que a região em torno ficava cada vez mais estranha — e clara. Tudo estava envolto num halo de luz suave e avermelhada, na qual via sua própria sombra projetar-se sobre a estrada. "Alua está nascendo", disse a si mesmo. Mas em seguida lembrou-se que era tempo de lua nova e que, mesmo se o astro enganoso estivesse num de seus estágios visíveis, com certeza já teria desaparecido no horizonte. Parou e olhou em volta, procurando a fonte daquela luminosidade, que se espalhava rapidamente. Ao fazê-lo, viu a própria sombra projetar-se à sua frente na estrada, da mesma forma como quando estivera virado para o outro lado. A luz continuava vindo de trás dele. Era surpreendente.

Não podia compreender. Voltou-se outra vez, e mais outra, virando-se para todos os pontos do horizonte. A sombra continuava à sua frente — e a luz atrás, "aquela vermelhidão estranha, quieta".

Holt ficou assombrado — "bestificado" é a palavra que usaria depois, ao relatar o caso —, mas ainda assim manteve uma certa curiosidade racional. Para testar a intensidade daquela luz, cuja causa e natureza não podia determinar, tirou o relógio para ver se conseguia enxergar-lhe os ponteiros. Estavam perfeitamente visíveis, mostrando que eram 11 horas e 25 minutos. Naquele instante, a misteriosa luminosidade de repente explodiu num esplendor intenso, quase capaz de cegar, tomando todo o céu e fazendo desaparecerem as estrelas, enquanto projetava para a frente a sombra agora descomunal de Holt. Foi sob aquela luz assombrada que ele viu, a pouca distância mas a uma certa altura, como se flutuasse, a figura de sua mulher, vestida com roupas de dormir e segurando junto ao seio o filho deles. Os olhos dela encaravam-no com uma expressão que Holt mais tarde se diria incapaz de definir ou descrever, embora ressaltasse que "não era deste mundo".

A luz intensa foi momentânea e logo tudo escureceu, embora a aparição ainda permanecesse visível, pálida e imóvel. Em seguida, foi aos poucos morrendo até desaparecer de todo, como a imagem de uma luz forte que fica na retina depois que fechamos os olhos. Uma peculiaridade daquela aparição, a princípio não notada, mas que ele mais tarde recordaria, é que ele vira apenas a parte superior da figura da mulher: nada havia da cintura para baixo.

A escuridão repentina não foi absoluta e logo ele pôde discernir tudo à sua volta.

Na penumbra da manhã, deu por si entrando na cidade, pelo lado oposto ao qual havia saído. Pouco depois chegou à casa do irmão, que mal o reconheceu. Tinha os olhos injetados e, desvairado, estava da cor do pêlo de um rato. De forma quase incoerente, Holt relatou o que se passara.

"Vá para a cama, meu rapaz", disse-lhe o irmão, "e espere. Vamos acabar descobrindo mais sobre isso."

Horas depois, chegava o telegrama predestinado. A casa de Holt, num dos subúrbios de Chicago, fora destruída pelo fogo. Acuada pelas chamas, sua mulher aparecera na janela, com o filho nos braços. Ali ficara, imóvel, aparentemente em choque. No momento exato em que os bombeiros chegavam

com uma escada, o chão desabara, e ela não fora mais vista. O momento culminante do horror fora às 11 horas e 25 minutos.

Prisão

Tendo assassinado o cunhado, Orrin Brower, de Kentucky, era um foragido da justiça. Escapara da prisão local, onde aguardava julgamento, batendo no vigia com uma barra de ferro e roubando-lhe as chaves, com as quais abrira a porta externa, desaparecendo na noite. Como o vigia estivesse desarmado, Brower fugira sem qualquer arma com a qual pudesse defender a recém-recuperada liberdade. Assim que se viu longe da cidade, cometeu a asneira de embrenhar-se por uma floresta. Isso aconteceu há muitos anos, quando aquela região era bem mais despovoada do que é hoje.

A noite estava muito escura, não havendo lua ou estrelas, e como Brower nunca andara por aquelas redondezas, desconhecendo a região, claro que logo estava perdido. Já não conseguiria dizer se estava caminhando para longe da cidade ou se retornava — o que era de suma importância para Orrin Brower. Sabia que, em qualquer uma das circunstâncias, um bando de homens com seus cães de caça logo estaria em seu encalço e suas chances de escapar seriam pequenas. Mas não ia facilitar as coisas. Por uma hora de liberdade que fosse, valeria a pena lutar.

De repente, saiu da floresta e deu numa velha estrada, na qual viu, indistintamente, a silhueta de um homem, imóvel na penumbra. Era tarde para tentar fugir. O fugitivo sabia que, ao primeiro movimento que fizesse tentando embrenhar-se de novo na floresta, seria, como diria depois, "crivado de balas". E assim os dois permaneceram ali parados como se fossem árvores, Brower quase sentindo-se sufocar com as batidas do próprio coração. O outro — bem, nada se sabe sobre as emoções do outro.

Um segundo depois — ou talvez tenha sido uma hora — a lua surgiu por entre as nuvens e o homem caçado viu nitidamente quando o policial ergueu o braço, apontando de forma significativa numa determinada direção. Compreendeu. Virando as costas para seu captor, caminhou submisso na direção

indicada, sem olhar para os lados, mal ousando respirar, a cabeça e as costas já sofrendo com a profecia de uma bala.

Brower era o mais corajoso dos bandidos que sobreviveram para ser enforcados. Isso ficara patente pela maneira com que se expusera ao perigo ao assassinar friamente o cunhado. Não vamos relatá-la aqui. Tudo isso veio à tona em seu julgamento e a revelação de sua calma diante da situação quase salvou-lhe o pescoço. Mas o que vocês querem? Quando um bravo é vencido, ele se submete.

E, assim, eles seguiram em direção à prisão pela velha estrada, através da floresta. Somente uma vez Brower teve coragem de olhar para trás. Só uma vez, quando estava imerso na sombra e sabia que o outro estava sob a luz do luar, virou-se e espiou. Seu captor era Burton Duff, o vigia, pálido como a morte, trazendo ainda na frente a marca vívida da barra de ferro. Orrin Brower não quis saber de mais nada.

Afinal, chegaram à cidade, onde tudo estava iluminado, embora deserto. Apenas mulheres e crianças tinham ficado na cidade, mas não estavam nas ruas. E o criminoso seguiu em frente, direto para a prisão. Dirigiu-se à entrada principal, tocou a maçaneta da pesada porta de ferro, empurrou-a sem que ninguém lhe mandasse, entrou e se viu na presença de meia dúzia de homens armados. Só então se virou. Ninguém mais entrou.

Sobre a mesa, no corredor, jazia o corpo morto de Burton Duff.

A alucinação de Staley Fleming

De dois homens que conversavam, um era médico.

"Mandeí buscá-lo, doutor", disse o outro, "mas não acredito que possa ajudar-me. Talvez o senhor pudesse recomendar um especialista em problemas mentais. Acho que estou perdendo a razão."

"Você parece tão bem", retrucou o médico.

"O senhor é que vai julgar. Estou tendo alucinações. Acordo todas as noites e vejo em meu quarto, olhando-me intensamente, um imenso cão terranova negro, com as patas da frente brancas."

"Você diz que acorda. Tem certeza? Às vezes, aquilo que chamamos 'alucinações' não passa de sonhos."

"Acordo, sim. Às vezes fico parado, por muito tempo, olhando para aquele cachorro, com o mesmo olhar intenso com que o animal me fita. E a luz está sempre acesa. Quando já não posso suportar, sento-me na cama... e então vejo que não há nada ali!"

"Hum... qual é a expressão do cão?"

"Parece sinistra. Eu sei que, exceto quando se trata de arte, a face de um animal em repouso tem sempre a mesma expressão. Mas esse não é um animal de verdade. Os terra-novas têm um olhar manso, o senhor sabe. O que será que há com esse?"

"Bem, quanto a isso, meu diagnóstico não teria importância. Não é do cachorro que vou tratar."

O médico riu do próprio gracejo, mas ao mesmo tempo observava o paciente com o canto do olho. Até que falou:

"Fleming, a descrição desse animal combina com a do cachorro do falecido Atwell Barton."

Fleming ameaçou levantar-se da cadeira, sentou-se de novo e, querendo mostrar indiferença, falou:

"Eu me lembro do Barton. Acho que ele... dizem que... não houve alguma coisa de suspeito em torno de sua morte?"

Olhando diretamente nos olhos do paciente, o médico disse:

"Há três anos o corpo de Atwell Barton, seu velho inimigo, foi encontrado na floresta, perto da casa dele e da sua. Ele fora esfaqueado e morto. Mas ninguém foi preso. Não havia provas. Algumas pessoas tinham 'teorias'. Eu tinha uma. E você?"

"Eu? Bem, eu... Deus do céu, o que eu poderia saber do assunto? O senhor sabe muito bem que viajei para a Europa logo depois... quer dizer, algum tempo depois. Nas poucas semanas desde que voltei, não seria capaz de construir uma 'teoria', o senhor não acha? Na verdade, não pensei no assunto. Mas o que tem o cachorro dele?"

"Foi quem encontrou o corpo. E depois ficou montando guarda no túmulo, até morrer de fome."

Nada sabemos sobre as leis inexoráveis das coincidências. Pelo menos

Staley Fleming nada sabia, caso contrário não se teria erguido de um salto quando, através da janela, o vento da noite trouxe consigo o longo ganido de um cão, a distância. Andou de um lado para o outro na sala, sob o olhar fixo do médico. Até que, abruptamente e quase gritando, dirigiu-se a este:

"E o que tudo isso tem a ver com meu problema, Dr. Halderman? O senhor esqueceu a razão pela qual foi chamado?"

Levantando-se, o médico segurou o braço do paciente e, delicadamente, falou:

"Perdão. Não posso diagnosticar seu problema de antemão. Amanhã, talvez. Por favor, vá deitar-se e deixe a porta do quarto destrancada. Vou passar a noite aqui com seus livros. Pode me chamar sem levantar-se?" "Posso. Tenho uma campainha."

"Ótimo. Se vir alguma coisa, aperte o botão sem se sentar. Boa noite."

Confortavelmente instalado numa poltrona, o médico ficou olhando as brasas brilharem enquanto se deixava levar por pensamentos profundos, mas aparentemente sem importância, já que por vezes levantava-se, abria a porta que dava para as escadas e ficava escutando atentamente. E em seguida voltava a sentar-se. Até que acabou adormecendo e quando acordou já passava da meia-noite. Remexeu o fogo, apanhou um livro que estava na mesinha a seu lado e leu o título. Eram as *Meditações*, de Denneker. Abriu-o ao acaso e começou a ler:

Porque embora tenha sido determinado por Deus que toda carne tenha espírito e, conseqüentemente, poderes espirituais, assim também o espírito tem o poder da carne, mesmo quando dela se desprende e vive como algo à parte, como muitas violências perpetradas por fantasmas e espectros têm comprovado. E há quem diga que isso não ocorre somente com o homem, mas que também os animais são movidos por tais propósitos maléficos, e que...

A leitura foi interrompida por um estrondo que sacudiu a casa, como a queda de um objeto muito pesado. O médico fechou o livro e saiu correndo, subindo as escadas em direção ao quarto de Fleming. Tentou abrir a porta, mas esta, contrariando suas instruções, estava trancada. Bateu-lhe com o ombro com tal força que a porta cedeu. No chão, junto à cama em desalinho, vestido com a roupa de dormir, jazia Fleming, à morte.

O médico ergueu do chão a cabeça do moribundo, observando o ferimento em sua garganta.

"Devia ter previsto isto", disse, acreditando tratar-se de suicídio.

Quando o homem, depois de morto, foi examinado, notou-se que havia marcas visíveis das presas de um animal que se tinham cravado fundo na veia jugular.

Só que não havia animal algum.

Diagnóstico da morte

"Sou menos supersticioso do que alguns de vocês, médicos — homens da ciência, como gostam de ser chamados", disse Hawver, respondendo a uma acusação que sequer fora formulada. "Alguns de vocês — poucos, é verdade — acreditam na imortalidade da alma e em aparições que não têm a honestidade de chamar de fantasmas. Eu tenho apenas a convicção de que os seres vivos às vezes são vistos onde não estão, mas onde já estiveram — em lugares onde viveram por muito tempo, ou talvez tão intensamente, que deixaram sua marca no ambiente. Sei, na verdade, que o ambiente onde uma pessoa vive pode ser afetado por sua personalidade, a ponto de emitir, muito tempo depois, a imagem dessa pessoa ante os olhos dos outros. Sem dúvida, não é qualquer personalidade que é assim tão marcante, assim como os olhos que percebem também têm de ser de um tipo especial — como os meus, por exemplo."

"Sim, o tipo certo de olhos, mas enviando sensações para o tipo errado de cérebro", disse o Dr. Frayley, sorrindo.

"Obrigado. É bom quando nossas expectativas são atendidas. É exatamente essa a resposta que se espera ouvir em nome da civilidade."

"Perdoe-me. Mas você diz que sabe. Isso é muita coisa, não acha? Talvez não se incomodasse em me contar como foi que aprendeu tudo isso."

"Você vai dizer que é alucinação", respondeu Hawver, "mas não me importo."

E foi assim que ele contou a história.

"No verão passado, eu fui, como você sabe, passar a temporada quente na cidade de Meridian. O parente em cuja casa pretendia hospedar-me ficou doente, por isso procurei outro local para ficar. Com muita dificuldade, consegui alugar uma casa que estava vazia, tendo sido antes ocupada por um médico excêntrico de nome Mannering, que se fora muitos anos antes. Para onde, ninguém sabia, nem mesmo seu agente. Ele próprio construira a casa e nela vivera com uma velha criada durante cerca de dez anos. Após algum tempo, renunciara à prática da medicina, à qual já pouco se dedicava. Não apenas isso: na verdade, tornara-se um recluso, abrindo mão de qualquer tipo de vida social. O médico local, única pessoa com a qual mantinha algum contato, contou-me que durante o período de reclusão ele se dedicara inteiramente a uma determinada pesquisa, cujo resultado expusera em um livro. Este fora desaprovado por seus pares, que na verdade consideravam-no meio louco. Não tive oportunidade de ler o livro, de cujo título sequer me recordo, mas sei que abordava uma teoria muito surpreendente. Ele assegurava ser possível a qualquer pessoa, desfrutando de boas condições de saúde, prever a própria morte com toda a precisão, com muitos meses de antecedência. O limite, creio, era de dezoito meses. Corriam histórias de que o médico exercera essa sua capacidade de fazer prognósticos — ou diagnósticos, como você chamaria. E dizem também que em todos os casos a pessoa, cujos amigos haviam sido avisados, morrera de repente na hora exata apontada por ele, sem qualquer razão aparente. Nada disso, porém, tem a ver com o que quero contar. Só achei que um médico se divertiria ouvindo isso, "A casa era mobiliada, com os mesmos móveis do tempo em que ele lá vivera. Era na verdade uma casa sombria para alguém como eu, que não era nem recluso nem pesquisador, e acho que talvez me tenha transmitido um pouco dessa sua característica — ou talvez um pouco do caráter de seu ocupante anterior. Porque eu sentia nela uma constante melancolia que não fazia parte do meu temperamento, nem mesmo como consequência da solidão. Nenhum criado dormia na casa, mas eu sempre me senti muito bem em minha própria companhia, como você sabe, gostando muito de ler, embora não de estudar. Fosse qual fosse a causa, o efeito era de desalento, como se alguma coisa maléfica pairasse no ar. A sensação era especialmente forte no gabinete do Dr. Mannering, embora o aposento fosse o mais claro e arejado da casa. O retrato a óleo do médico, em tamanho natural, ficava pendurado na parede,

parecendo dominar toda a sala. Não havia nada de estranho na pintura. O homem tinha bom aspecto, aparentava cerca de cinquenta anos, cabelos grisalhos, rosto bem escanhado e olhos graves e escuros. Mas algo naquele quadro sempre chamava e prendia minha atenção. A aparência do homem tornou-se familiar para mim e era quase como se me assombrasse.

"Certa noite atravessei a sala em direção a meu quarto, levando nas mãos uma lamparina — não há gás em Meridian. Como sempre fazia, parei diante do retrato que, à luz da lamparina, parecia ganhar uma expressão nova, de difícil definição, mas sem dúvida alguma sobrenatural. Fiquei interessado, mas não perturbado. Movi a lamparina de um lado para o outro, observando os efeitos provocados pelas nuances de luz. Quando o fazia, tive um impulso de virar-me. E, ao fazê-lo, vi que um homem atravessava a sala em minha direção! Assim que chegou perto o suficiente para que a luz lhe iluminasse o rosto, vi que era o Dr. Mannering. Era como se o retrato estivesse vivo.

"'Perdão', falei, com certa frieza, 'mas se o senhor bateu, eu não ouvi.' 'Ele passou por mim, a um metro de distância, ergueu o dedo indicador da mão direita, como se quisesse fazer-me uma advertência, e sem dizer palavra saiu da sala, embora eu não o visse sair — da mesma forma como não o vira entrar.

"Claro, nem preciso dizer-lhe que aquilo era o que você chamaria de alucinação e eu de aparição. Aquela sala tinha apenas duas portas, sendo que uma estava trancada. A outra dava para um quarto de dormir, que não tinha outra saída. O que eu senti ao dar-me conta disso não tem real importância para o meu relato.

"Para você, sem dúvida, tudo isso deve ser uma 'história de assombração' das mais comuns — construída com os elementos regulares usados pelos velhos mestres da arte. Se assim fosse, não a teria contado, mesmo sendo verdadeira. O homem não estava morto. Eu o encontrei hoje na Union Street. Passou por mim em meio à multidão."

Hawver tinha terminado sua história e os dois estavam em silêncio. O Dr. Frayley tamborilava os dedos sobre a mesa, com ar ausente.

"E hoje ele falou alguma coisa?", perguntou. "Alguma coisa que o levasse a crer que não está morto?"

Hawver olhou-o sem responder.

"Talvez", continuou o Dr. Frayley, "tenha feito um sinal um gesto.

Erguido o dedo, como se em advertência. É um tique que ele tinha — um hábito, sempre que dizia alguma coisa séria — quando anunciava o resultado de um diagnóstico, por exemplo.”

“De fato, ele fez isso, sim — exatamente como a aparição havia feito. Mas... Deus do céu! Você o conhecia?”

Hawver parecia cada vez mais nervoso.

“Conhecia, sim. Li seus livros, como todos os médicos acabam fazendo um dia. É uma das contribuições mais importantes e fundamentais para a ciência médica deste século. Sim, eu o conhecia. E o atendi quando estava doente, há três anos. Ele está morto.”

Hawver ergueu-se da poltrona, visivelmente perturbado. Começou a andar de um lado para o outro da sala. Depois aproximou-se do amigo e, com a voz trêmula, disse:

“Doutor, o senhor tem alguma coisa a me dizer... como médico?”

“Não, Hawver. Você é a pessoa mais saudável que conheço. Como amigo, aconselho-o a ir para seu quarto. Você toca violino como um anjo. Toque. Toque alguma coisa leve e alegre. E tire essa maldita história da cabeça.”

No dia seguinte, Hawver foi encontrado morto em seu quarto, com o violino em posição, o arco sobre as cordas partitura, à sua frente, aberta na marcha fúnebre de Chopin.



O ambiente adequado

I

A noite

Numa noite de pleno verão, o filho de um fazendeiro que vivia a cerca de quinze quilômetros de Cincinnati seguia por uma trilha de cavalos em meio a uma floresta densa e escura. O rapaz se perdera quando procurava por algumas

vacas desgarradas e por volta da meia-noite já estava a uma enorme distância de casa, numa região que lhe era desconhecida. Mas tratava-se de um rapaz corajoso e, sabendo vagamente qual era a direção de casa, seguira floresta adentro sem hesitar, guiando-se pelas estrelas. Ao dar com a trilha de cavalos, e notando que ela rumava exatamente na direção certa, decidiu segui-la.

A noite estava clara, mas dentro da floresta a escuridão envolvia tudo. Era mais pelo tato do que pela visão que ele seguia caminho. Na verdade, seria difícil sair da trilha. De ambos os lados a vegetação, de tão fechada, era quase impenetrável. Já caminhara floresta adentro por dois ou três quilômetros quando se surpreendeu ao ver uma fraca luminosidade brilhando através da folhagem na beira do caminho, à sua esquerda. Aquela visão deixou-o atônito e seu coração começou a bater com toda força.

"A velha casa Breede fica perto daqui", disse para si mesmo. "Devo estar na outra extremidade do caminho que vai dar lá, saindo de nossa casa. Mas... por que será que há uma luz ali?"

De qualquer forma, seguiu em frente. Pouco depois, emergia da floresta, indo dar num pequeno espaço aberto, recoberto de espinheiros. Havia resquícios de uma cerca, semidestruída. A poucos metros da trilha, no meio da clareira, lá estava a casa de onde emanava a luz, através de uma janela sem vidros. A janela um dia tivera uma vidraça, mas esta, assim como a esquadria, tinha sido há muito destruída pelos projéteis arremessados por meninos aventureiros, dispostos a provar, a um só tempo, sua coragem e sua hostilidade às forças sobrenaturais. Sim, porque a casa Breede tinha a reputação maldita de ser uma casa mal-assombrada. Talvez não o fosse, mas nem mesmo o mais cético poderia negar que estava abandonada — o que, em zonas rurais, significa praticamente a mesma coisa.

Olhando para a luz misteriosa que emanava através da janela quebrada, o garoto lembrou-se, com certa apreensão, que sua própria mão contribuía para aquela destruição. Claro que sua penitência, por tardia e inútil, seria terrível. De certa forma ele esperava ser punido por todos os espíritos maléficos e inomináveis que desafiara, ao ajudar a arrebentar-lhes as janelas e a paz. Mas nem assim o rapaz obstinado, que tremia da cabeça aos pés, fugiu. O sangue em suas veias era forte e rico em ferro, como o dos homens da fronteira. Pertencia à segunda geração daqueles que haviam dominado os índios. E seguiu em frente,

pronto para passar em frente à casa.

No momento em que passava, olhando através do vão da janela, deu com um cenário estranho e aterrador — a figura de um homem sentado no meio da sala, diante de uma mesa onde havia algumas folhas de papel. Os cotovelos estavam sobre a mesa e as mãos sustentavam a cabeça, sem chapéu. De ambos os lados, os dedos estavam enfiados nos cabelos. À luz da única vela que brilhava a seu lado, o rosto do homem era de uma palidez cadavérica. A chama iluminava só um lado do rosto e o outro estava envolto pela escuridão. Seus olhos estavam fixos no vão da janela, com um olhar que um observador mais frio e mais experiente descreveria como de medo, mas que para o rapaz pareceu um olhar vazio, sem alma. Ele achou que o homem estava morto.

A situação era horrível, mas carregava algum fascínio. E o rapaz parou para olhar melhor. Sentia-se fraco, tremia, parecia a ponto de desmaiar. Podia sentir o sangue fugir-lhe do rosto. E contudo, trincando os dentes, avançou em direção à casa. Não sabia ao certo o que iria fazer — era a mera coragem provocada pelo terror. Enfiou o rosto pálido pelo vão iluminado da janela. Naquele instante, um grito agudo e estranho cortou o silêncio da noite — era o piado de uma coruja. O homem pôs-se de pé num pulo, derrubando a mesa e apagando a vela. E o rapaz saiu em disparada.

II

O dia anterior

"Bom dia, Colston. Parece que estou dando sorte. Você já cansou de dizer que meus elogios a seu trabalho literário eram por pura educação e agora me encontra aqui absorto — na verdade completamente envolvido —, com sua última história no Messenger. Só mesmo seu toque no meu ombro me fez recobrar a consciência."

"A prova é mais forte do que imagina", respondeu o outro. "Você está tão ansioso por conhecer a história que é capaz de renunciar às próprias considerações e estragar todo o prazer que poderia obter com ela."

"Não estou entendendo", disse o leitor, dobrando o jornal e guardando-o no bolso. "Vocês, escritores, são muito esquisitos. Vamos lá. Conte-me o que foi que eu fiz ou deixei de fazer, Em que sentido o prazer que tiro, ou posso tirar, de seu trabalho depende de mim?"

"Em vários sentidos. Você gostaria de tomar seu café da manhã aqui neste bonde? E suponha que houvesse um fonógrafo tão perfeito que fosse capaz de reproduzir uma ópera inteira — o canto, a orquestração, tudo —, você acha que a ouviria com prazer em pleno escritório, durante o trabalho? Você seria capaz de apreciar uma serenata de Schubert tocada ao violino por um italiano inoportuno, no ferryboat matinal? Você está sempre disposto a se divertir? Está sempre atento, pronto para apreciar tudo? Permita-me lembrar-lhe, meu caro, que a história que acabou de me dar a honra de começar a lei, apenas como um artifício para esquecer o desconforto deste bonde, é uma história de assombração!"

"E daí?"

"E daí? Será que o leitor não tem também deveres, correspondentes a seus privilégios? Você pagou cinco centavos por esse jornal. É seu. Tem o direito de lê-lo quando e onde quiser. A maior parte do que está escrito nele não será afetada, para melhor ou para pior, pelo momento, local ou clima da leitura. Algumas notícias devem mesmo ser lidas de imediato — enquanto ainda têm gás. Mas minha história não é desse tipo, Não faz parte da lista de 'últimas novidades' da Terra Assombrada. Você não tem obrigação de estar atualizado acerca de tudo o que acontece nas regiões do além. Essa história se manterá até que você possa conceder à sua mente um momento de relaxamento, apropriado para apreender seu significado — e, com todo respeito, devo dizer-lhe que isto não pode ser feito dentro de um bonde, mesmo que você seja o único passageiro. Porque, ainda assim, a solidão será uma solidão inadequada. Um escritor tem direitos que o leitor deve respeitar."

"Dê um exemplo específico."

"O direito a ter uma atenção exclusiva por parte do leitor, negá-lo, seria imoral. Fazê-lo dividir a atenção com o barulho de um bonde, com as imagens corridas dos transeuntes nas calçadas, com os prédios passando — com milhares de outras distrações que compõem nosso ambiente habitual — é ameaçá-lo com uma injustiça grosseira. Por Deus, é infame!"

O escritor se pusera de pé, segurando-se em um dos apoios pendurados no teto do bonde. O outro olhava-o espantado, perguntando-se como uma ofensa tão banal podia justificar linguagem tão dura. Notou que o rosto do escritor estava extraordinariamente pálido, enquanto seus olhos brilhavam como carvões em brasa.

"Sabe bem o que quero dizer", continuou ele, atropelando as palavras, "sabe o que quero dizer, Marsh. O que escrevo nesse matutino traz o subtítulo 'Uma história assombrada'. Está mais do que claro. Qualquer um dos meus honrados leitores entenderá que com isso estão subentendidas as condições sob as quais o texto deve ser lido."

O homem chamado Marsh estremeceu levemente e depois perguntou com um sorriso:

"Que condições? Você sabe muito bem que sou apenas um homem de negócios, do qual não se espera que entenda de determinados assuntos. Como, quando e onde devo ler sua história de assombração?"

"Em total solidão — à noite — sob a luz de uma vela. Há certas emoções que um escritor pode provocar com facilidade - como divertimento ou compaixão. Posso levá-lo às lágrimas ou a uma gargalhada em praticamente qualquer circunstância. Mas para que minha história de assombração tenha efeito, você precisa sentir medo — ou pelo menos uma forte sensação de sobrenatural—, e aí está algo difícil. Tenho o direito de esperar que, já que me lê, você deva me dar uma chance. E se disponha a sentir a emoção que estou tentando inspirar."

O bonde acabara de chegar ao terminal e parara. A viagem recém-terminada era a primeira do dia e a conversa dos dois passageiros madrugadores não fora interrompida. As ruas ainda estavam vazias, silenciosas. Os telhados das casas apenas começavam a receber a luz do sol. Assim que saltaram e começaram a caminhar juntos, Marsh observou seu companheiro, do qual se dizia, como aliás da maioria dos homens com rara habilidade literária, ser chegado a vários vícios destrutivos. É essa a vingança das mentes simples contra aquelas mais brilhantes, por se ressentirem de sua superioridade. O Sr. Colston era conhecido como um homem de gênio. Há almas honestas que acreditam serem os gênios uma espécie de excesso. Sabia-se que Colston não era de beber, mas muitos comentavam que ele usava ópio. Alguma coisa em sua aparência

naquela manhã — um certo olhar selvagem, a estranha palidez, a maneira de falar, rápida e rouca — parecia ao Sr. Marsh confirmar tais comentários. Mas ele não abandonaria um assunto que achava interessante, por mais que isso deixasse seu amigo agitado.

"Você quer dizer", falou, "que se eu me desse ao trabalho de seguir seus conselhos — criando as condições pedidas: solidão, noite, um toco de vela —, você e sua história assombrada seriam capazes de provocar em mim a sensação desconfortável do sobrenatural, como você chama? Você acha que seria capaz de acelerar meu pulso, de me fazer levantar de um pulo ao ouvir um ruído, de sentir um arrepio nervoso percorrer minha espinha, fazendo meu cabelo arrepiar-se?"

Colston virou-se de repente, encarando o outro, à medida que andavam.

"Você não ousaria. Não teria coragem", disse. Enfatizou a frase com um gesto de desdém. "Você é corajoso o suficiente para me ler num bonde, mas numa casa abandonada, sozinho, no meio da floresta, e à noite? Ah! Tenho aqui no bolso um manuscrito que seria capaz de matá-lo!"

Marsh zangou-se. Considerava-se corajoso e aquelas palavras mexeram com ele.

"Se você conhece um lugar assim", disse, "leve-me até lá hoje à noite e deixe-me com sua história e um toco de vela. Vá me procurar quando achar que já deu tempo de ler o texto, que vou lhe contar o enredo todo — e botar você para correr!"

E foi assim que o jovem fazendeiro, olhando através do vão da janela da casa Breede, viu um homem sentado sob a luz de uma vela.

III

O dia seguinte

Na tarde seguinte, três homens e um rapaz se aproximaram da casa Breede pelo mesmo local de onde, na noite anterior, viera o jovem fazendeiro. Os homens estavam alegres. Falavam alto e riam. Faziam piadas e comentários

irônicos sobre a história que o rapaz contara, na qual evidentemente não acreditavam. O garoto aceitava a provocação sério, sem responder. Tinha uma noção apropriada das coisas e sabia muito bem que quando alguém conta que viu um homem morto levantar-se de sua cadeira e apagar uma vela ninguém acredita nele.

Ao chegaria, e encontrando a porta destrancada, os investigadores entraram sem qualquer cerimônia. No corredor junto à entrada havia duas outras portas, uma à direita e uma à esquerda. Penetraram no aposento da esquerda — aquele que tinha a janela dando para a frente. E encontraram o cadáver de um homem.

Estava caído meio de lado, com o braço esticado sob o corpo e o rosto contra o chão. Os olhos estavam arregalados. E o olhar que tinha não era um espetáculo agradável. Com a mandíbula caída, escorria de sua boca um fio de saliva, formando uma pequena poça. Uma mesa derrubada, um toco de vela, uma cadeira e algumas folhas de papel manuscritas eram os únicos outros objetos do aposento. Os homens observaram o corpo, tocando-lhe o rosto. O rapaz olhava tudo com gravidade, quase com um olhar de posse. Nunca na vida se sentira tão orgulhoso. Um dos homens virou-se para ele. "Você é dos bons" — comentário que foi recebido pelos outros dois com sinais de concordância. Era o Ceticismo pedindo desculpas à Verdade. Em seguida, um dos homens apanhou do chão os papéis manuscritos e encaminhou-se até a janela, porque as sombras da noite já começavam a descer sobre a floresta. O som do bacurau já se fazia ouvir a distância e um besouro gigantesco voejou junto à janela com suas asas ruidosas, desaparecendo em seguida. E o homem leu.

IV

O manuscrito

"Antes de cometer o ato sobre o qual, certo ou errado, estou decidido, e de apresentar-me diante de meu Criador para julgamento, eu, James R. Colston, na qualidade de jornalista, sinto-me no dever de dar um testemunho a meu

público. Meu nome é, ao que sei, razoavelmente conhecido como escritor de contos trágicos, mas nem a imaginação mais sombria seria capaz de conceber algo mais terrível do que a história de minha própria vida. Não pelo que tenha acontecido: minha vida tem sido destituída de aventuras ou ação. Mas minha carreira mental tem sido ensombrecida por assassinatos e maldições. Não vou contá-los aqui — alguns deles já estão escritos e prontos para publicação em outro lugar. O objetivo destas linhas é explicar a quem interessar possa que minha morte é voluntária — resultado de minha própria vontade. Deverei morrer à meia-noite do dia 15 de julho — uma data significativa para mim, já que foi nesse dia, e nessa hora, que meu amigo, no tempo e na eternidade, Charles Breede, fez a mim seu juramento, cometendo o mesmo ato ao qual, por sua fidelidade a nosso pacto, sinto-me agora obrigado. Ele se matou em 85 sua casa na floresta de Copeton. Houve o veredicto de sempre atestando 'insanidade temporária'. Tivesse eu testemunhado naquele inquérito — tivesse eu contado tudo o que sabia, e eles me teriam classificado de louco.”

Seguia-se uma passagem evidentemente longa que o homem com o manuscrito leu para si. O restante, leu em voz alta:

"Ainda tenho uma semana de vida para tomar todas as providências e preparar-me para a grande transformação. É o bastante, pois tenho poucos negócios e já faz quatro anos que a morte se tornou para mim uma obrigação imperativa.

Deixarei este manuscrito ao lado de meu corpo. Quem o encontrar, por favor, leve-o ao juiz.”

James R. Colston.

"P. S.—Willard Marsh: neste dia fatal de julho, passo a suas mãos o manuscrito, para ser aberto e lido nas condições acordadas, bem como no local por mim designado. Desisto de deixar este manuscrito junto a meu corpo para explicar as circunstâncias de minha morte, já que isso não tem importância. Ele servirá para explicar as circunstâncias da sua. Vou ter com você durante a noite para me assegurar de que leu o texto. Você me conhece bem e sabe que o farei. Mas, meu caro amigo, eu o farei depois da meia-noite. Que Deus tenha piedade de nossas almas!”

Enquanto o homem lia o manuscrito, a vela havia sido apanhada do chão e acesa. Quando a leitura terminou, ele calmamente levou o papel em direção à chama e, apesar dos protestos dos outros, manteve-o ali até que se transformasse em cinzas. O homem que fez isso, e que mais tarde receberia sem reagir uma severa reprimenda do juiz, era genro do finado Charles Breede. Durante o inquérito, não foi possível esclarecer o que havia escrito naquele papel.

V

Do Times

"Ontem, a Delegacia de Insanidade recolheu ao asilo o Sr. James R. Colston, um conhecido escritor local que colaborava com o Messenger. Deve ser lembrado que na noite do dia 15 passado, o Sr. Colston foi entregue à polícia por um de seus companheiros de quarto na Pensão Baine, segundo o qual ele agia de forma muito suspeita, desnudando o pescoço e molhando uma lâmina — depois de testar se estava afiada —, passando-a na pele do braço etc. Ao ser entregue à polícia, o infeliz opôs forte resistência e desde então tem estado tão violento que foi preciso encerrá-lo numa camisa-de-força. Nossos outros estimados escritores da atualidade continuam, na maioria, à solta."



Um dos gêmeos

Carta encontrada entre os papéis do falecido Mortimer Barr

Você me pergunta se em minha experiência como gêmeo observei alguma coisa não prevista nas leis da natureza como as conhecemos. Deixo a seu critério julgar. Talvez não tenhamos conhecimento das mesmas leis naturais. Talvez você conheça alguma que eu desconheça e o que seja imprevisível para mim talvez esteja claro para você.

Você conheceu meu irmão, John. Quer dizer, conheceu-o quando sabia que eu não estava presente. Mas nem você nem qualquer ser humano, acho, seria capaz de distinguir entre mim e ele se decidíssemos parecer idênticos. Nossos pais não conseguiam. Não conheço qualquer outro caso de semelhança tão absoluta quanto o nosso. Falo de meu irmão John, mas não estou bem certo se o nome dele não era Henry e o meu John. Fomos batizados, como de costume, mas em seguida, ao ser tatuados com pequenas marcas de diferenciação, o

tatuador se confundiu. E ainda que eu tenha no braço um pequeno "H" e meu irmão um "J", não é nada impossível que as letras tenham sido trocadas. Quando éramos meninos, nossos pais tentavam diferenciar-nos da forma mais óbvia, através de nossas roupas ou de outros artifícios simples, mas era tão comum nós trocarmos de roupa e assim enganarmos o inimigo que eles acabaram abandonando tais estratégias ineficientes. E assim, por todos os anos em que vivemos juntos em casa, todos reconheciam a dificuldade da situação e faziam o melhor que podiam, chamando-nos, aos dois, de "Jehny". Fico pensando na paciência de meu pai em não nos mandar logo ferrar em local visível, embaixo das indignas sobranceiras, mas, como éramos rapazes razoavelmente bons e como usávamos nosso poder para confundir e aborrecer os outros com certa moderação, escapamos dos ferros. Meu pai era, na verdade, um homem de temperamento especialmente bom e acho até que no fundo se divertia com aquela brincadeira da natureza.

Pouco depois de chegarmos à Califórnia e de nos estabelecermos em San José (onde a única coisa boa que nos esperava era o encontro com esse bom amigo que você é), a família, como você bem sabe, foi desestruturada pela morte, na mesma semana, de meu pai e minha mãe. Meu pai estava falido ao morrer e a casa teve de ser vendida para pagar suas dívidas. Minhas irmãs voltaram para o Leste para viver com parentes, mas, graças a sua bondade, John e eu, na época com 22 anos, conseguimos emprego em São Francisco, em regiões diferentes da cidade. As circunstâncias nos impediram de morar juntos e não era sempre que nos víamos, geralmente não mais do que uma vez por semana. Como não tínhamos muitos amigos em comum, pouco se sabia sobre nossa semelhança. E agora vamos à questão referente à sua pergunta.

Certo dia, pouco tempo depois de nossa mudança para esta cidade, eu caminhava pela Market Street num fim de tarde quando fui abordado por um homem de meia-idade, bem-vestido, que, depois de me cumprimentar cordialmente, disse:

"Stevens, eu sei muito bem que você não sai muito, mas falei sobre você à minha esposa e ela adoraria recebê-lo em nossa casa. Acho, também, que você iria gostar de conhecer minhas filhas. Por que não vem amanhã às 6h e janta conosco, en famille? E depois, se as senhoras não conseguirem distraí-lo, podemos jogar um pouco de bilhar."

A frase foi dita com um sorriso tão luminoso e um jeito tão envolvente que não tive coragem de recusar e, embora nunca tivesse visto o homem na vida, respondi:

"É muita bondade sua, senhor, e me dará enorme prazer aceitar o convite. Por favor, apresente meus cumprimentos à Sra. Margovan e diga-lhe que irei."

Com um aperto de mão e simpáticas palavras de despedida, o homem se afastou. Não havia dúvida de que ele me confundira com meu irmão. Era um engano ao qual já me acostumara e que não tinha o hábito de retificar, a não ser que o assunto fosse importante. Mas como eu poderia saber que o sobrenome daquele homem era Margovan? Com toda a certeza, não é um daqueles nomes que se aplica ao acaso, com uma boa chance de acertar. Para dizer a verdade, o nome era para mim tão estranho quanto o próprio homem.

Na manhã seguinte, fui até o emprego de meu irmão e encontrei-o na saída do escritório com umas contas na mão, de cobranças que ia fazer. Conte-lhe do encontro que marcara por ele, dizendo-lhe que, caso ele não quisesse ir, eu teria prazer em fazer seu papel.

"Que curioso", disse ele, pensativo. "Margovan é a única pessoa aqui do escritório com a qual me dou e de quem gosto. Quando ele entrou hoje de manhã e nos cumprimentamos, como de hábito, eu tive um estranho impulso e disse: 'Ah, Sr. Margovan, desculpe-me, mas esqueci de lhe pedir o endereço.' Peguei o endereço, mas não tinha a menor idéia do que fazer com ele, até um minuto atrás. Acho ótimo que você se ofereça para assumir as consequências de sua desfaçatez, mas, se não se importa, quem vai a esse jantar sou eu."

John foi a vários jantares lá — mais do que lhe faria bem, eu diria, sem desmerecer da qualidade da comida. Porque ele se apaixonou pela Srta...Margovan, propôs-lhe casamento e foi aceito, sem muito entusiasmo.

Algumas semanas depois de ser informado do noivado, mas antes que tivesse oportunidade de conhecer a jovem e sua família, encontrei certo dia na Kearney Street um homem que, embora bem-apegoado, tinha em sua aparência um quê de decadência. Sem saber por quê, pus-me a segui-lo e a vigiá-lo, o que fiz sem qualquer escrúpulo. Ele virou na Geary Street, seguindo por essa rua até a Union Square. Lá chegando, olhou o relógio e em seguida entrou na praça. Vagou pelas aléias por algum tempo, evidentemente à espera de

alguém. Até que chegou uma jovem bonita, vestida com roupas da moda, e os dois subiram pela Stockton Street, comigo em seu encaço. Agora eu sentia que precisava tomar muito cuidado, pois, embora a garota fosse uma estranha para mim, sabia que ela seria capaz de me reconhecer com um único olhar. Eles viraram de uma rua para outra até que finalmente, dando ambos uma olhada rápida em torno — da qual escapei por pouco, ocultando-me atrás de um portal —, entraram numa casa cuja localização omitirei. Sua localização era melhor do que sua espécie.

Discordo de que minha ação de espionagem junto àqueles dois estranhos tenha sido sem motivo. Posso envergonhar-me ou não dela, de acordo com minha estima pelo caráter da pessoa que a descobrir. Mas, sendo parte essencial da narrativa feita em resposta à sua pergunta, relato-a aqui sem hesitação ou vergonha.

Uma semana depois, John levou-me à casa de seu futuro sogro, e na Srta. Margovan, como você já deve ter deduzido, mas para minha profunda surpresa, reconheci a heroína daquela aventura desabonadora. A belíssima heroína daquela aventura desabonadora, devo acrescentar, para fazer justiça, Mas tal fato era importante apenas pelo seguinte: a beleza dela me surpreendeu de tal forma que cheguei a duvidar se era mesmo a jovem que vira antes. Como era possível que o maravilhoso fascínio daquele rosto me tivesse escapado da primeira vez? Mas não... não havia possibilidade de erro. A diferença estava na roupa, na luz, no ambiente em geral.

John e eu ficamos na casa deles até tarde, ouvindo, com a tenacidade obtida pela longa experiência, os gentis gracejos que nossa semelhança sempre suscita. Num momento em que eu e a jovem ficamos sozinhos, olhei-a diretamente no rosto e disse, com súbita gravidade:

"Você também, Srta. Margovan, tem uma sósia. Eu a vi na terça-feira à tarde, na Union Square."

Por um instante, ela fixou em mim os grandes olhos cinzentos, mas seu olhar estava ligeiramente menos firme do que o meu e ela acabou baixando-o, passando a mirar a ponta do próprio sapato.

"Ela era mesmo muito parecida comigo?", perguntou, com uma indiferença que me pareceu exagerada.

"Tão parecida", respondi, "que eu a admirei muito e, sem poder tirar os

olhos dela, confesso que a segui até... Srta. Margovan, tem certeza de que está me ouvindo?"

Ela agora estava pálida, embora perfeitamente calma. Voltou a erguer os olhos para mim, com um olhar que não vacilava.

"O que você quer que eu faça?", perguntou. "Não precisa ter medo de dizer quais são suas condições. Eu aceito."

Estava claro, mesmo naqueles poucos segundos que tive para refletir, que com aquela moça de nada adiantaria adotar métodos comuns ou tentar fazer exigências banais.

"Srta. Margovan", disse, exibindo na voz um pouco da compaixão que sentia, "é impossível não pensar em você como vítima de uma horrível compulsão. Em vez de lhe impingir novos constrangimentos, prefiro ajudá-la a recobrar sua liberdade."

Ela balançou a cabeça, triste e desesperançada, enquanto eu continuava, agitado:

"Sua beleza me perturba. Estou desarmado diante de sua franqueza e de seu sofrimento. Se estiver livre para agir segundo sua consciência, poderá, acredito, fazer o que achar melhor. Se não estiver... bem, então, que Deus nos ajude! De mim você nada tem a temer, a não ser minha oposição a esse casamento, a qual posso tentar justificar sob... sob outras alegações."

Não foram exatamente essas as palavras, mas era esse o sentido, o mais aproximado que pude conseguir para expressá-lo, estando diante de emoções tão repentinas e conflitantes. Ergui-me e saí sem mais um olhar, encontrando os demais que reentravam na sala e dizendo, com toda a calma possível:

"Estava dando boa noite à Srta. Margovan. É mais tarde do que eu pensava."

John decidiu acompanhar-me. Na rua, perguntou-me se eu notara alguma coisa estranha nos modos de Júlia.

"Acho que está indisposta", respondi. "Foi por isso que decidi ir embora." E nada mais foi dito.

Na noite seguinte cheguei tarde em casa. Os acontecimentos do dia anterior me tinham deixado nervoso, adoentado. Para ver se me sentia melhor, e também para clarear as idéias, saíra para uma caminhada ao ar livre, mas sentira-me oprimido por uma horrível sensação de malefício — um

pressentimento que não conseguia definir. Era uma noite fria, envolta em névoa. Minhas roupas e meus cabelos estavam úmidos e eu tremia de frio. Já com a roupa de dormir e os chinelos, sentado diante da lareira, senti-me ainda mais desconfortável. Já não tinha tremores e sim calafrios. É diferente. O pavor de uma calamidade iminente era algo tão forte, tão desalentador, que tentei afastá-lo pensando numa perda real. Tentei desfazer a concepção de um futuro terrível substituindo-a pela memória de um passado doloroso. Relembrei a morte de meus pais, procurando fixar meu pensamento nas últimas cenas de tristeza, junto ao leito deles, junto a seus túmulos. Tudo parecia vago, irreal, como se tivesse acontecido séculos antes, com outra pessoa. De repente, atingindo meu pensamento e partindo-o da mesma forma que uma corda esticada é cortada pelo golpe do aço — é a única comparação que me ocorre —, ouvi um grito agudo, como o de alguém em agonia mortal! A voz era de meu irmão e parecia vir da rua, lá embaixo. Corri até a janela, abrindo-a. A lâmpada de um poste em frente lançava uma luz mortiça e pálida sobre o calçamento umedecido e sobre as fachadas das casas. Apenas um policial, com a gola levantada, fumava um charuto em silêncio, encostado num portal. Não havia ninguém mais à vista. Fechei a janela e baixeí a cortina, sentando-me diante da lareira e tentando fixar o pensamento no que estava à minha volta. Para ajudar nessa tarefa, e por mero hábito, dei uma olhada em meu relógio. Eram onze e meia da noite. E de novo ouvi o grito terrível! Agora parecia ser dentro do quarto — a meu lado. Fiquei apavorado e por alguns instantes não tive coragem de mover-me. Minutos depois — não tenho lembrança do que aconteceu nesse meio-tempo —, dei por mim correndo por uma rua desconhecida, o mais rápido que podia. Não sei onde estava, nem para onde ia, mas acabei subindo os degraus de uma casa diante da qual estavam paradas duas ou três carruagens e onde se viam luzes e se ouvia uma confusão de vozes. Era a casa do Sr. Margovan.

Você sabe, meu bom amigo, o que tinha acontecido lá. Em um dos quartos, jazia Júlia Margovan, morta há várias horas, por envenenamento. No outro, John Stevens sangrava de um ferimento de pistola no peito, infligido por suas próprias mãos. Assim que entrei no quarto e, empurrando os médicos, coloquei a mão em sua testa, ele abriu os olhos, com um olhar vazio, para em seguida fechá-los devagar, morrendo sem um gemido.

Nada mais vi até seis semanas depois, quando por fim recobrei as

forças, escapando da morte graças aos cuidados de sua santa mulher, em sua bela casa. Tudo isso você sabe. Mas o que você não sabe é o seguinte — que, por sinal, nada tem a ver com suas pesquisas psicológicas (pelo menos não com o ramo da psicologia dentro do qual você, com a delicadeza e a consideração habituais, me pediu menos informações do que acabei por lhe dar):

Numa noite de lua cheia, muitos anos depois, eu ia passando pela Union Square. Era tarde e a praça estava deserta. As memórias do passado voltaram naturalmente, assim que cheguei ao lugar onde um dia testemunhara o encontro maldito. E, com a incrível perversidade que nos faz pensar naquilo que é para nós mais doloroso, sentei-me em um dos bancos, entregando-me a tais pensamentos. Um homem entrou na praça e veio por uma das aléias em minha direção. Trazia as mãos cruzadas às costas, os olhos no chão. Parecia alheio a tudo. Assim que se aproximou do ponto sombrio onde eu me sentava, eu o reconheci: era o homem que se encontrara com Júlia Margovan, anos antes, naquele mesmo lugar. Mas estava completamente mudado — grisalho, abatido, descarnado. A dissipação e o vício transpareciam em todo ele. A doença não era menos aparente. Suas roupas estavam em desalinho, o cabelo caído na testa, revoltado, de uma forma que era a um só tempo pitoresca e assustadora. Ele parecia pronto para ser encarcerado — encarcerado em um hospital.

Sem saber bem por quê, levantei-me, confrontando-o. Ele ergueu o rosto e me encarou. Não tenho palavras para descrever sua medonha transformação. Lançou-me um olhar de terror inominável — porque pensou estar frente a frente com um fantasma. Mas era um homem de coragem.

"Maldito seja, John Stevens!", gritou e, erguendo o braço trêmulo, tentou dar-me um soco no rosto, caindo de cara no chão enquanto eu me afastava.

E ali foi encontrado, morto como uma pedra. Nada mais se sabe dele, nem mesmo seu nome. Sobre um homem, saber que está morto é o suficiente.



No limiar do irreal

I

Ao longo de certo trecho entre Auburn e Newcastle, a estrada — primeiro de um lado do rio e depois do outro — ocupa todo o fundo de uma ravina, sendo parcialmente cortada na escarpa íngreme e parcialmente formada pelas pedras removidas do leito do rio pelos mineradores. As escarpas são

cobertas de vegetação e o curso da ravina é sinuoso. Nas noites escuras, é preciso andar com cuidado para não se cair dentro d'água. A noite que tenho na memória era escura e o rio, uma torrente, engrossada por um recente temporal. Eu viera de Newcastle e estava a caminho, a menos de dois quilômetros de Auburn, cruzando o trecho mais escuro e mais estreito da ravina, olhando com toda a atenção a estrada à frente de meu cavalo. De repente, vi um homem quase embaixo do focinho do animal. Puxei a rédea com tanta força que o cavalo por pouco não empinou.

"Perdão", disse. "Mas não o vi."

"Você dificilmente poderia esperar ver-me", respondeu o homem, com civilidade, vindo para a lateral da carruagem. "E o barulho do rio impediu que eu o ouvisse."

Reconheci a voz imediatamente, embora cinco anos se tivessem passado desde que a ouvira pela última vez. E não estava particularmente feliz em ouvi-la.

"Você é o Dr. Dorrimore, não é?"

"Sou. E você é meu bom amigo Sr. Manrich. Estou mais do que feliz em vê-lo... demais", acrescentou com um sorriso, "até porque estou indo na sua direção e, claro, espero receber uma oferta de carona."

"Que eu faça, com muito prazer."

O que não era exatamente verdade.

O Dr. Dorrimore agradeceu ao sentar-se a meu lado e eu segui em frente, com a mesma cautela de antes. Deve ser fantasia, mas hoje tenho a impressão de que, durante o resto da viagem, fomos envolvidos por uma neblina gelada. E que eu estava morrendo de frio. Que o caminho parecia mais longo do que antes, e que a cidade, quando lá chegamos, parecia triste, inóspita e desolada. Devia ser cedo ainda, mas não me lembro de ter visto uma luz sequer nas casas, nem viva alma nas ruas. Num dado momento, Dorrimore explicara-me por que estava ali, e onde estivera durante todos os anos em que desaparecera desde nosso último encontro. Lembro-me que ele fez essa narrativa, mas não me recordo dos fatos narrados. Ele estivera em países estranhos e voltara — é tudo o que minha memória retém, mas isso eu já sabia antes. Quanto a mim, não me recordo de ter dito uma só palavra, embora com certeza o tenha feito. Mas de uma coisa tenho perfeita consciência: a presença daquele homem a meu lado

era estranhamente inquietante, desagradável. A ponto de, ao chegarmos à entrada iluminada da Pensão Putnam, eu ter tido a nítida sensação de haver escapado de um perigo espiritual, de natureza peculiar e assustadora. Mas a sensação se transformou assim que fiquei sabendo que o Dr. Dorrimore também se hospedaria lá.

II

Para explicar, pelo menos em parte, meus sentimentos em relação ao Dr. Dorrimore, vou falar das circunstâncias nas quais o conhecera, alguns anos antes. Certa noite, meia dúzia de homens, entre os quais eu, encontrava-se na biblioteca do Clube Boêmio de São Francisco. A conversa era acerca de prestidigitação e as façanhas dos prestidigitadores, um dos quais se apresentava naquela ocasião no teatro local.

"Esses sujeitos são farsantes no duplo sentido", disse um dos amigos. "São incapazes de fazer alguma coisa pela qual valha a pena passar por bobo. O mais humilde dos saltimbancos da Índia seria capaz de enganá-los a ponto de pensarem que estão loucos."

"Mas como?", perguntou outro, acendendo um charuto.

"Como? Com qualquer uma de suas performances mais simples, mais comuns. Lançando para o ar objetos que nunca vão cair. Fazendo plantas brotarem, crescerem e se abrirem em flor, isso em qualquer superfície nua, escolhida pelo espectador. Colocando um homem dentro de uma cesta de vime, espetando-o por todos os lados com uma espada enquanto ele grita e sangra, para depois abrir a cesta e mostrar que está vazia. Ou então jogando para o alto a ponta de um fio de seda e subindo por ele até desaparecer."

"Bobagem!", retruquei, temo que com certa indelicadeza. "Não vá me dizer que você acredita nessas coisas."

"Claro que não. Já as presenciei vezes demais para acreditar nelas."

"Mas eu acredito", disse um jornalista local muito conhecido por suas matérias pitorescas. "Já relatei esse tipo de coisa tantas vezes que nada, a não ser a observação, seria capaz de abalar minha convicção. Cavalheiros, vocês têm minha palavra."

Mas ninguém riu — todos estavam com os olhos fixos em alguma coisa atrás dele. Virando-me na cadeira, vi um homem com roupa de gala, que acabara de entrar na sala. Era de pele muito escura, quase trigueiro, com um rosto fino, barba negra que lhe ia até junto da boca, uma vasta cabeleira preta, áspera e em desalinho, nariz adunco e olhos que brilhavam com uma expressão cruel, como os de uma cobra. Um dos integrantes do grupo levantou-se e apresentou-o como sendo o Dr. Dorrimore, de Calcutá. A cada um que era apresentado ele cumprimentava com uma profunda reverência à maneira oriental, embora sem a gravidade comum no Oriente. Seu sorriso pareceu-me cínico e levemente insolente. Todo seu comportamento só pode ser descrito como desagradavelmente sedutor.

Sua presença conduziu a conversa para outros assuntos, Ele falou pouco — não consigo lembrar-me de nada do que cheguei a dizer. Notei que sua voz era particularmente rica e melodiosa, embora tenha produzido em mim um efeito semelhante ao provocado pelo olhar e pelo sorriso. Logo, eu me levantava para ir embora. Mas ele também ergueu-se, começando a vestir o sobretudo.

"Manrich", disse, "estou indo na mesma direção que você."

Está droga nenhuma!, pensei. E como é que você sabe em que direção vou? Mas limitei-me a dizer: "Ficarei encantado com sua companhia."

Saímos do prédio juntos. Não havia táxis à vista, os bondes já tinham sido recolhidos e a lua cheia, na noite fresca, estava uma beleza. Subimos a ladeira da Califórnia Street, Peguei aquela direção pensando que ele naturalmente optaria por outra, para o lado dos hotéis.

"Você não acredita no que se fala a respeito dos prestidigitadores indianos", afirmou ele, de repente.

"E como é que o senhor sabe?", perguntei.

Sem me responder, ele pôs de leve a mão em meu braço e com a outra apontou para a calçada à nossa frente. Ali, quase a nossos pés, jazia o corpo de um homem morto, com o rosto voltado para cima, pálido à luz da lua! Uma espada, cujo cabo cintilava com pedrarias, estava enfiada em seu peito. Uma poça de sangue se formara nas pedras da calçada.

Fiquei espantado e aterrorizado. Não apenas com o que via, mas pelas circunstâncias em que o fazia. Diversas vezes, enquanto subíamos a ladeira, meus olhos tinham observado, eu podia jurar, toda a extensão daquela calçada,

de uma transversal à outra. Como podiam ter deixado de ver aquela cena horrível, agora tão nitidamente visível sob a luz da lua?

Enquanto recuperava-me do choque, observei que o corpo vestia traje de gala. O sobretudo, aberto, revelava a casaca, a gravata branca, a parte da frente da camisa trespassada pela espada. E então — terrível revelação! — vi que o rosto, exceto pela palidez, era o de meu companheiro! Em cada detalhe, das roupas à aparência física, era o próprio Dr. Dorrimore. Como que hipnotizado pelo horror, virei-me para olhar o homem vivo a meu lado. Ele desaparecera. E assim, ante mais esse terror, saí dali, descendo a ladeira pelo mesmo caminho de onde viera. Tinha dado poucos passos quando senti um forte puxão no ombro, que me fez parar. Quase gritei de pavor: o homem morto, com a espada ainda enfiada no peito, estava de pé a meu lado! Agarrando a espada com a mão livre, ele arrancou-a, enquanto o luar banhava as pedrarias do cabo e a própria lâmina de aço, imaculadamente limpa. A espada caiu na calçada diante de mim e... desapareceu. O homem, a pele novamente escura, afrouxou a mão que me apertava o ombro, voltando a olhar-me com o mesmo olhar cínico que eu vira em nosso primeiro encontro. Os mortos não têm um olhar assim. Recobrando parcialmente o controle, virei-me para trás e vi a sombra branca da calçada, limpa de uma transversal à outra. "O que significa isso, seu demônio?", perguntei, enfático, embora me sentisse fraco e tremesse da cabeça aos pés.

"Foi aquilo que alguns se divertem chamando de prestidigitação", respondeu ele, com um rápido porém incisivo sorriso.

Em seguida virou na Dupont Street e eu jamais voltei a vê-lo, até o dia de nosso encontro na ravina de Auburn.

III

No dia seguinte ao meu segundo encontro com o Dr. Dorrimore, não voltei a vê-lo. O recepcionista da Pensão Putnam explicou-me que estava trancado no quarto, adoentado. Naquela tarde, na estação de trem, tive uma agradável surpresa com a chegada inesperada da Srta. Margaret Corray, juntamente com sua mãe, procedentes de Oakland.

Esta não é uma história de amor. Tampouco sou um contador de histórias, e o amor, do jeito que é, não pode ser descrito numa literatura dominada e circunscrita à tirania aviltante que obriga a escrever bonito em nome das adolescentes. Sob o jugo doentio das adolescentes — ou, por outra, sob o mando dos falsos censores que se investiram do direito de cuidar do bem-estar delas —

*o amor apaga sua sagrada pira,
E, sem que o saiba, a Moralidade expira*

morreu de fome ante a comida insossa e a água destilada fornecidas pelos puritanos.

O que quero dizer é que a Srta. Corray e eu estávamos noivos. Ela e a mãe foram para o hotel onde eu me hospedava e, ao longo de duas semanas, vi-a diariamente. Desnecessário dizer que eu estava feliz. O único obstáculo à minha felicidade plena naqueles dias maravilhosos era a presença do Dr. Dorrimore, o qual eu me sentira na obrigação de apresentar às senhoras.

A essa altura, eleja caíra no agrado delas. E o que eu podia dizer? Não sabia de nada que o desmerecesse. Seu comportamento era o de um cavalheiro bem-educado e gentil. E, para as mulheres, o comportamento é o que faz o homem. Em uma ou duas ocasiões, ao ver a Srta. Corray caminhando lado a lado com ele, fiquei furioso, e uma vez cheguei mesmo à indiscrição de protestar. Indagado sobre minhas razões, não tive o que dizer e pensei ter visto na expressão dela uma sombra de desprezo diante das tolices de uma mente ciumenta. Com o tempo, fui ficando cada vez mais taciturno e irritadiço, até que, num gesto intempestivo, decidi voltar a São Francisco no dia seguinte. Mas nada comentei sobre isso.

IV

Havia em Auburn um velho cemitério, abandonado. Era quase no coração da cidade, mas, mesmo assim, à noite era um lugar tão sombrio quanto poderia desejar um ser humano em seu momento mais lúgubre. As grades das

sepulturas estavam caídas, arrebentadas e muitas já não existiam. De vários túmulos só restavam ruínas e de alguns haviam brotado imensos pinheiros, cujas raízes tinham cometido um pecado inominável. As lápides estavam caídas ou rachadas ao meio e o terreno coberto de espinheiros. O muro fora quase todo desfeito e vacas e porcos andavam por ali. O lugar era uma desonra para os vivos, uma ofensa para os mortos, uma blasfêmia contra Deus.

Na noite daquele dia em que eu tomara a estouvada decisão de ir embora, furioso, para longe daquilo que mais amava, fui dar naquele local, bem a propósito. A luz de uma meia-lua filtrada através das folhagens formava desenhos e nódoas que deixavam entrever o invisível. E as sombras escuras pareciam conspirar para, no momento exato, revelar negrores ainda mais terríveis. Passando junto do que fora a calçada de um túmulo, vi emergir das sombras a figura do Dr. Dorrimore. Eu próprio, estando encoberto pela penumbra, fiquei imóvel, com as mãos crispadas e os dentes trincados, tentando controlar o impulso de atirar-me sobre ele e estrangulá-lo. Um momento depois, uma segunda figura juntou-se a ele, segurando-o pelo braço. Era Margaret Corray!

Não sei bem contar o que aconteceu. Só sei que pulei para a frente, com pensamentos de morte. Sei que fui encontrado na manhã cinzenta, ferido e sangrando, com marcas de dedos na garganta. Fui levado à Pensão Putnam, onde, por vários dias, delirei. Tudo isso só sei porque me foi contado. E de minha parte lembro apenas que, ao recobrar a consciência, já convalescente, mandei chamar imediatamente o recepcionista do hotel.

"A Sra. Corray e a filha dela ainda estão hospedadas aqui?", perguntei.

"Qual foi o nome que o senhor disse?"

"Corray."

"Não tivemos ninguém com esse nome aqui, senhor."

"Não zombe de mim, eu lhe peço", disse eu, altivo. "Você está vendo que já estou melhor. Diga-me a verdade."

"Dou-lhe minha palavra, senhor", insistiu ele com evidente sinceridade.

"Não tivemos nenhum hóspede aqui com esse sobrenome."

Suas palavras me deixaram estupefato. Permaneci em silêncio por um instante. Em seguida, perguntei:

"E onde está o Dr. Dorrimore?"

"Ele foi embora na manhã seguinte à briga e, desde então, não ouvimos mais falar dele. Foi um trabalho e tanto que ele deu ao senhor."

V

Tais são os fatos neste caso. Margaret Corray hoje é minha esposa. Ela jamais esteve em Auburn e durante as semanas em que toda a história que acabei de contar se formou em minha mente ela estava em casa, em Oakland, perguntando-se onde eu estaria e por que não lhe escrevia. Outro dia, li no jornal Sun, de Baltimore, a seguinte nota:

"O professor Valentine Dorrimore, hipnotizador, teve enorme audiência ontem à noite. O palestrante, que viveu a maior parte de sua vida na Índia, fez uma fantástica exibição de seus poderes, hipnotizando, com um simples olhar, qualquer um que concordasse em submeter-se à experiência. Na verdade, hipnotizou a platéia inteira por duas vezes (só os repórteres foram poupados), fazendo com que todos tivessem as mais extraordinárias ilusões. A melhor coisa da palestra foi a exposição sobre os métodos dos prestidigitadores indianos em suas famosas performances, relatadas por muitos viajantes. O professor declara que esses taumaturgos chegaram a tal refinamento na arte que aprendeu com eles que são capazes de fazer milagres, apenas mergulhando os 'espectadores' num estado de hipnose e dizendo-lhes o que devem ver e ouvir. E chega a ser inquietante sua afirmação de que algumas pessoas, especialmente suscetíveis, podem ser mantidas no limiar do irreal durante semanas, meses e até mesmo anos, dominadas por qualquer ilusão ou alucinação que o prestidigitador queira eventualmente sugerir."



CASAS ESPECTRAIS

A janela fechada

Em 1830, a poucos quilômetros de onde é hoje a grande cidade de Cincinnati, havia uma floresta imensa, de mata fechada. A região era esparsamente habitada por gente da fronteira — almas inquietas que tinham

construído boas casas junto à floresta, com um grau de prosperidade que hoje classificaríamos de indigente. Mais tarde, impelidas por algum misterioso impulso de sua natureza, essas pessoas abandonariam tudo e iriam ainda mais longe rumo a oeste, em busca de novos perigos e privações, tudo apenas para obter de volta um mínimo de conforto ao qual elas mesmas, voluntariamente, haviam renunciado. Muitas já tinham deixado a região em busca de paragens mais remotas, mas entre as que permaneciam havia uma que estivera entre os pioneiros do lugar. Vivia sozinho em uma casa de toras de madeira, cercada por todos lados pela imensa floresta, de cujo silêncio e penumbra ele parecia fazer parte — já que ninguém jamais o vira sorrir ou dar uma palavra vã. Suas necessidades eram supridas pela venda ou troca de couro de animais selvagens, o que fazia na cidade ribeirinha, pois não plantava nada em sua terra, sobre a qual, se preciso, poderia reivindicar propriedade por usucapião. Havia alguns sinais de "melhoramentos" — o terreno em volta da casa fora limpo e desbastado um dia e os restos de troncos jaziam meio encobertos pela nova vegetação que crescia após os danos provocados pelo machado. Aparentemente, o interesse daquele homem pela agricultura queimara numa chama fraca, apagando-se em meio às cinzas penitentes.

A casa de madeira, com sua chaminé feita de tocos, seu telhado de ripas mal postas, atravessadas por caibros, e seu barro esburacado, tinha apenas uma porta e, bem em frente, uma janela. Esta última, porém, estava pregada com tábuas — e ninguém se lembrava de jamais tê-la visto aberta. Não se sabia por que estava sempre fechada. Com certeza não era porque seu ocupante não gostasse de luz e ar, já que nas raras ocasiões em que um caçador passava por aquele local solitário sempre via seu dono tomando sol na soleira da porta, quando sol havia. Acho que poucas pessoas conhecem o segredo daquela janela e eu sou uma delas, como vocês verão.

O nome do homem, dizia-se, era Murlock. Aparentava uns setenta anos, mas na verdade mal passava dos cinquenta. Alguma coisa além do tempo o fizera envelhecer. O cabelo e a barba, esta comprida e cheia, eram brancos. Os olhos, cinzentos e opacos, muito fundos. E o rosto estranhamente riscado pelas rugas, que pareciam pertencer a dois sistemas entrecruzados. De corpo era alto e magro, com os ombros descaídos — como se carregasse um fardo. Eu jamais o vi. Esses detalhes ouvi de meu avô, através do qual, quando era rapaz, fiquei

sabendo também a história do homem. Meu avô o conhecera, pois fora vizinho dele nos velhos tempos.

Certo dia, Murlock foi encontrado em sua cabana, morto. Naquele tempo, ainda não havia polícia e jornais, e acho que chegaram à conclusão de que ele morreria de causas naturais, caso contrário me teriam contado, e eu me lembraria. Só sei que, exatamente como é adequado, ele foi enterrado perto da cabana, junto ao túmulo da mulher, morta tantos anos antes e a comunidade local mal se lembrava de sua existência. Aqui se encerra o capítulo final desta história verdadeira — isto, sem falar na circunstância de que, muitos anos depois, ao lado de outro espírito intrépido, eu iria até lá e teria coragem de chegar perto da cabana abandonada o suficiente para atirar-lhe uma pedra, fugindo em seguida com medo do fantasma que todos os garotos bem-informados das redondezas sabiam existir ali. Mas há um capítulo antes deste — e esse é narrado por meu avô.

Quando Murlock construiu sua cabana e começou a descer o machado nas redondezas para construir uma fazenda — valendo-se do rifle como instrumento de apoio —, ele era jovem, forte e cheio de esperança. Lá pelas terras do Leste, de onde viera, ele se casara, como era próprio da época, com uma jovem de todas as formas dignas de sua devoção, pronta a dividir com ele, com espírito esperançoso e coração leve, todos os perigos e privações reservados pelo destino. Ninguém se lembra seu nome. Sobre seus encantos, de corpo e de espírito, a tradição se cala. E, embora aquele que duvida esteja livre para divertir-se com sua própria dúvida, Deus me proíbe de fazê-lo com vocês. Mas da afeição e da felicidade entre os dois há muita certeza, certeza confirmada por cada dia da posterior viuvez do homem. Pois o que mais, senão o magnetismo de lembranças maravilhosas, seria capaz de manter um espírito tão aventureiro acorrentado àquele destino?

Um dia, ao voltar de uma caçada no meio da floresta, Murlock encontrou a mulher prostrada de febre, delirando. Não havia um médico num raio de muitos quilômetros, e nem vizinhos. Tampouco a mulher estava em condições de ser deixada ali sozinha, enquanto ele buscasse socorro. Sendo assim, Murlock decidiu cuidar dela, na esperança de que se recuperasse, mas ao fim do terceiro dia ela entrou em coma e morreu, ao que parece, sem jamais ter recobrado a consciência.

Pelo que sabemos de naturezas como a dele, podemos tentar recompor os detalhes da cena a partir do que foi contado por meu avô. Convencido de que ela estava morta, Murlock lembrou-se que os mortos devem ser preparados para o sepultamento. Imbuído desse dever sacro, ele andejou de um lado para outro, cometeu alguns erros e outros acertos, que repetiu, uma vez após a outra. Suas falhas ocasionais na tentativa de cumprir algumas tarefas simples e comuns deixaram-no atordoado, como um bêbado que se intrigasse com a dificuldade em fazer as coisas mais naturais. Surpreendeu-se, também, por não ter chorado — e, além de surpreso, ficou envergonhado. Claro que é descortês não chorar pelos mortos. "Amanhã", disse em voz alta, "terei de construir o caixão e cavar a cova. E então deverei sentir sua falta, quando ela já não estiver por perto. Mas agora — ela está morta, é verdade, mas está tudo bem, de algum modo, tem de estar tudo bem. As coisas não podem ser tão ruins quanto parecem."

E ali ficou, junto ao corpo, sob a luz que morria, ajeitando o cabelo da mulher e dando os últimos retoques na arrumação do cadáver, tudo fazendo de forma mecânica, sem sentimento. E, contudo, passava por sua cabeça a certeza de que tudo estava bem — de que ele voltaria a tê-la como antes, de que tudo seria explicado. Não tinha experiência de luto. Sua capacidade para tal não fora exercitada. Seu coração não podia conter tudo aquilo, nem sua imaginação fora talhada para concebê-lo. Não tinha idéia do quão fortemente fora atingido. Essa constatação só viria depois, e jamais o abandonaria.

O luto é um artista de poderes tão vários quanto os instrumentos em que toca o réquiem para os mortos, em alguns evocando as notas mais agudas, mais estridentes, em outros os tons mais baixos, graves, recorrentes como o lento soar de um tambor distante. A alguns o luto espanta. A outros imobiliza. A uns chega como o cravar de uma seta, aguilhoando os sentidos para uma percepção mais aguda. A outros, como um golpe surdo, que atordoia. Talvez tenha sido assim que Murlock foi afetado, porque (e aqui palmilhamos campo mais firme que o da simples conjectura), assim que terminou seu trabalho pio, sentou-se numa cadeira junto à mesa onde jazia o corpo e, observando a palidez do perfil que mergulhava na penumbra, cruzou os braços sobre o canto da mesa e neles afundou o rosto sem lágrimas, extenuado. Naquele instante, entrou pela janela um som como um longo gemido, semelhante ao choro de uma criança perdida nas profundezas escuras da floresta. Mas o homem não se moveu. Outra vez, e

agora mais perto, o gemido sobrenatural se repetiu, ante seus sentidos amortecidos. Talvez fosse um animal selvagem. Talvez fosse um sonho. Porque Murlock adormecera.

Muitas horas depois, como mais tarde saberíamos, esse vigia incrível acordou e, erguendo a cabeça de entre os braços, ficou à escuta — embora não soubesse por quê. Ali, na escuridão absoluta, junto ao cadáver, lembrando-se de tudo sem estremecer, arregalou os olhos para ver — mas tampouco sabia o quê. Todos os seus sentidos estavam alerta, a respiração suspensa, o sangue parecendo ter sustado a corrente para não ferir o silêncio. Quem — ou o que o acordara, e onde estava?

De repente a mesa tremeu sob seus braços e no mesmo segundo ele ouviu, ou pensou ter ouvido, o som de uma passada leve, mansa — e depois mais outra —, como o de pés descalços caminhando.

Paralisado pelo terror, não foi capaz de gritar ou mover-se. E assim esperou — esperou na escuridão por um tempo que foi como muitos séculos, vivendo o pior dos pavores que é possível conhecer, e ainda assim viver para contá-lo. Em vão tentou pronunciar o nome da mulher morta, em vão quis estender a mão sobre a mesa para ver se ela ainda estava lá. Sua garganta estava fechada, seus braços e mãos como se feitos de chumbo. E então aconteceu algo ainda mais pavoroso. Um corpo pesado atirou-se contra a mesa com tal ímpeto que, empurrando-a contra o peito do homem, quase o derrubou, ao mesmo tempo que ele ouvia alguma coisa cair no chão tão pesadamente que toda a casa estremeceu com o impacto. Seguiu-se um rumor de luta, uma confusão de sons impossível de ser descrita. Murlock estava de pé. O medo que sentia era tamanho que perdera inteiramente o controle. Deslizou as mãos sobre a mesa. Estava vazia!

Há um momento em que o terror pode transformar-se em loucura. E a loucura nos leva à ação. Sem saber bem por que o fazia, sem qualquer motivo a não ser o que impulsiona os insanos, Murlock atirou-se contra a parede e, tateando, buscou o rifle carregado, que disparou sem vacilar. Na luz vívida que iluminou a sala no momento do disparo, viu uma enorme pantera levando a mulher morta na direção da janela, com os dentes cravados em sua garganta. Em seguida a escuridão voltou a engolir tudo, ainda mais fechada do que antes, junto com o silêncio. E quando Murlock voltou a si o sol já estava alto e a floresta

cantava com o som dos pássaros.

O corpo jazia junto à janela, onde a fera o deixara ao fugir da chispa e do disparo provocados pelo rifle. A roupa estava em desalinho, o longo cabelo despenteado, as pernas largadas. Da garganta, horrivelmente lacerada, escorrera uma poça de sangue, que ainda não coagulara de todo. A faixa com que ele atara os pulsos da mulher estava partida. As mãos, fortemente crispadas. E, entre os dentes, ela trazia um fragmento da orelha do animal.

A Ilha dos Pinheiros

Por muitos anos, viveu perto da cidade de Gallipolis, em Ohio, um velho chamado Herman Deluse. Pouco se sabia de sua vida porque, além de não falar de si próprio, não permitia que os outros o fizessem. Havia entre a vizinhança a crença de que fora um pirata — crença que, ao que se sabe, baseava-se apenas em sua coleção de lanças de abordagem, espadas e velhas pistolas de pederneira. Vivia completamente só numa pequena casa de quatro aposentos, caindo aos pedaços e que nunca recebia reparos, a não ser quando as intempéries o exigiam. Ficava numa pequena elevação, no meio de um campo imenso e pedregoso onde cresciam espinheiros, com alguns canteiros cultivados, mas de forma bem primitiva. Aparentemente, era sua única propriedade, mas dificilmente poderia dar-lhe sustento, por mais simples e poucos que fossem seus desejos. Ele parecia sempre ter dinheiro à mão, pagando à vista pelo que obtinha nas lojas das redondezas e raramente comprando mais de duas ou três vezes no mesmo lugar, a não ser após um intervalo considerável de tempo. Mas não recebia elogios por essa distribuição igualitária de sua freguesia. As pessoas estavam mais propensas a encarar aquilo como uma tentativa infrutífera de esconder que possuía muito dinheiro. Nenhuma alma honesta, ciente dos fatos da tradição local e possuindo um mínimo de bom senso, seria capaz de duvidar que ele tinha montanhas de ouro roubado enterrado em algum ponto de sua propriedade decadente.

No dia 9 de novembro de 1867, o velho morreu. Ou pelo menos seu corpo foi encontrado no dia 10, tendo os médicos atestado que a morte ocorrera

cerca de 24 horas antes. Como ocorreu, não souberam dizer. Porque os exames post-mortem mostraram que todos os órgãos estavam perfeitamente saudáveis, sem qualquer indicio de doença ou violência. Segundo eles, a morte teria ocorrido por volta do meio-dia, embora o corpo tivesse sido encontrado na cama. O veredicto do júri foi o de que "ele morreu pela vontade de Deus". O corpo foi enterrado e a administração pública assumiu a propriedade.

Uma investigação minuciosa não descobriu nada que já não se soubesse a respeito do morto e as pacientes escavações feitas em vários pontos da casa por vizinhos sonhadores e parcimoniosos resultaram infrutíferas. Os administradores trancaram a casa a fim de evitar que ficasse exposta ao tempo, enquanto a propriedade, imóvel e bens, era posta legalmente à venda para cobrir, ao menos em parte, as despesas da transação.

A noite de 20 de novembro foi de tempestade. Ventos furiosos varreram os campos, açoitando-os com pancadas de chuva de granizo. Árvores imensas foram arrancadas do chão, interrompendo estradas. Nunca se vira na região uma noite tão terrível quanto aquela, mas na manhã seguinte a tempestade perdera o fôlego e o dia nasceu claro e limpo. Às oito da manhã, o reverendo Henry Galbraith, pastor luterano muito conhecido e estimado, chegou a pé à sua casa, que ficava a pouco mais de dois quilômetros da propriedade de Deluse. O Sr. Galbraith estivera fora, em Cincinnati, por um mês. Subira o rio num barco a vapor e, ao chegar em Gallipolis na noite anterior, arranjara um cavalo e uma carroça, tomando o caminho de casa. Mas a violência da tormenta retivera-o durante a noite e, já de manhã, com tantas árvores caídas, acabara por abandonar cavalo e carroça, continuando a jornada a pé.

"Mas onde você passou a noite?", perguntou a mulher, assim que ele acabou de contar sua aventura.

"Com o velho Deluse na Ilha dos Pinheiros"*, respondeu rindo. "Mas passei um mau pedaço. Ele não se importou de me deixar ficar lá, mas sequer me dirigiu a palavra."

Felizmente, no interesse da verdade, estava presente a essa conversa o Sr. Robert Mosely Maren, advogado e literato de Columbus, o mesmo que escreveu os deliciosos Documentos da arte do humor. Percebendo, embora aparentemente sem compartilhá-la, a surpresa causada pela resposta do Sr. Galbraith, o sarcástico Sr. Maren sustou com um gesto as exclamações de

espanto que naturalmente se seguiriam e, com toda tranquilidade, perguntou:

"E como foi que o senhor conseguiu entrar lá?"

Esta é a versão do Sr. Maren para a resposta do Sr. Galbraith:

"Vi uma luz se movendo dentro da casa e, completamente cego pela tormenta, além de estar quase congelando, entrei pelo portão e amarrei o cavalo na cerca do velho estábulo, onde ele está até agora. Em seguida bati na porta. Como ninguém atendeu, resolvi entrar. A sala estava escura, mas eu tinha fósforos e acabei achando uma vela, que acendi. Tentei entrar no aposento ao lado, só que a porta estava trancada e, embora ouvisse os passos pesados do velho lá dentro, ele não respondeu a meu chamado. Como não havia lareira acesa, fiz um fogo e me deitei [sic] diante dele, fazendo do casaco travesseiro e preparando-me para dormir. Mas logo a porta que eu forcara abriu-se silenciosamente e o velho entrou, carregando uma vela. Dirigi-me a ele com toda a gentileza, pedindo perdão pela invasão, mas ele não pareceu notar-me. Dava a impressão de procurar algo, embora seus olhos estivessem fixos nas órbitas. Acho que ele é sonâmbulo. Deu uma meia-volta pela sala e saiu pela mesma porta por onde entrara. Ainda voltou duas vezes antes que eu adormecesse, agindo exatamente da mesma forma e desaparecendo como antes. Nos intervalos, eu o ouvia perambulando pela casa, seus passos perfeitamente audíveis nas pausas da tormenta. E, quando acordei na manhã seguinte, ele já havia saído."

O Sr. Maren ainda tentou fazer mais perguntas, mas foi contido pelas exclamações da família. A história da morte e do enterro de Deluse veio à

*A "Ilha dos Pinheiros" é um conhecido local de encontro de piratas. (N. do A.)

tona, para grande espanto do bom pastor.

"A explicação para a aventura do senhor é muito simples", disse o Sr. Maren. "Não acredito que o Sr. Deluse possa caminhar durante o sono — não nesse em que está mergulhado agora. Mas o senhor, com toda certeza, tem um sono cheio de sonhos." E, diante dessa versão para os fatos, o Sr. Galbraith foi obrigado a aceitá-la, embora relutante. Porém, tarde da noite do dia seguinte, lá estavam os dois cavaleiros, acompanhados pelo filho do pastor, na estrada diante da casa do velho Deluse. Havia luz lá dentro. Às vezes numa janela, às vezes noutra. E os três homens avançaram até junto à porta. Assim que lá

chegaram, veio do interior da casa uma profusão de sons estarrecedores — ruído de espadas, aço chocando-se contra aço, explosões violentas como se armas de fogo, gritos de mulheres, grunhidos e imprecações de homens em combate! Os três ficaram ali por um instante, amedrontados, sem saber o que fazer. E então o Sr. Galbraith tentou abrir a porta. Estava trancada. Mas o pastor era um homem de coragem e, acima de tudo, um homem de força hercúlea. Deu um ou dois passos para trás e atirou contra a porta o ombro direito, arrancando-a das dobradiças com um estrondo. No segundo seguinte os três estavam lá dentro. Tudo era escuridão e silêncio! O único som era a batida de seus corações.

O Sr. Maren trouxera consigo fósforos e uma vela. Com dificuldade, devido à agitação em que se encontrava, conseguiu acendê-la, e os três homens começaram a explorar a casa, passando de um a outro aposento. Tudo estava em perfeita ordem, como fora deixado pelo xerife. Nada fora remexido. Uma fina camada de poeira recobria tudo. Uma porta, nos fundos, encontrava-se entreaberta, como se por descuido, e a primeira coisa que passou pela cabeça deles foi que os autores da gritaria talvez tivessem escapado. Escancararam a porta e iluminaram o chão com a vela. Com os últimos sopros da tormenta noturna caíra um pouco de neve. Mas não havia pegadas. A superfície branca estava intacta. Eles fecharam a porta e entraram no último dos quatro aposentos da casa — o que ficava mais distante da entrada, num canto da construção. Foi lá que a vela do Sr. Maren se apagou de repente, como se atingida por uma lufada de ar. No instante seguinte, ouviram um baque pesado. E quando reacenderam a vela às pressas encontraram o jovem Galbraith, filho do pastor, caído no chão a pouca distância dos dois. Estava morto. Uma das mãos crispava-se em torno de um pesado saco de moedas, que exames posteriores provariam ser velhos dobrões espanhóis. Bem junto ao lugar onde jazia o corpo uma ripa de madeira tinha sido arrancada da parede e, pela abertura que ficara, via-se que fora de lá que o saco fora retirado.

Outra investigação foi realizada. Outro exame post-mortem feito sem que se conseguisse descobrir a causa da morte. Mais um veredicto de que ela se dera "pela vontade de Deus" deixou a todos a liberdade de tirar suas próprias conclusões. O Sr. Maren chegou à conclusão de que o jovem morrera de pura excitação.

Missão não cumprida

Henry Saylor, que foi morto em Covington, numa briga com Antônio Finch, era repórter do jornal Commercial, de Cincinnati. No ano de 1859, uma casa vazia da rua Vine, em Cincinnati, tomou-se o centro das atenções por causa de aparições e sons estranhos que ali eram observados à noite. Segundo testemunho de inúmeros moradores da vizinhança, gente considerada séria, não havia outra explicação possível para o fenômeno a não ser a de que a casa era mal-assombrada. Figuras de aspecto misterioso eram vistas entrando e saindo da casa por verdadeiras multidões que se aglomeravam na calçada. Ninguém sabia dizer em que ponto do pátio elas apareciam antes de se dirigir à porta da frente, por onde entravam, nem exatamente em que ponto desapareciam, assim que saíam lá de dentro. Ou melhor, embora cada espectador tivesse uma resposta exata para essas questões, não havia sequer dois deles que concordassem entre si. Tampouco havia consenso na hora de descrever as figuras. Alguns dos curiosos mais intrépidos chegavam, em determinadas noites, a ficar de pé junto aos degraus para interceptá-las ou, caso não o conseguissem, para tentar chegar perto e olhá-las melhor. Esses homens corajosos, dizia-se, não conseguiam abrir a porta da casa nem quando o tentavam em bando e acabavam sempre sendo atirados degraus abaixo por uma força invisível, ficando seriamente machucados. Em seguida, a porta se abria como se por vontade própria, para que entrasse ou saísse um de seus visitantes espectrais. O lugar era conhecido como a casa Roscoe, nome da família que lá vivera por muitos anos, tendo seus membros desaparecido um a um, sendo que o último a morar ali fora uma velha. Histórias de traições e sucessivos assassinatos eram contadas, mas nada jamais fora provado. Certo dia, quando era grande a agitação, Saylor se apresentou no escritório do Commercial à espera de ordens. Recebeu um bilhete do editor local que dizia o seguinte: "Vá até a casa mal-assombrada da rua Vine e passe a noite lá sozinho. Se acontecer alguma coisa interessante, escreva duas colunas." Saylor obedeceu a seu superior. Não podia arriscar-se a perder o emprego no jornal.

Depois de avisar a polícia do que pretendia fazer, entrou por uma janela

dos fundos da casa antes do anoitecer, atravessou as salas vazias, sem mobília, desoladas e empoeiradas e, sentado afinal na sala de visitas, num velho sofá que empurrara até lá, passou a observar a penumbra que se fechava, à medida que a noite ia caindo. Antes mesmo que escurecesse completamente, já havia uma aglomeração de curiosos na rua. A multidão estava silenciosa, como sempre, mas expectante, com um zombeteiro exibindo de vez em quando sua coragem e incredulidade, com bravatas ou gritos de deboche. Ninguém sabia que, dentro da casa, alguém vigiava, ansioso. Saylor temia acender alguma luz. As janelas, sem cortinas, trairiam sua presença e ele poderia ser insultado, talvez até agredido. Além disso, por ser consciencioso demais, não queria que nada atrapalhasse suas impressões e precisava evitar que se alterassem as condições normais em que o fenômeno parecia ocorrer.

Agora já estava escuro lá fora, mas a luz pálida da rua iluminava o pedaço de sala onde ele se encontrava. Saylor havia aberto todas as portas do interior da casa, nos andares de cima e de baixo, mas as portas externas estavam todas trancadas, com o ferrolho passado. Súbito, exclamações da multidão fizeram com que ele se levantasse e fosse até a janela, olhando para fora. Foi quando viu a figura de um homem atravessando o pátio com passos rápidos e dirigindo-se à casa. Viu-o subir as escadas. Uma parede do hall o encobriu. Ouviu então o barulho da porta da frente se abrindo e em seguida se fechando. Escutou suas passadas rápidas e pesadas atravessando o vestibulo. Ouviu-o subindo as escadas. Depois pisando o chão nu do quarto que ficava bem em cima de sua cabeça.

Imediatamente, Saylor empunhou a pistola e, galgando as escadas, entrou no quarto, fracamente iluminado pela luz que vinha da rua. Não havia ninguém. Ouviu passos no quarto ao lado e foi até lá. Estava escuro e silencioso. Foi quando chutou alguma coisa no chão e, ajoelhando-se, examinou o objeto com a mão. Era uma cabeça humana — a cabeça de uma mulher. Erguendo-a pelos cabelos, esse homem de nervos de aço voltou à sala do andar de baixo, onde havia um pouco mais de luz, e foi até junto à janela examiná-la. Ao fazê-lo, teve a impressão de ouvir a porta da frente abrir-se e fechar-se outra vez, rapidamente, enquanto era envolvido pelo som de passos. Ergueu os olhos do objeto horrendo que tinha nas mãos e percebeu que estava cercado por um aglomerado de homens e mulheres, que mal podia enxergar. A sala estava

repleta deles. Pensou que a multidão tivesse invadido a casa.

"Senhoras e senhores", falou, com toda a calma, "sei que estão me vendo em circunstâncias suspeitas, mas..." e sua voz foi abafada pela explosão de gargalhadas — gargalhadas como as que se ouvem em asilos de loucos. As pessoas que o cercavam apontavam o objeto que ele tinha nas mãos. E as risadas redobram quando, escapando das mãos de Saylor, a cabeça rolou por entre os pés da multidão. Dançaram em torno dela com gestos grotescos e atitudes obscenas, indescritíveis. Chutavam-na, arremessando-a de um canto a outro da sala. Empurravam-se e digladiavam-se pelo privilégio de chutá-la. Xingavam e gritavam, cantando trechos de canções rudes, enquanto a cabeça rolava de um lado para o outro, como se aterrorizada, como se tentando escapar. Até que foi arremessada através da porta na direção do vestibulo, sendo seguida por todos, que abandonaram a sala em tumulto. E no segundo em que a porta se fechou com estrondo, Saylor se viu novamente só, em meio a um silêncio de morte.

Guardando com cuidado a pistola, que estivera segurando todo o tempo, foi até a janela e espiou lá fora. A rua estava vazia e silenciosa. As lâmpadas apagadas. Telhados e chaminés já se delineavam contra a luz do alvorecer, a leste. E Saylor saiu da casa, a porta abrindo-se facilmente ante o toque de sua mão. Caminhou até o escritório do Commercial. O editor ainda estava lá, dormindo em sua sala. Saylor o acordou, dizendo:

"Eu estive na casa mal-assombrada."

O editor olhou-o surpreso, como se não estivesse totalmente desperto.

"Deus do céu!", exclamou. "É você, Saylor?"

"Sou... porquê?"

O editor nada respondeu, mas continuou olhando para ele.

"Eu passei a noite na casa... parece", disse Saylor.

"Disseram que as coisas estavam estranhamente calmas lá", disse o editor, brincando com um peso de papel no qual pousara os olhos. "Aconteceu alguma coisa?"

"Não. Não aconteceu nada."

A cerca de cinco quilômetros da cidade de Norton, no Missouri, junto à estrada que leva a Maysville, fica uma velha casa cujos últimos ocupantes foram uma família de nome Harding. Desde 1886 a casa está abandonada e dificilmente voltará a ser ocupada por quem quer que seja. O tempo e a cisma das pessoas que vivem nas redondezas a estão transformando em um monte de ruínas pitorescas. Um observador que ignorasse sua história dificilmente a classificaria de "casa mal-assombrada", mas é exatamente essa sua reputação naquelas vizinhanças. As janelas não têm vidraças, os portais já não contêm portas. Há grandes fendas no telhado de ardósia e, por falta de tinta, seu revestimento de madeira é de um castanho-acinzentado. Mas esses sinais inequívocos do sobrenatural são parcialmente ou mesmo fortemente suavizados pela folhagem abundante de uma imensa videira que se debruça sobre a casa. Essa videira — de uma espécie que nenhum botânico foi jamais capaz de classificar — tem um papel importante na história da casa. A família Harding consistia em Robert Harding, sua mulher, Matilda, a Srta. Júlia Went, irmã dela, e dois filhos pequenos. Robert Harding era um homem calado e frio, que não possuía amigos na vizinhança e nem parecia interessado em fazê-los. Tinha cerca de quarenta anos e, frugal e laborioso, trabalhava no pequeno rancho hoje tomado pelos espinheiros e pelo matagal. Ele e a cunhada eram malvistas pela vizinhança, segundo a qual os dois andavam demais juntos — o que não era exatamente culpa deles, já que na época não assumiam uma atitude de desafio. Mas o código moral do interior do Missouri é muito severo e exigente.

A Sra. Harding era uma mulher gentil, de olhar triste, que não tinha o pé esquerdo.

Em algum momento do ano de 1884 espalhou-se a notícia de que ela fora visitar a mãe em Iowa. Foi o que o marido disse em resposta às perguntas, e sua maneira de responder não encorajava maiores questionamentos. A Sra. Harding jamais voltou e, dois anos depois, sem vender a fazenda ou qualquer um de seus pertences, sem sequer designar um procurador para cuidar de seus interesses, sem nem mesmo tirar os bens que estavam na casa, Harding e o restante da família deixaram o lugar. Ninguém sabia para onde tinham ido. Mas na época tampouco se importavam. Naturalmente, tudo o que podia ser retirado do lugar logo desapareceu e a casa abandonada ganhou a pecha de

"assombrada", como costuma acontecer em casos assim.

Certa tarde de verão, quatro ou cinco anos mais tarde, o reverendo J. Gruber, de Norton, e um procurador de Maysville, de nome Hyatt, encontraram-se, ambos a cavalo, quando passavam diante da casa dos Hardings. Como tinham negócios a discutir, amarraram os cavalos e foram até a casa, sentando-se na varanda para conversar. Referências bem-humoradas à reputação do lugar foram feitas e logo em seguida esquecidas, quando os dois passaram a falar de negócios, conversa que se estendeu até começar a escurecer. O calor da noite era opressivo, o ar estagnado.

De repente, os dois homens se ergueram, surpresos: a imensa videira que cobria metade da frente da casa, e cujos galhos se espriavam de um dos cantos da varanda, começou a agitar-se violentamente, tronco e folhas sacudindo-se ante os olhos e ouvidos deles.

"Vem aí um temporal", disse Hyatt. Gruber não respondeu, mas em silêncio mostrou ao outro a folhagem das árvores vizinhas, que não se moviam. Até os mais delicados galhos no alto dos arbustos, recortados contra o céu, estavam imóveis. Os dois desceram os degraus em direção ao que um dia fora o pátio e olharam para cima, observando a videira, que viam agora em toda sua extensão. Continuava agitando-se com violência, sem que eles fossem capazes de precisar o que causava aquilo.

"Vamos embora", disse o reverendo. E foram. Esquecendo-se de que viajavam em direções opostas, saíram juntos. Foram para Norton, onde contaram sua estranha experiência para vários amigos discretos. Na noite seguinte, na mesma hora, acompanhados por mais dois companheiros cujos nomes não se sabe, voltaram à varanda da casa dos Hardings — e o fenômeno se repetiu: a videira começou a sacudir-se com violência enquanto eles a examinavam cuidadosamente da raiz ao topo e nem mesmo a força de todos juntos abraçados ao tronco foi capaz de fazê-la parar. Após uma hora de observação eles se foram, não menos sábios, acredita-se, do que tinham ali chegado.

Em pouco tempo, os estranhos acontecimentos despertaram a curiosidade de toda a vizinhança. De dia ou de noite, as pessoas se aglomeravam no portão da casa dos Hardings tentando "ver algum sinal". Não há notícia de que o tenham conseguido, mas as testemunhas eram pessoas tão confiáveis que

ninguém ousava duvidar da veracidade daquelas "manifestações" por eles observadas.

Até que, fruto de uma inspiração feliz ou de um desejo destrutivo, foi certo dia proposto — ninguém sabia dizer de quem partira a idéia — que se cavasse o chão sob a videira. E, após muita discussão, isso foi feito. A única coisa que encontraram foi a raiz da árvore — e contudo nada poderia ser mais estranho!

Por quase dois metros abaixo do tronco, que na superfície tinha um diâmetro de muitos centímetros, uma só raiz descia em linha reta, penetrando na terra fofa, esboroada. Ali, dividia-se e subdividia-se em radículas, fibras e filamentos, entrelaçados da maneira mais curiosa. Quando arrancados do solo, exibiram uma formação singular. Suas ramificações e redobras teciam uma rede compacta que em tamanho e formato assemelhavam-se incrivelmente à figura humana. Cabeça, tronco e membros, lá estavam. Até mesmo dedos, distintamente definidos. Muita gente chegou a afirmar ter visto no arranjo formado pelas fibras, dentro da massa arredondada que representava a cabeça, a fisionomia grotesca de um rosto. A figura era horizontal. As raízes menores tinham começado a entrelaçar-se a partir do peito.

Mas em termos de semelhança com a figura humana a imagem era imperfeita. Porque cerca de trinta centímetros abaixo de um dos joelhos, as raízes que formavam a perna dobravam-se abruptamente para dentro e para trás, interrompendo seu crescimento. A figura não tinha o pé esquerdo.

A conclusão só podia ser uma — a óbvia. Mas, na excitação que se seguiu à descoberta, as ações propostas foram tantas quanto o número de advogados incapazes de empreendê-las. O caso foi encerrado pelo xerife do condado, que, sendo legalmente responsável pela propriedade abandonada, mandou recolocar a raiz no lugar e tapar o buraco.

Investigações posteriores mostraram apenas um fato relevante e significativo: a Sra. Harding jamais chegara a visitar os pais em Iowa, nem eles tinham qualquer conhecimento de que ela pretendesse fazê-lo.

De Robert Harding e do restante da família nada se sabe. A casa mantém sua fama de assombrada, mas a videira replantada é uma árvore tão comum e inofensiva que qualquer pessoa nervosa poderia sentar-se ao pé dela numa noite agradável, com os grilos cantando suas revelações imemoriais e o

rodamoinho ao longe significando exatamente o que se deve fazer nesses casos.

Na casa do velho Eckert

Philip Eckert viveu durante muitos anos numa velha casa de madeira, desgastada pelo tempo, a cerca de cinco quilômetros da cidadezinha de Marion, em Vermont. Acho que ainda devem existir pessoas que se lembrem dele, talvez até de maneira simpática, e que conheçam alguma coisa da história que vou contar.

"O velho Eckert", como sempre foi conhecido, não era muito sociável e vivia sozinho. Como nunca se ouviu dizer que falasse de si próprio, ninguém nas redondezas jamais soube de seu passado, nem de seus parentes, se é que tinha algum. Embora não fosse especialmente desagradável ou repulsivo na maneira de agir ou falar, conseguia de alguma forma proteger-se da curiosidade alheia, e ainda assim isentar-se da fama de maldito que geralmente é a vingança dessa curiosidade frustrada. Que eu saiba, sua fama de assassino arrependido ou de pirata aposentado do alto-mar jamais chegou a Marion. Tirava o sustento do cultivo da terra não muito fértil de uma pequena fazenda.

Certo dia ele desapareceu, e a busca cuidadosa empreendida pelos vizinhos não foi capaz de localizá-lo, nem de determinar para onde fora ou por quê. Nada indicava que tivesse planejado ir embora: tudo estava como se ele tivesse saído para pegar água na fonte. Por algumas semanas, não se falou em outra coisa na região. Até que "o velho Eckert" transformou-se na lenda da cidade para todos os forasteiros. Não sei o foi feito de sua propriedade — duvido que tenham sido tomadas as providências legais cabíveis. Na última vez em que tive notícias dela, passados vinte anos, a casa continuava de pé, ainda vazia e visivelmente decadente.

Claro que ganhou fama de "assombrada" e que surgiram as costumeiras histórias de luzes que se movem, de gemidos e aparições assustadoras. A certa altura, cerca de cinco anos após o desaparecimento, as histórias sobrenaturais se tinham tornado tão comuns, ou tão importantes, em razão de circunstâncias que

as autenticavam, que um grupo de cidadãos sérios de Marion decidiu investigá-las, combinando assim passar uma noite na casa. Os participantes de tal iniciativa eram John Holcomb, boticário; Wilson Merle, advogado; e Andrus C. Palmer, professor da escola pública, todos eles homens ponderados e de boa reputação. Ficaram de encontrar-se na casa de Holcomb às oito da noite, na data acertada, de onde iriam juntos ao local da vigília, para o qual já tinham providenciado, visando seu próprio conforto, provisões de combustível e coisas do gênero, já que estavam no inverno.

Palmer faltou ao encontro e, depois de esperá-lo por cerca de meia hora, os outros foram para a casa de Eckert sem ele. Acomodaram-se no principal aposento, diante do fogo e, sem qualquer outra iluminação, esperaram pelos acontecimentos. Tinham combinado que falaria o mínimo possível: nem sequer voltaram a comentar entre si a defecção de Palmer, assunto que ocupara suas mentes durante todo o caminho.

Uma hora, talvez, tinha-se passado sem qualquer incidente, quando eles ouviram (não sem emoção, é claro) o ruído de uma porta se abrindo nos fundos da casa, seguido do som de passos no aposento ao lado daquele em que se encontravam. Ergueram-se, mas ficaram firmes, preparados para o que quer que fosse. Seguiu-se um longo silêncio — o quão longo, nenhum dos dois seria depois capaz de dizer. E então a porta entre os dois aposentos se abriu e um homem entrou.

Era Palmer. Estava pálido, como se assustado — tão pálido quanto os outros dois sabiam que estavam. E tinha um jeito estranho, distraído: não respondeu ao cumprimento dos dois, limitando-se a fitá-los e a atravessar devagar a sala iluminada pela luz do fogo que morria, abrindo em seguida a porta da frente para desaparecer na escuridão.

Ao que parece, ocorreu a ambos que talvez Palmer estivesse sob o impacto do medo — talvez tivesse visto, ouvido ou imaginado alguma coisa na sala dos fundos que o tivesse deixado atordoado. Levados pelo mesmo impulso de ajudar o amigo, os dois correram atrás dele através da porta aberta. Mas nem eles nem ninguém jamais voltou a ver ou a ouvir falar de Andrus Palmer!

E isso foi apurado na manhã seguinte. Durante a permanência de Holcomb e Merle na "casa assombrada", vários centímetros de neve fresca se tinham acumulado sobre a que já recobria o chão. Na neve nova, as pegadas de

Palmer em seu caminho da estalagem na cidade até a porta dos fundos da casa de Eckert eram claramente visíveis. Mas terminavam ali: diante da porta da frente, só havia as pegadas dos dois homens que juravam tê-lo visto sair por lá. Palmer desapareceu de modo tão completo quanto o próprio "velho Eckert" — o qual foi acusado com todas as letras pelo editor do jornal local de ter "surgido e agarrado Palmer, levando-o consigo".

Os outros hóspedes

"Para pegar o trem", disse o coronel Levering, sentado no Hotel Waldorf-Astoria, "você terá de passar a noite quase toda em Atlanta. É uma cidade interessante, mas eu o aconselho a não ir até a Casa Breathitt, um dos principais hotéis de lá. É uma velha construção de madeira, precisando urgentemente de reparos. As paredes têm rachaduras tão grandes que você seria capaz de enfiar um gato através delas. Os quartos não têm tranca nas portas nem móveis, apenas uma cadeira cada e um lastro com colchão, mas sem roupa de cama. E mesmo sobre essas acomodações tão simples você talvez não tenha exclusividade: correrá o risco de ter de dividir o quarto com outros hóspedes. Meu caro, é um hotel abominável.

"A noite em que passei lá foi extremamente desconfortável. Cheguei tarde ao hotel e fui levado até o quarto, no térreo, pelo porteiro da noite, que me pediu muitas desculpas. Levava nas mãos uma vela de sebo, que deixou comigo. Eu estava exausto, depois de dois dias e uma noite viajando de trem, e ainda não completamente recuperado de um tiro que levava na cabeça, durante uma briga. Em vez de procurar um lugar melhor para ficar, deitei-me no colchão sem nem mesmo tirar a roupa e caí no sono.

"De madrugada, acordei. A lua estava alta no céu e brilhava através da janela sem cortinas, banhando o quarto com uma luz suave e azulada, com um certo toque fantasmagórico, embora eu deva dizer que nada tivesse de incomum. O luar é sempre assim, se você observar bem. Imagine qual não foi minha surpresa e indignação ao ver que pelo menos uma dúzia de outros hóspedes se espalhava pelo chão do quarto! Ergui-me, maldizendo a gerência daquele hotel

impensável e já estava a ponto de sair da cama e procurar encrenca com o porteiro da noite — aquele das desculpas e da vela de sebo — quando alguma coisa no ambiente me deixou indisposto a fazer qualquer movimento. Acho que é o que um ficcionista chamaria de 'ficar paralisado de medo'. Porque, obviamente, todos aqueles homens estavam mortos.

"Jaziam de costas, dispostos em ordem ao longo de três das quatro paredes do quarto, com os pés junto ao rodapé — na quarta parede, a mais distante da porta, estava encostada minha cama, assim como a cadeira. Todos tinham os rostos cobertos, mas, de dois dos corpos, que estavam no quadrado de chão iluminado pelo luar, junto à janela, via-se perfeitamente o perfil, com o nariz e o queixo bem marcados sob os panos brancos.

"Pensei que fosse um pesadelo e tentei gritar, como se faz nesses casos, mas não consegui emitir qualquer som. Finalmente, após um esforço desesperado, pousei os pés no chão e, passando entre as duas fileiras de rostos recobertos e entre os dois corpos que jaziam mais perto da porta, escapei daquele lugar infernal, correndo até a portaria. O porteiro da noite estava lá, atrás do balcão, sentado em meio à luz mortiça de outra vela de sebo — sentado, apenas, de olhos abertos. Não se levantou: minha entrada repentina não teve sobre ele qualquer efeito, embora eu próprio devesse estar com a aparência de um cadáver. E só então ocorreu-me que eu não chegara a observá-lo bem. Era um rapaz franzino, de rosto pálido, com os olhos mais vazios, mais brancos, que eu jamais vira. Não tinha qualquer expressão. Suas roupas eram de um cinza sujo.

"'Raios!', gritei. 'O que é isso?' "Enquanto falava, eu tremia como uma folha ao vento, não sendo capaz sequer de reconhecer minha própria voz

"O porteiro da noite se levantou, fez uma reverência (como se procurasse desculpar-se) e — bem, no instante seguinte já não estava mais lá. E nesse mesmo segundo senti uma mão pousar sobre meu ombro. Imagine o que senti! Aterrorizado, virei-me e dei com um cavalheiro corpulento, de expressão gentil, que perguntou:

"'O que há, meu amigo?' "Não demorei a contar-lhe, mas antes que terminasse era ele quem estava pálido.

"'Diga-me uma coisa', falou, 'o senhor está me contando a verdade?' "Eu já estava mais controlado e agora o terror dava lugar à indignação.

"'Se duvida do que digo', falei, 'sou capaz de acabar com você!' "'Não',

respondeu, 'não faça isso. Sente-se que vou explicar-lhe tudo. Isto não é um hotel. Já foi, um dia. Depois, foi transformado num hospital. Agora está vazio, à espera de ser reocupado. E o quarto que o senhor mencionou era o necrotério — estava sempre cheio de cadáveres. O rapaz a quem o senhor chama de porteiro da noite costumava sê-lo, de fato, porém mais tarde passou a controlar o registro dos pacientes que eram trazidos para o hospital. Não entendo como pudesse estar aqui. Ele morreu há poucas semanas.' "E quem é você?", perguntei.

"Bem, sou eu que cuido do prédio. Aconteceu de eu estar passando e, vendo uma luz aqui dentro, entrei para investigar. Vamos até lá olhar o tal quarto', acrescentou, apanhando a vela que crepitava sobre o balcão.

"Prefiro encontrar com você no inferno!", retruquei, disparando porta afora.

"Meu caro, a tal de Casa Breathitt, em Atlanta, que lugar terrível! Não vá nunca lá."

"Deus me livre! Pelo que o senhor contou, não parece nada confortável... Por falar nisso, coronel, quando foi que tudo isso aconteceu?"

"Em setembro de 1864 — logo depois do cerco."

A casa assombrada

Na estrada em direção ao norte, que leva de Manchester, na região leste de Kentucky, a Booneville, cerca de trinta quilômetros adiante, existia, no ano de 1862, uma casa de fazenda, feita de madeira, cuja qualidade era bem superior à maioria das moradias daquela região. Ela seria destruída no ano seguinte por um incêndio — provavelmente provocado por soldados desgarrados da coluna do general George W. Morgan, que batia em retirada da Falha de Cumberland em direção ao rio Ohio, depois de ser vencida pelo general Kirby Smith. Quando foi destruída, a casa já estava abandonada há quatro ou cinco anos. Os campos à sua volta estavam cobertos pelo matagal, as cercas tinham sido derrubadas e mesmo as poucas casas de escravos, bem como outras construções externas, tudo estava em ruínas, fosse por descuido ou por pilhagem. Isso porque tanto os negros como os brancos pobres dos arredores costumavam usar a madeira da casa e das

cercas para fazer fogo, lançando mão desses recursos sem hesitar, abertamente e à luz do dia. Aliás, somente à luz do dia. Pois, assim que caía a noite, nenhum ser humano, exceto forasteiros que por ali passassem, jamais se aproximava do lugar.

Era conhecida como a "Casa Assombrada". Que ela era habitada por espíritos maléficos, visíveis, audíveis e ativos, todos naquela região acreditavam, da mesma forma que acreditavam no que ouviam do pastor itinerante em seus sermões de domingo. A opinião do dono da casa sobre o assunto ninguém sabia. Ele e sua família tinham desaparecido certa noite sem deixar rastros. Largaram tudo para trás — os bens que estavam na casa, roupas, provisões, os cavalos nos estábulos, as vacas no campo e os escravos em suas casas — tudo intocado. Não faltava nada — apenas um homem, uma mulher, três meninas, um menino e um bebê! E não era de admirar que numa fazenda onde sete seres humanos haviam desaparecido ao mesmo tempo, ninguém ficasse sob suspeita.

Certa noite, em junho de 1859, dois cidadãos de Frankfort, o coronel J. C. McArdle, advogado, e o juiz Myron Veigh, da Milícia Estadual, dirigiam-se de Booneville a Manchester. Tinham negócios tão importantes que decidiram seguir viagem apesar da escuridão que caía e dos rumores de uma tempestade que se aproximava, findando por desabar justamente quando eles se aproximavam da "Casa Assombrada". Eram tantos os relâmpagos que os dois conseguiram enxergar o caminho através da porteira até um alpendre, onde amarraram os cavalos, tirando-lhes os arreios. Em seguida foram até a casa, debaixo de chuva, batendo em todas as portas sem obter resposta. Atribuindo o fato ao barulho constante dos trovões, empurraram uma das portas, que cedeu. Entraram sem cerimônia, fechando-a. E, nesse instante, viram-se mergulhados na escuridão e no silêncio. Nem uma réstia de luz dos relâmpagos incessantes penetrava através das janelas ou das fendas. Nem um murmúrio do tremendo rugir dos trovões alcançava o interior da casa. Era como se tivessem ficado instantaneamente cegos e surdos. Mais tarde, McArdle contaria ter chegado a pensar que estivesse morto, atingido por um raio no momento em que cruzava a soleira da porta. O restante da aventura pode ser relatado por suas próprias palavras, que ele publicou no *Advocate*, de Frankfort, na edição de 6 de agosto de 1876:

"Assim que consegui me recuperar do torpor provocado pela transição entre o barulho e o silêncio, meu primeiro impulso foi reabrir a porta que

acabara de fechar, e de cuja maçaneta, pelo que podia lembrar, eu não chegara a retirar a mão. Podia senti-la, ainda, sob meus dedos fechados. Minha idéia era voltar para baixo da tormenta a fim de descobrir se havia mesmo perdido a visão e a audição. Virei a maçaneta e abri a porta. E vi que ela dava para um outro aposento!

"Esse aposento estava tomado por uma luz tênue, esverdeada, cuja fonte não pude determinar e que tornava tudo perfeitamente visível, embora não bem delineado. Eu digo 'tudo', mas na verdade os únicos objetos entre as paredes de pedra nua eram corpos humanos. Eram talvez oito ou dez — é preciso deixar claro que não os contei. Tinham diferentes idades, ou tamanhos, havendo de crianças a adultos, e de ambos os sexos. Todos jaziam no chão, exceto um, aparentemente uma jovem que, recostada, tinha as costas coladas a um dos cantos da parede. Um bebê jazia nos braços de outra mulher, esta mais velha. Um rapazinho estava caído de bruços, atravessado sobre as pernas de um homem de barba cerrada. Um ou dois estavam quase nus e uma das meninas trazia na mão o fragmento de uma roupa de dormir, que ela rasgara na altura do peito. Os corpos apresentavam diferentes estágios de decomposição, mas todos tinham face e corpo enrugados. Alguns eram pouco mais do que esqueletos.

"Enquanto, de pé, eu olhava estupefato aquele espetáculo terrível, ainda segurando a porta aberta, minha atenção, por um capricho inexplicável, prendeu-se em alguns detalhes insignificantes. Talvez minha mente, com um instinto de autopreservação, buscasse alívio em coisas que lhe pudessem amenizar a tensão. Entre outros detalhes, notei que a porta que segurava era feita de pesadas chapas de ferro, pregadas. Equidistantes, de alto a baixo, três grandes parafusos brotavam dos cantos chanfrados. Eu movia a maçaneta e eles se retraíam. Soltava-a e eles pulavam para fora. Era uma tranca de mola. Do lado de dentro não havia maçaneta, nem qualquer protuberância — a superfície de ferro era lisa.

"Enquanto observava esses detalhes com um interesse e uma atenção que hoje me deixam admirado, senti que era empurrado para o lado pelo juiz Veigh, do qual, ante a intensidade e as vicissitudes de minhas emoções, eu havia esquecido completamente. 'Pelo amor de Deus', gritei, 'não entre aí! Vamos sair deste lugar horrendo!' "Mas ele não deu atenção às minhas súplicas e (com a coragem típica dos cavalheiros do Sul) encaminhou-se até o centro da sala,

ajoelhando-se ao lado de um dos corpos para examiná-lo melhor e segurando entre as mãos, com cuidado, sua cabeça enegrecida e decomposta. Um odor estranho e desagradável veio através da porta, atingindo-me de chofre. Senti tudo rodar. Percebendo que ia cair, tentei amparar-me na quina da porta e acabei por fechá-la com um estalo metálico!

"Não me lembro de mais nada: seis semanas depois recobrei a consciência em um hotel de Manchester, para onde fora levado por estranhos no dia seguinte. Durante todas aquelas semanas sofrera de uma febre nervosa, com constantes delírios. Fora encontrado jogado na estrada a vários quilômetros de distância da casa. Mas como consegui escapar de lá e chegará estrada, jamais soube. Assim que me recuperei, ou assim que meus médicos me permitiram falar, perguntei pelo juiz Veigh e eles me disseram (para me acalmar, como ficaria sabendo depois) que ele estava bem e em casa.

"Ninguém acreditou em uma só palavra de minha história e isso não me surpreende. E quem pode imaginar meu desespero quando, ao chegar à minha casa em Frankfort, dois meses depois, fiquei sabendo que nunca mais depois daquela noite se tinha tido qualquer notícia do juiz Veigh? Foi então que me arrependi amargamente do orgulho que, nos primeiros dias de recuperação, me impedira de repetir minha história absurda, de insistir que ela era verdadeira.

"Tudo o que aconteceu depois — as investigações feitas na casa, sem que fosse encontrado qualquer aposento semelhante ao que eu havia descrito; as tentativas de me tachar de louco e a maneira como superei tais acusações —, tudo é bem conhecido pelos leitores do Advocate. Depois de todos esses anos, continuo certo de que as escavações que não tenho nem permissão legal nem dinheiro para fazer iriam desvendar o segredo do desaparecimento de meu infeliz amigo e talvez também dos donos da casa, hoje abandonada e destruída. Ainda não perdi completamente as esperanças de vir a realizar tal busca e sinto imensamente que ela venha sendo protelada pela hostilidade injusta e pela incredulidade ignorante de familiares e amigos do juiz Veigh."

O coronel McArdle morreu em Frankfort, no dia 13 de dezembro do ano de 1879.



Os olhos da pantera

I

Nem sempre nos casamos quando estamos loucos

Um homem e uma mulher — reunidos pela natureza — estavam sentados num banco rústico, num fim de tarde. O homem era de meia-idade, magro e moreno, com uma expressão de poeta e aparência de pirata — um homem capaz de chamar atenção. A mulher era jovem, loura, de maneiras

graciosas, com algo em seu aspecto e em seus movimentos que fazia pensar na palavra "ágil". Vestia uma roupa cinzenta cuja superfície era desenhada por estranhas figuras de cor marrom. Talvez fosse bonita. Era difícil dizer, porque seus olhos prendiam a atenção mais do que tudo. Cinza-esverdeados, longos e estreitos, tinham uma expressão misteriosa. Mas de uma coisa se podia ter certeza: eram perturbadores. Cleópatra talvez tivesse tido olhos assim.

O homem e a mulher conversavam.

"Sim", disse a mulher, "Deus sabe que eu amo você! Mas não quero me casar. Não posso. E não vou."

"Irene, você já disse isso muitas vezes, mas nunca me deu uma razão. Tenho o direito de saber, de entender, quero pôr à prova minha coragem, se é que a tenho. Dê-me uma razão."

"Para amar você?"

A mulher sorria por entre as lágrimas, lívida. Mas o homem não recebeu a frase com humor.

"Não. Para isso, não há razão alguma. Uma razão para não se casar comigo. Tenho o direito de saber. Preciso saber. E vou saber!"

Ele se levantara e estava de pé diante dela, com as mãos crispadas, o cenho franzido — semelhante a uma carranca. Por seu aspecto, parecia prestes a ameaçar estrangulá-la para que ela falasse. Ela parou de sorrir. Simplesmente encarou-o com um olhar fixo, imóvel, desprovido de emoção ou sentimento. Mas havia nele alguma coisa que domou a raiva do homem, fazendo-o estremecer.

"Você quer mesmo saber minha razão?", perguntou ela num tom de voz mecânico, um tom que parecia seu olhar transformado em som.

"Por favor... se não for pedir demais."

Aparentemente, a principal criatura de Deus estava cedendo terreno para a companheira.

"Muito bem. Pois você vai saber: eu sou louca."

O homem se levantou, depois olhou-a incrédulo, tendo consciência de que deveria estar achando graça. No entanto, mais uma vez, o senso de humor lhe faltava e, apesar de não acreditar, ficou profundamente perturbado por aquilo em que descreia. Nem sempre nossas convicções e nossos sentimentos estão afinados.

"É o que os médicos diriam", continuou a mulher, "se soubessem. Eu

mesma prefiro classificar como um caso de 'possessão'. Sente-se que vou lhe contar tudo.”

Sem dizer palavra, o homem voltou a sentar-se ao lado dela no banco rústico, junto ao caminho. Bem em frente a eles, na parte leste do vale, as montanhas já estavam incendiadas pelo pôr-do-sol e a quietude parecia anunciar o anoitecer. Aquela solenidade misteriosa e significativa tinha penetrado a alma do homem. No mundo espiritual, assim como no material, surgem sinais, presságios da noite. Evitando olhá-la e, sempre que o fazia, consciente do terror indefinível que aquele olhar, apesar de sua beleza felina, provocava, Jenner Brading ouviu em silêncio a história contada por Irene Marlowe. Em deferência ao leitor, que pode ver com preconceito a falta de arte de um narrador inexperiente, o autor destas linhas substitui sua própria versão pelas palavras dela.

II

Um quarto pode ser pequeno demais para três, mesmo que um esteja do lado de fora

Num casebre de madeira, com apenas um quarto e rudemente mobiliado, estava uma mulher agachada de encontro à parede, apertando contra o seio uma criança. Do lado de fora, uma floresta fechada estendia-se por muitos quilômetros, em todas as direções. Era noite e o quarto estava envolto no mais absoluto negror: nenhum olho humano teria sido capaz de discernir a mulher e a criança. E, no entanto, elas estavam sendo observadas. De perto, estreitamente, sem que, nem por um segundo sequer, houvesse um desvio da atenção. E esse é o fato crucial de onde parte toda nossa narrativa.

Charles Marlowe pertencia àquela classe de homens, hoje desaparecidos, que eram pioneiros das florestas. Homens cujos ambientes naturais eram a solidão das matas que se estendem ao longo da encosta oriental do Vale do Mississippi, dos Grandes Lagos ao Golfo do México. Por mais de cem anos esses pioneiros se embrenharam cada vez mais em direção a oeste, geração após geração, com seus rifles e machados, exigindo da natureza e de seus filhos selvagens um pedaço de terra aqui e ali para plantação, que logo seria reclamado

e finalmente arrancado por seus sucessores, menos aventureiros, mas sem dúvida mais prósperos. Até que chegaram ao fim da floresta e deram com o campo aberto, desaparecendo como se tivessem despencado num precipício. O pioneiro das florestas já não existe. O pioneiro das planícies, aquele cujo objetivo fácil foi ocupar e dominar dois terços do país no espaço de apenas uma geração, é uma criação diversa e, sem dúvida, inferior. Juntamente com Charles Marlowe, em meio àquelas paragens selvagens, dividindo com ele os perigos, a dureza e as privações de uma vida estranha e estéril, estavam sua mulher e uma criança, com as quais Marlowe — numa atitude típica dos homens de sua estirpe, para os quais as virtudes domésticas eram uma religião — tinha profunda ligação. A mulher ainda era jovem e, portanto, bonita, mas era também nova demais para se sentir bem diante do terrível isolamento da vida que levava. Mas, mesmo negando-lhe o imenso potencial de felicidade que as satisfações simples da floresta não eram capazes de prover, Deus havia sido generoso com ela. E ela encontrava em seus afazeres domésticos, no bebê, no marido e em poucos livros fúteis uma abundante provisão para suas necessidades.

Certa manhã de verão, Marlowe tirou o rifle do gancho de madeira na parede, demonstrando que estava disposto a ir à caça.

"Temos carne bastante", disse a mulher. "Por favor, não saia hoje. Ontem à noite sonhei, ah, um sonho terrível! Não consigo lembrar-me, mas tenho quase certeza de que ele vai se realizar se você sair."

É duro admitir, mas o fato é que Marlowe recebeu essa frase tão solene com menos gravidade do que se poderia esperar diante da natureza misteriosa da calamidade anunciada. Para dizer a verdade, caiu na risada.

"Tente se lembrar", falou. "Talvez você tenha sonhado que o bebê tinha perdido o dom de falar."

Ele obviamente se referia ao fato de que a neném, agarrada à barra de seu casaco de caça com os dez dedinhos rechonchudos, emitia naquele preciso instante um parecer sobre a situação, através de uma série de exultantes gu-gus inspirados pela visão da capa de pele de guaxinim usada pelo pai.

A mulher desistiu. O humor não era seu forte e ela não tinha como enfrentar as provocações do marido. E, assim, com um beijo na mãe e outro na criança, Marlowe saiu de casa, fechando a porta e deixando para trás, para sempre, sua felicidade.

À tardinha, ainda não voltara. A mulher preparou o jantar e esperou. Depois botou a menina na cama e cantou baixinho para ela, até que a criança dormiu. Nessa altura, o fogo no qual havia cozinhado o jantar já se extinguiu e o quarto estava iluminado apenas pela luz de uma vela. Mais tarde, ela colocaria a vela na janela aberta, como sinal de boas-vindas ao caçador, caso ele chegasse por aquele lado. Cuidadosamente, fechara a porta com uma barra transversal para evitar os animais selvagens que preferissem entrar por ali, em vez de fazê-lo pela janela aberta. Dos hábitos das feras predadoras, de entrar em casas sem ser convidadas, ela pouco sabia, embora, com sua intuição feminina, talvez tivesse pensado na possibilidade de isso acontecer através da chaminé. À medida que a noite avançava, ela ficava mais ansiosa, mas também ia sendo vencida pelo sono. Até que finalmente estendeu os braços sobre a cama do bebê e repousou a cabeça sobre eles. A vela na janela queimou até o bocal, bruxuleou e brilhou ainda por um instante antes de apagar-se, sem que ela se desse conta. Porque agora a mulher dormia. E sonhava.

Em seu sonho, jazia sentada junto ao berço de um segundo bebê. O primeiro estava morto. O pai também. A casa na floresta já não existia e o local onde se encontrava era para ela desconhecido. Havia pesadas portas de carvalho, sempre fechadas e, do lado de fora das janelas, presas às grossas paredes de pedra, havia barras de ferro, obviamente (assim pensou ela) uma medida para se defender dos índios. Tudo isso observou sentindo infinita autocomiseração, embora sem qualquer surpresa — sentimento desconhecido nos sonhos. O bebê no berço estava escondido pela coberta que, por alguma razão, ela vacilava em retirar. Mas afinal o fez, e se viu diante da face de um animal selvagem! Diante do choque daquela horrível revelação, a mulher acordou, tremendo em meio à escuridão de sua cabana na floresta.

Enquanto a consciência de onde se encontrava ia voltando aos poucos, ela temeu, pela criança, que talvez não fosse um sonho. E certificou-se de que estava tudo bem, sentindo a respiração do bebê. Não pôde deixar de passar a mão de leve em seu rosto. Em seguida, movida por um impulso do qual provavelmente nem se dera conta, ergueu-se, tomando o bebê adormecido nos braços e apertando-o contra o peito. A cabeceira do berço ficava encostada à parede, para a qual a mulher agora dava as costas. Erguendo os olhos, viu dois objetos faiscantes, encarando-a da escuridão com seu brilho verde-avermelhado.

Pensou que fossem duas brasas na lareira, mas assim que recobrou o senso de direção teve a inquietante certeza de que não brilhavam no ponto do quarto onde a lareira devia estar e, mais do que isso, que estavam muito acima, quase na altura dos olhos — de seus próprios olhos. Porque eram os olhos de uma pantera.

A fera estava na janela aberta, bem em frente a ela e a menos de cinco passos. Não via nada exceto aqueles olhos terríveis, mas, no horror que a sacudia à medida que tomava consciência da situação, de alguma forma sabia que o animal estava de pé sobre as patas traseiras, apoiando as dianteiras no peitoril da janela. Isso significava um interesse maligno — e não a simples satisfação de uma curiosidade indolente. A certeza daquela atitude era um terror a mais, acentuando a ameaça dos olhos monstruosos, em cujo fulgor toda sua força e coragem consumiam-se. Ante aquele olhar silencioso e inquiridor, sentiu todo seu corpo estremecer, nauseado. Os joelhos falharam e, pouco a pouco, instintivamente apoiando-se para evitar que um movimento mais brusco fizesse a fera atirar-se sobre ela, a mulher afundou no chão, agachando-se contra a parede, tentando proteger o bebê com o corpo que tremia, sem tirar por um segundo os olhos das órbitas luminosas que a matavam aos poucos. Não pensou no marido naquele momento de agonia. Nem teve esperança ou imaginou uma forma de ser salva ou escapar. Sua capacidade para pensar e sentir agora se restringia a uma única emoção: o medo do pulo do animal, do impacto de seu corpo, da pancada de suas imensas patas, dos dentes cravando-se em sua garganta, de seu bebê destroçado. Imóvel, agora, e no mais absoluto silêncio, ela esperou na escuridão, enquanto os momentos avolumavam-se como se fossem horas, anos, eras. E os olhos demoníacos continuavam lá.

De volta à cabana, tarde da noite, com um veado jogado nos ombros, Charles Marlowe tentou abrir a porta. Mas esta não cedeu. Bateu. Não teve resposta. Arriou o animal no chão e deu a volta até a janela. Assim que virou a quina da casa, teve a impressão de ouvir passadas furtivas e um ruído na vegetação rasteira da floresta, mas fora algo muito sutil para que tivesse certeza, mesmo com seus ouvidos treinados. Aproximando-se da janela e vendo, com surpresa, que estava aberta, jogou a perna por cima do peitoril e entrou. Tudo era silêncio e escuridão. Tateou até a lareira, riscou um fósforo e acendeu uma vela. Em seguida olhou em torno. Agachada no chão, contra a parede, viu a mulher, agarrada ao bebê. Quando correu em sua direção ela se levantou e soltou uma

gargalhada. Uma gargalhada interminável, alta, mecânica, desprovida de alegria e de sentido — o riso que se assemelha ao arrastar de correntes. Sem saber ao certo o que fazia, ele estendeu os braços. E a mulher colocou neles o bebê. Estava morto. Fora sufocado pela pressão do abraço da mãe.

III

A teoria da defesa

Isso foi o que aconteceu durante uma certa noite na floresta, mas nem tudo Irene Marlowe relatou a Jenner Brading. Pois ela própria não sabia tudo. Quando terminou sua história, o sol já estava baixo no horizonte e o longo crepúsculo de verão começava a mergulhar nos desvãos da terra. Por um instante, Brading permaneceu em silêncio, esperando que a narrativa continuasse até chegar a uma ligação com a conversa que a provocara. Mas a narradora estava tão silenciosa quanto ele e olhava para o outro lado, apertando e desapertando as mãos sobre o colo, como se aquele movimento fosse independente de sua vontade.

"É uma história triste e terrível", disse Brading, afinal. "Mas não entendo. Você diz que Charles Marlowe é o nome de seu pai. Isso eu sei. Pelo que vejo, eu imagino, ele envelheceu precocemente por causa de um grande sofrimento. Mas, perdão, você disse que... que você..."

"Que sou louca", disse a moça, sem fazer qualquer movimento.

"Mas, Irene, você disse... por favor, querida, não desvie os olhos de mim. Você disse que a criança estava morta, não demente."

"Sim. Aquela. Eu sou a segunda. Nasci três meses depois daquela noite, e minha mãe teve a bênção de morrer ao me dar à luz."

Brading ficou em silêncio de novo. Sentia-se um pouco tonto e não conseguia pensar no que dizer. Irene continuava olhando em outra direção. Sem graça, com um gesto impulsivo, Brading tentou segurar as mãos que a moça apertava e desapertava sobre o colo, mas algo — ele não saberia dizer o quê — o fez parar. E então lembrou-se, vagamente, que nunca chegara a tomar nas suas

as mãos de Irene.

"Você acha possível", recomeçou a moça, "que uma pessoa nascida nessas circunstâncias possa ser igual às outras? É a isso que você chama uma pessoa sã?"

Brading não respondeu. Estava preocupado com um novo pensamento que se formava em sua mente. Aquilo que um cientista chamaria de hipótese. E um detetive, de teoria. Poderia talvez lançar alguma luz, embora uma luz lúgubre, sobre as dúvidas acerca da sanidade de Irene que seu próprio relato não dissipara.

Os campos eram ainda virgens e, ao redor das cidades, escassamente habitados. O caçador profissional era uma figura familiar na região, tendo sempre entre seus troféus cabeças e peles de animais de grande porte. Havia histórias, nem sempre críveis, de encontros noturnos com animais selvagens em trilhas isoladas, mas assim como surgiam desapareciam, acabando esquecidas. A mais recente contribuição para essas histórias apócrifas, que pareciam surgir por geração espontânea em diversas casas, era a de que uma pantera vinha assustando as pessoas, espiando-as através das janelas, à noite. A história causara sua pequena dose de sensação e já chegara mesmo a ser narrada no jornal local. Mas Brading não lhe dera muita atenção. Agora, sua semelhança com a história que acabara de ouvir o impressionava, parecendo ser mais do que simples coincidência. Talvez uma história tivesse feito surgir a outra — encontrando condições adequadas numa mente mórbida, de imaginação fértil, talvez tivesse crescido e se transformado no conto trágico que acabara de ouvir.

Brading lembrou-se de certos detalhes da história e da própria maneira de ser da moça, nos quais, movido pela falta de curiosidade do amor, até então não prestara atenção. Detalhes como a vida solitária dela ao lado do pai, numa casa onde, ao que parece, jamais entravam estranhos, ou o curioso pavor que sentia da noite, com muita gente conhecida comentando que Irene jamais era vista depois do escurecer. Claro que numa mente assim a imaginação, uma vez ataçada, irá incendiar-se num fogo incontrolável, tomando toda a estrutura. E, embora isso lhe provocasse imensa dor, já não tinha dúvidas de que ela era insana. Apenas confundira um efeito da própria desordem mental com sua causa, estabelecendo uma relação imaginária entre sua personalidade e as excentricidades contadas pelos boateiros da região. Com a vaga intenção de

testar sua nova teoria, e sem uma clara noção do que fazer com ela, Brading disse, com gravidade, embora hesitante:

"Irene, querida, diga-me uma coisa. E imploro-lhe que não tome isso como uma ofensa, mas diga-me..."

"Já lhe disse", interrompeu a moça, falando com um fervor apaixonado que ele não se lembrava de ter percebido nela antes, "já lhe disse que não podemos casar-nos. Será que vale a pena dizer mais alguma coisa?"

E, antes que ele pudesse detê-la, Irene ergueu-se e, sem dizer mais nada nem voltar a olhá-lo, desapareceu por entre as árvores em direção à casa do pai. Brading se levantara para tentar evitar que ela partisse. De pé, ficou olhando em silêncio enquanto ela desaparecia na penumbra. De repente, deu um salto, como se tivesse sido atingido. Seu rosto assumiu uma expressão de estranheza, de alarme: por entre as sombras negras que a tragavam, pensou ter visto um rápido, um breve cintilar de olhos! Sentiu-se tonto por um segundo, sem saber o que fazer. Depois saiu correndo pela floresta atrás dela, gritando:

"Irene, cuidado! A pantera! A pantera!"

Logo vencera a densidão da floresta e saía num espaço aberto. Ainda a tempo de ver a saia cinza da moça desaparecendo por trás da porta da casa do pai. Não havia qualquer pantera à vista.

IV

Um apelo à consciência de Deus

Jenner Brading, advogado, vivia num chalé nos arredores da cidade. Bem atrás de sua casa ficava a floresta. Sendo solteiro e seguindo o código moral draconiano daquela época e lugar, segundo o qual não poderia usufruir do único tipo de serviço doméstico disponível — o da diarista —, fazia as refeições no hotel da cidade, onde também tinha seu escritório. O chalé junto à mata era apenas um local que mantinha — sem grande custo, é verdade — como forma de mostrar prosperidade e respeitabilidade. Para alguém que fora orgulhosamente apontado pelo jornal local como "o maior jurista de seu tempo",

não seria adequado ser tomado por um "sem teto", embora ele às vezes desconfiasse que ter um "teto" e uma "casa" não significava exatamente a mesma coisa. Na verdade, sua consciência dessa disparidade, bem como sua vontade de harmonizar os dois conceitos, era uma questão de pura dedução, já que se dizia que, pouco depois de construir o chalé, seu dono começara a pensar em casamento. A idéia fora longe a ponto de ele ser rejeitado pela bela porém excêntrica filha do Velho Marlowe, o recluso. Todos acreditavam nisso porque fora ele próprio quem o dissera e não a moça — uma inversão da ordem natural das coisas, o que provava a veracidade da versão.

O quarto de Brading ficava nos fundos da casa e tinha uma única janela, que dava para a floresta. Certa noite, ele foi acordado por um barulho na janela. Não saberia dizer com que se parecia. Sentindo uma leve tensão nos nervos, sentou-se na cama e apanhou o revólver, que, com a precaução de quem tem o hábito de dormir no térreo com a janela aberta, ele pusera sob o travesseiro. O quarto estava envolto na mais absoluta escuridão, mas, não estando aterrorizado, ele sabia bem para onde dirigir a vista e foi lá que a fixou, esperando em silêncio pelo que pudesse ocorrer. Já podia agora discernir vagamente o vão da janela — um quadrado um pouco menos escuro. Logo, na parte de baixo do vão, surgiram dois olhos incandescentes, que brilhavam com um cintilar maligno e sem expressão! O coração de Brading deu um salto, depois pareceu parar. Um arrepio percorreu lhe a espinha até os cabelos. E ele sentiu o sangue fugir-lhe das faces. Não poderia gritar, nem mesmo para salvar a própria vida. Mas, sendo um homem de coragem, não o teria feito, mesmo que pudesse. Seu corpo covarde podia estar tremendo, mas seu espírito era feito de matéria mais dura. Devagar, os olhos cintilantes moveram-se para cima, no que lhe pareceu um movimento de aproximação. E, também devagar, Brading ergueu a mão direita, segurando a pistola. E atirou.

Embora cego pela fâsca da arma e tonto pelo estampido, Brading ainda ouviu, ou pensou ter ouvido, o grito poderoso e selvagem da pantera, de som tão humano e de sugestão tão demoníaca. Saltando da cama vestiu-se às pressas e, de arma na mão, correu para a porta, onde encontrou dois ou três homens que tinham vindo correndo da estrada. Após breve explicação, seguiu-se uma busca cuidadosa pela casa. Do lado de fora da janela, havia um grande espaço onde a grama, úmida de orvalho, estava amassada e revolvida. Dali, surgia uma trilha

sinuosa, visível à luz da lanterna, que desaparecia entre os arbustos. Um dos homens escorregou e caiu com as mãos no chão, esfregando-as ao levantar-se e sentindo-as pegajosas. Ao examiná-las, viu que estavam vermelhas de sangue.

Estando desarmados, um encontro com uma pantera ferida era a última coisa que queriam. Todos desistiram. Menos Brading. De lanterna e pistola na mão, embrenhou-se corajosamente pela floresta. Vencendo com dificuldade a vegetação mais baixa, chegou a uma clareira e lá viu que sua coragem fora recompensada. Pois ali encontrou o corpo de sua vítima. Mas não era uma pantera. O que era está escrito, até hoje, na lápide gasta de um cemitério da cidade. Lá, no túmulo junto ao qual por muitos anos seria vista a figura encurvada do Velho Marlowe, com seu rosto marcado pelo sofrimento. Que sua alma e a de sua estranha e infeliz filha encontrem paz. Paz e reparação.



O segredo da Ravina Macarger

A noroeste da colina Indian, a uns treze quilômetros além, onde o vento faz a curva, fica a Ravina Macarger. Não é exatamente uma ravina — mas apenas uma depressão entre dois paredões de pequena altura, recobertos pela mata. Da boca à cabeça — porque as ravinas, assim como os rios, têm uma anatomia que é só delas — a distância é de no máximo três quilômetros e no fundo a largura só chega a ultrapassar os dez metros em um determinado ponto. E, de um lado e outro do riacho, cujas águas são drenadas no inverno e chegam a secar no início da primavera, as margens praticamente inexistem. As escarpas íngremes dos paredões, recobertas por uma vegetação quase impenetrável de

manzanita e chamiso, são divididas apenas pelo leito do rio. Ninguém, a não ser um ou outro caçador profissional das vizinhanças, vai até a Ravina Macarger, e a menos de dez quilômetros dali ninguém a conhece, nem mesmo de nome. Naquela região, em qualquer direção, existem muitos acidentes topográficos mais conhecidos que não têm nome algum. E ninguém sabe dizer por que razão a Ravina Macarger se chama assim.

A meio caminho entre a cabeça e a boca da Ravina Macarger, o paredão da direita, se escalado, mostrará que é fendido por uma outra ravina, pequena e seca, sendo que na junção entre as duas há um espaço plano de dois ou três hectares. Ali, alguns anos atrás, havia uma velha casa de madeira, de apenas um cômodo. De que maneira o material para fazer a casa, por mais simples e pouco que fosse, foi levado até local tão inacessível é um problema cuja solução traria mais satisfação do que vantagem. Talvez o leito do riacho tenha sido uma estrada. O que se sabe é que, em certa época, a ravina foi muito explorada por mineradores, que com certeza tinham os meios para ir até lá pelo menos com alguns animais, carregados de ferramentas e suprimentos. Mas os lucros obtidos, aparentemente, não tinham sido suficientes para justificar gastos consideráveis, capazes de ligar a Ravina Macarger a algum centro de civilização equipado com uma serraria. Apesar disso, a casa continuava lá, ou parte dela. Faltava-lhe uma porta e a moldura da janela. A chaminé, feita de pedra e barro, estava inclinada num ângulo deselegante e recoberta por ervas daninhas, A mobília humilde que um dia deve ter havido ali, assim como parte da madeira das paredes, havia sido transformada em combustível nas fogueiras dos acampamentos dos caçadores. O mesmo, provavelmente, acontecera com as bordas de um velho poço que, na época sobre a qual é meu relato, se transformara apenas num buraco largo mas não muito fundo, ali perto.

Certa tarde, no verão de 1874, eu atravessei a Ravina Macarger vindo do vale estreito onde ela vai dar, seguindo pelo leito seco do rio. Estava caçando codornas e carregava um saco com uma dúzia delas quando cheguei à casa descrita, cuja existência até então desconhecia. Depois de inspecionar as ruínas sem muito interesse, recomecei a caçar e, tendo bastante sucesso, prolonguei a atividade até quase o pôr-do-sol, quando me dei conta de que estava longe de qualquer abrigo — longe demais para chegar até ele antes do anoitecer. Mas levava comigo alguma comida e achei que a velha casa poderia me abrigar, se é

que era necessário abrigo numa noite quente e seca no sopé das colinas de Sierra Nevada, onde se pode perfeitamente dormir ao relento, sobre as palhas dos pinheiros. Gosto da solidão e da noite e, por isso, logo me decidi por acampar ali, "ao ar livre". Quando escureceu, já havia feito minha cama com ramos e capim num dos cantos da casa e assava uma codorna na fogueira que acendera dentro do cômodo. A fumaça saía pela chaminé em ruínas e a fogueira iluminava a sala com uma luz suave. Enquanto comia minha refeição simples — codorna assada acompanhada do resto de uma garrafa de vinho tinto que me servira por toda a tarde naquela região onde não havia água —, tive uma sensação de conforto que melhores acomodações e passadio nem sempre proporcionam.

Contudo senti que faltava algo. Tinha uma sensação de conforto, mas não de segurança. Flagrei-me olhando para os vãos abertos da porta e da janela mais vezes do que seria justificável. Do lado de fora, tudo era negror e eu mal podia reprimir uma sensação de apreensão à medida que minha fantasia preenchia a escuridão com entidades hostis, naturais e sobrenaturais. Principalmente — em suas respectivas categorias — o urso pardo, que eu sabia que ainda era visto naquela região, e o fantasma, que eu tinha razões para acreditar que não o era. Infelizmente, nossos sentimentos nem sempre respeitam a lei das probabilidades e para mim, naquela noite, o possível e o impossível eram igualmente inquietantes.

Qualquer pessoa que já tenha tido uma experiência desse tipo sabe que costumamos enfrentar os perigos da noite, reais e imaginários, com muito menos apreensão num espaço aberto do que se estivermos dentro de uma casa, porém sem porta. Era exatamente o que eu sentia, enquanto, deitado em meu colchão de capim num canto da sala peito da chaminé, via o fogo ir morrendo aos poucos. Tão forte tornou-se a sensação de que havia ali uma presença maligna e ameaçadora, que logo eu já não conseguia tirar os olhos do vão da porta, embora ele fosse cada vez menos visível na escuridão que se adensava. Quando a última chama bruxuleou, apagando-se, agarrei a espingarda que deixara a meu lado e apontei-a na direção do vão agora invisível, com o dedo no gatilho, pronto para atingir o alvo, a respiração suspensa, os músculos rígidos, tensos. Mas acabei por deixar de lado a arma, invadido por uma sensação de vergonha e mortificação. O que temia, afinal, e por quê? Eu, para quem a noite sempre fora

Um rosto mais familiar Do que o do próprio homem...

Eu, para quem o elemento hereditário da superstição — do qual nenhum de nós está completamente livre — só fazia dar à solidão, ao escuro e ao silêncio ainda mais charme e um interesse ainda mais sedutor. Não podia compreender minha própria tolice e assim, perdendo, nessa conjectura, aquilo sobre o que conjecturava, acabei adormecendo. E então sonhei.

Estava numa cidade grande de um país estranho — uma cidade na qual as pessoas eram de minha própria raça, com mínimas diferenças de linguagem e costumes. E, contudo, que linguagem e costumes eram esses eu não saberia dizer. Eu os apreendia de forma indistinta. A cidade era dominada por um imenso castelo, no alto de uma colina cujo nome eu conhecia mas não poderia dizer. Atravessei várias ruas, algumas largas e retas, com prédios altos e modernos, outras estreitas, sombrias, tortuosas, por entre as fachadas de casas velhas e estranhas, cujos andares superiores, ricamente ornamentados com trabalhos em madeira e pedra, quase se tocavam acima de minha cabeça.

Eu estava à procura de alguém que nunca havia visto, mas que sabia ser capaz de reconhecer assim que encontrasse. Minha busca não era sem sentido nem fortuita. Seguia um método bem definido. Eu passava de uma rua à outra sem hesitação, percorrendo uma série de intrincadas passagens, sem qualquer medo de me perder.

Logo, parei diante de uma porta baixa, numa casa toda de pedra que parecia a moradia de um artesão de alto nível. E, sem me anunciar, entrei. Apenas duas pessoas estavam na sala, esparsamente mobiliada, e onde entrava a luz de uma única janela, com vidros facetados como diamantes: um homem e uma mulher. Não pareceram notar minha intrusão, circunstância que, à maneira dos sonhos, pareceu-me perfeitamente natural. Não conversavam. Estavam sentados separados, taciturnos e imóveis.

A mulher era jovem e resoluta, com olhos grandes e uma beleza grave. A lembrança que tenho de sua expressão facial é extremamente vívida, embora nos sonhos não se observe os detalhes de um rosto. Sobre os ombros, levava um xale axadrezado. O homem era mais velho, de pele escura, com um rosto maléfico tornado ainda mais horrendo por uma imensa cicatriz, que se estendia em diagonal desde perto da têmpora esquerda até o bigode preto. Em meu sonho, a cicatriz parecia assombrar aquele rosto como se fosse algo à parte — não saberia como explicá-lo de outra forma —, como se não pertencesse a ele. Não

instante em que me vi diante daquele homem e daquela mulher, soube que eram casados.

Do que se seguiu, lembro-me apenas indistintamente. Tudo parecia confuso, inconsistente, como se composto, acho, por meros clarões de consciência. Era como se duas cenas, o cenário do sonho e a casa onde me abrigara, se tivessem fundido, interpenetrando-se, até que a primeira foi esmaecendo e desapareceu. E me vi completamente desperto na cabana abandonada, inteira e tranquilamente consciente de minha situação.

Meus tolos temores haviam desaparecido e, ao abrir os olhos, notei que o fogo, não tendo apagado de todo, fora reavivado pela queda de uma tora e voltara a iluminar a sala. Tinha a impressão de só ter dormido alguns minutos, mas meu sonho, embora comum, por alguma razão me impressionara de tal forma que eu perdera o sono. Assim, logo levantei-me e, remexendo nas toras da fogueira e acendendo o cachimbo, dediquei-me a meditar metodicamente sobre a visão que tivera.

Eu teria ficado confuso na ocasião se precisasse explicar por que a visão merecia tamanha atenção de minha parte. Num primeiro momento de reflexão séria, reconheci a cidade do sonho como sendo Edimburgo, onde jamais estivera. Assim, se o sonho era memória, era a memória de retratos e descrições. Por isso mesmo, aquele reconhecimento me impressionou muito. Era como se algo em minha mente se rebelasse contra a razão e a vontade, a respeito da importância de tudo aquilo. E tal faculdade, fosse o que fosse, também parecia ter obtido controle sobre minha fala.

"Claro", disse eu em voz alta, quase sem querer. "Os MacGregors com certeza vieram para cá partindo de Edimburgo."

Naquela hora, nem o significado dessa frase nem o fato de eu a ter pronunciado surpreenderam-me, minimamente que fosse. Pareceu-me natural que eu soubesse o nome de meus companheiros de sonho e um pouco de sua história. Mas o absurdo de tudo aquilo de repente desabou sobre mim: caí na gargalhada e, batendo as cinzas do cachimbo, voltei a deitar-me no colchão de ramos e capim. Fiquei olhando, distraído, para o fogo que morria, sem pensar mais nem no sonho nem no lugar onde estava. De repente, a última chama estremeceu por um instante e então, espichando-se e libertando-se das brasas, expirou no ar. A escuridão era agora absoluta.

Naquele instante — antes mesmo, talvez, que a última chama desaparecesse ante meus olhos — ouvi um baque surdo, grave, como o de um corpo pesado caindo ao chão, que estremeceu embaixo de mim. Num segundo, sentei-me e procurei pela espingarda. Pensei que alguma fera tivesse entrado pela janela aberta. Enquanto a estrutura frágil da cabana ainda estremeceu com o impacto, ouvi o som de pancadas, o arrastar de passos no chão e então — parecendo vir de tão perto que era como se estivesse ao alcance de minha mão — explodiu o grito desesperado de uma mulher em agonia mortal. Foi um grito tão terrível que jamais ouvi ou imaginei algo igual. Aquele grito me destroçou os nervos. Por um instante, não tive consciência de mais nada, exceto de meu mais absoluto terror!

Felizmente minha mão acabara de achar a arma que buscava e aquele toque familiar me fez voltar a mim. De um pulo, fiquei de pé, estreitando os olhos para tentar vencer a escuridão. Os sons violentos tinham cessado, mas, pior do que isso, eu ouvia, a intervalos que me pareceram longos, o sussurrar entrecortado e débil de alguém ou alguma coisa que morria!

Assim que meus olhos se acostumaram à luz mínima que emanava das brasas na fogueira, vi primeiro as silhuetas da porta e da janela, mais escuras do que as escuras paredes. Em seguida, pude distinguir a junção entre as paredes e o chão e finalmente percebi o assoalho em toda sua extensão, de um lado a outro. Não havia nada ali. E o silêncio era completo.

Com a mão trêmula, enquanto a outra continuava segurando a arma, reavivei o fogo, fazendo em seguida uma cuidadosa inspeção do lugar. Não havia qualquer sinal de que alguém ou algo tivesse entrado na cabana. Apenas minhas próprias pegadas eram visíveis na poeira do chão, mais nada. Reacendi o cachimbo, alimentei o fogo arrancando uma ou duas ripas de madeira do interior da casa — não podia pensar em sair da cabana naquele escuro — e passei o restante da noite pensando e fumando, além de alimentar o fogo. Nem em troca de anos de vida teria eu deixado aquela pequena chama morrer outra vez.

Anos depois, conheci em Sacramento um homem de nome Morgan, para quem levava uma carta de apresentação enviada por um amigo de São Francisco. Jantando na casa dele certa noite, notei que havia vários "troféus" na parede, dando a entender que ele era um caçador. Era mesmo e, ao relatar algumas de suas façanhas, ele me contou que já andara caçando na região de

minha aventura.

"Sr. Morgan", comecei, de repente, "o senhor conhece um lugar daquela região chamado Ravina Macarger?"

"Claro. E tenho boas razões para isso", respondeu ele. "Fui eu quem passou para os jornais, no ano passado, as informações sobre os esqueletos encontrados lá."

Eu não ouvira falar do assunto. A história tinha sido publicada, ao que parece, quando eu estava viajando pelo Leste.

"Por falar nisso", continuou Morgan, "o nome da ravina é uma corruptela. Ela deveria chamar-se 'MacGregor'. Querida", disse ele, virando-se para a mulher, "o Sr. Elderson derramou vinho."

Fora bem mais do que isso. Eu acabara de derrubar a taça, o vinho, tudo.

"Havia antigamente uma velha cabana na ravina", recomeçou Morgan, quando os cacos do meu descuido tinham sido retirados, "mas pouco antes de eu passar por lá ela tinha desabado, ou melhor, parecia ter explodido, pois seus destroços estavam espalhados por todos os lados, e até mesmo o chão fora partido, tábua por tábua. Entre uma e outra trave do assoalho que restava, eu e meu amigo encontramos os restos de um xale axadrezado e, examinando-o, vimos que estava envolvendo os ombros de um corpo de mulher, do qual pouco restava além dos ossos, parcialmente cobertos por fragmentos de roupas e pela pele seca e escurecida. Mas vamos poupar a Sra. Morgan", acrescentou, com um sorriso.

A mulher na verdade exibia mais sinais de nojo do que de paixão.

"É preciso dizer, porém", continuou, "que o esqueleto tinha várias fraturas, como se tivesse recebido pancadas de um instrumento rombudo. E o instrumento em si, o cabo de uma picareta, ainda manchado de sangue, foi encontrado sob as tábuas, ali perto." O Sr. Morgan virou-se para a mulher. "Perdão, querida", disse, com uma solenidade afetada, "perdoe-me por mencionar esses detalhes desagradáveis, consequências naturais, embora lamentáveis, de uma briga conjugal. Resultado, com certeza, da insubordinação da infeliz mulher,"

"Devo conseguir superar isso", respondeu a mulher, com compostura. "Você já me pediu muitas vezes que o fizesse, com essas mesmas palavras."

Achei que ele parecia feliz em poder continuar sua história.

Diante dessa e de outras circunstâncias", disse, "os jurados concluíram que a mulher morta, Janet MacGregor, tinha sido assassinada a golpes por alguma pessoa desconhecida. Mas foi acrescentado que as evidências apontavam para seu marido, Thomas MacGregor, como o culpado. Só que Thomas MacGregor nunca foi encontrado, nem se ouviu mais falar dele. Soube-se que o casal tinha vindo de Edimburgo, mas não... querida, você não notou que o pratinho de ossos do Sr. Elderson está cheio d'água?"

Eu acabara de enfiar um osso de galinha dentro da lavanda.

"Num armário, encontramos uma fotografia de MacGregor, mas nem assim foi possível capturá-lo."

"O senhor me deixaria vê-la?", perguntei.

A fotografia mostrava um homem de pele escura, com um rosto maligno e uma longa cicatriz que ia de perto da têmpora até junto do bigode preto.

"Por falar nisso, Sr. Elderson", disse meu simpático anfitrião, "posso saber o porquê de seu interesse pela Ravina Macarger?"

"Certa vez, perdi uma mula naquela região", respondi, "e isso me deixou... me deixou muito chateado."

"Querida", disse o Sr. Morgan, com a entonação mecânica de um intérprete traduzindo, "a perda da mula fez com que o Sr. Morgan botasse pimenta no café."



O homem saindo do nariz

Na interseção de duas ruas da região de São Francisco que é vagamente conhecida pelo nome de North Beach, existe um terreno baldio, um pouco mais plano do que costumam ser os terrenos, baldios ou não, naquelas redondezas. Mas logo atrás, na direção sul, o terreno sofre uma súbita inclinação e esse acrive é composto de três platôs cortados na rocha porosa. É um lugar para cabras e pessoas pobres, sendo que várias famílias de cada uma dessas categorias têm dividido amistosamente a área "desde a fundação da cidade". Uma das casas pobres do terraço inferior chama atenção pela semelhança grotesca que tem com um rosto humano, ou, melhor dizendo, com um simulacro dele, como, por

exemplo, o rosto esculpido por um garoto numa abóbora oca, sem querer ser ofensivo para com os garotos. Os olhos são duas janelas circulares, o nariz é a porta e a boca uma abertura logo abaixo, no local de onde foi retirada uma tábua de madeira. Não há degraus. A casa é larga demais para um rosto. E pequena demais para uma habitação. O olhar vazio, sem qualquer sentido, daqueles olhos sem pálpebras ou sobrancelhas, é sobrenatural.

De vez em quando um homem sai daquele nariz, vira, passa diante do lugar onde deveria estar a orelha direita e, caminhando por entre a multidão de crianças e cabras que obstruem o passeio estreito entre as casas dos vizinhos e o limite do platô, ganha a rua, descendo por uma escada bamba. Ali, para e consulta o relógio. Um estranho que passar por ali naquele instante há de se perguntar por que um homem como aquele se importa em saber as horas. Mas uma observação mais acurada mostrará que a hora do dia é um elemento importante para os movimentos desse homem, porque é precisamente às duas da tarde que ele aparece, 365 vezes, todos os anos.

Assim que se certifica de que não se enganou quanto ao horário, ele volta a guardar o relógio e caminha apressado na direção sul, subindo a rua por duas quadras e virando à direita até que, aproximando-se da esquina seguinte, fixa os olhos na janela mais alta de uma construção de três andares do outro lado da rua. É uma estrutura encardida, feita originalmente de tijolos vermelhos e que agora se tornou cinzenta. Traz a marca do tempo e da poeira. Construída para ser uma casa, hoje abriga uma fábrica. Não sei o que é fabricado lá. As coisas que geralmente são feitas em fábricas, pelo que imagino. Só sei que às duas horas em ponto, todas as tardes, exceto aos domingos, o lugar está agitado e barulhento. O prédio é sacudido por pulsações de algum motor gigantesco e ouvem-se os gritos constantes da madeira sendo ferida pelas serras. Na janela onde o homem fixa seu olhar expectante, nada se vê, jamais. O vidro, na verdade, está recoberto por uma tal camada de poeira que há muito deixou de ser transparente. O homem olha sem cessar para aquele ponto. E continua virando-se para olhar, cada vez mais para trás, à medida que se afasta do prédio. Passando pela próxima esquina, vira à esquerda, dá a volta no quarteirão e retorna até chegar ao ponto diagonalmente oposto à fábrica — o ponto por onde passou anteriormente, e que voltará a trilhar, olhando sem parar por cima do ombro direito para a mesma janela, até que ela se perca de vista. Por muitos anos, nunca se soube que ele

mudasse de rota, nem que introduzisse qualquer novidade em suas ações. Em um quarto de hora ele está de volta diante da boca de sua casa. E uma mulher, que há algum tempo aguarda de pé diante do nariz, ajuda-o a entrar. Ele não será visto outra vez até as duas horas da tarde seguinte.

A mulher é sua esposa. Ela se sustenta e ao marido lavando roupa para as pessoas pobres da vizinhança, cobrando preços que acabam com a concorrência chinesa e doméstica.

Esse homem tem 57 anos de idade, embora pareça muito mais velho. O cabelo é completamente branco. Ele não usa barba e está sempre bem escanhoado. Suas mãos são limpas, as unhas bem-cuidadas. Em matéria de roupas, é muito mais bem-vestido do que faria supor sua posição social, a julgar pela vizinhança e pela profissão da mulher. Chega, na verdade, a vestir-se bem, até mesmo com apuro. Seu chapéu de seda não tem mais do que dois anos e suas botas, escrupulosamente engraxadas, não apresentam qualquer remendo. Disseram-me que as roupas que usa em suas excursões diárias de quinze minutos não são as mesmas que usa em casa. Como tudo o mais que ele tem, as roupas são cuidadas pela mulher, sendo renovadas sempre que o magro orçamento o permite.

Há trinta anos, John Hardshaw e sua mulher vivem em Rincon Hill, em uma das mais luxuosas casas desse que um dia foi um bairro aristocrático. Ele fora médico, mas, tendo herdado muitas propriedades do pai, decidiu não mais preocupar-se com os achaques de seus semelhantes, dedicando-se a cuidar apenas de seus próprios negócios. Tanto ele quanto a mulher eram pessoas de alto nível, cuja casa era frequentada por um seleto grupo de homens e mulheres que gente de sua estirpe considera dignos de sua convivência. Para o grupo, o Sr. e a Sra. Hardshaw eram muito felizes juntos. Ao que tudo indicava, a esposa era devotada ao marido, charmoso e bem-sucedido, além de se sentir extremamente orgulhosa dele.

Faziam parte do grupo os Barwells — marido, mulher e duas crianças — de Sacramento. O Sr. Barwell era engenheiro civil e de mineração, que por razões profissionais vivia viajando, principalmente para São Francisco. Nessas ocasiões, a mulher costumava ir com ele, passando boa parte do tempo na casa de sua boa amiga, a Sra. Hardshaw, sempre com as duas crianças, das quais a Sra. Hardshaw, que não tinha filhos, gostava muito. Infelizmente, seu marido, o

Sr. Hardshaw, também passou a gostar muito da mãe das crianças — muito mesmo. E, mais infelizmente ainda, a atraente Sra. Barwell era mais fraca do que sábia.

Lá pelas três da madrugada de uma noite de outono, o agente número 13 da polícia de Sacramento viu um homem esgueirando-se pela porta dos fundos de uma residência e imediatamente prendeu-o. O homem — que usava um chapéu desabado e o sobretudo em desalinho — ofereceu ao policial cem dólares, em seguida quinhentos e finalmente mil dólares para que o soltasse. Mas, como tinha em mãos menos do que a primeira soma mencionada, o policial desdenhou da proposta. Antes de chegarem à delegacia, o prisioneiro propôs dar ao policial um cheque no valor de dez mil dólares e aguardar algemado aos salgueiros junto à margem do rio enquanto ele fosse descontá-lo. Mas, como o resultado foi mais zombaria, ficou quieto e não disse mais nada, limitando-se a fornecer um nome que era obviamente falso. Quando foi revistado na delegacia, nada de valor foi encontrado em seu poder, exceto um retrato em miniatura da Sra. Barwell — a mulher em cuja casa ele fora flagrado. A acusação foi feita e lhe custou caro. E alguma coisa na qualidade das roupas do prisioneiro fez uma onda de arrependimento percorrer o âmago incorruptível do agente número 13. Nada havia, nas roupas ou na pessoa, que pudesse identificá-lo e, assim, o prisioneiro foi fichado como ladrão sob o nome que fornecera, o honrado nome de John K. Smith. Aquele "K" fora uma inspiração de momento, que o deixara orgulhoso de si próprio.

Enquanto isso, o desaparecimento misterioso de John Hardshaw agitava as fofocas de Rincon Hill, em São Francisco, tendo sido até mesmo noticiado em um dos jornais. A mulher que o jornal classificava respeitosamente de "viúva" não teve a idéia de procurá-lo na prisão de Sacramento — cidade que, pelo que sabia, ele nunca visitara. E, na pele de John K. Smith, ele foi indiciado e, dispensadas as investigações, mandado a julgamento.

Cerca de duas semanas antes do julgamento, a Sra. Hardshaw ficou sabendo por acaso que seu marido estava preso em Sacramento com um nome falso, sob acusação de roubo. Correu para lá, sem ousar comentar o assunto com quem quer que fosse, e apresentou-se na prisão, pedindo para falar com o marido, John K. Smith. Pálida e louca de ansiedade, usando um agasalho que a cobria do pescoço aos pés, e com o qual passara a noite no barco a vapor,

angustiada demais para conseguir dormir, a Sra. Hardshaw não aparentava o que realmente era. Mas seu aspecto era mais eloquente do que qualquer palavra que pudesse dizer pedindo para entrar. E assim conseguiu vê-lo, a sós.

O que aconteceu durante a desagradável entrevista, nunca se soube. Mas acontecimentos posteriores provaram que Hardshaw conseguira dobrar-lhe a vontade. Ela saiu da cadeia com o coração despedaçado, sem responder a uma só pergunta e, voltando para o lar infeliz, reiniciou, sem muita convicção, as buscas ao marido. Uma semana depois, ela própria desapareceria: tinha "ido embora para o interior", era tudo o que se sabia.

No julgamento, o prisioneiro admitiu a culpa — "a conselho do advogado", segundo este. Contudo, o juiz, em cuja mente circunstâncias estranhas haviam feito surgir várias dúvidas, insistiu junto ao promotor para que o policial número 13 sentasse no banco das testemunhas. O depoimento da Sra. Barwell que, adoentada, não pôde comparecer, foi lido para os jurados. Foi breve: ela nada sabia do assunto, exceto que o retrato era sua propriedade e que tinha sido, ao que sabia, deixado sobre a penteadeira quando ela fora se deitar, na noite do roubo. Ela mandara-o fazer para dar de presente ao marido, na época e até então ausente em viagem de negócios à Europa para uma companhia de mineração.

A atitude dessa testemunha ao dar seu depoimento em casa seria depois descrita pelo promotor como muito estranha. Por duas vezes ela se recusara a testemunhar e, em outra ocasião, quando faltava apenas sua assinatura no depoimento, ela o tomara das mãos do escrivão, rasgando-o em pedacinhos. Também chamara as crianças para junto do leito e abraçara-as com os olhos cheios d'água. Em seguida, mandando-as embora do quarto, verificara o depoimento feito sob juramento, assim como a assinatura, e caíra desmaiada — ou "deslizara", segundo o promotor. Nessa hora, o médico dela, entrando no quarto e inteirando-se da situação, agarrara o representante da lei pelo colarinho e atirara-o porta afora, com o assistente atrás. Sua majestade o representante da lei não seria vingado. A vítima de tal indignidade não mencionou sequer uma palavra do ocorrido diante da Corte. Queria muito ganhar a causa e as circunstâncias em que se dera aquele depoimento não teriam importância se relatadas. Afinal, o homem que estava sendo julgado cometera uma ofensa à lei um pouco menos abominável do que a cometida pelo médico irascível.

Por sugestão do juiz, o júri considerou o prisioneiro culpado. Nada mais havia a fazer e ele recebeu uma sentença de três anos de prisão. O advogado, que nada objetara nem fizera qualquer pedido de clemência — na verdade, mal abriu a boca —, apertou a mão do cliente e saiu do recinto. Ficara óbvio para todo o tribunal que ele aceitara o caso apenas para evitar que a Corte apontasse outro advogado, e este insistisse em fazer a defesa.

John Hardshaw cumpriu sua sentença em San Quentin e, quando libertado, encontrou à sua espera na porta da cadeia a mulher, que viera "do interior" para encontrá-lo. Parece que foram para a Europa. Seja como for, um advogado, que ainda está vivo — e que me relatou boa parte dos fatos desta história — recebeu uma procuração em Paris. Esse advogado vendeu tudo o que Hardshaw possuía na Califórnia e por muitos anos nada mais se soube do infeliz casal. Apesar disso, muitos dos que os conheceram, tendo ouvido ecos imprecisos de sua estranha história, lembravam-nos com carinho e lamentavam por seu infortúnio.

Alguns anos depois, eles voltaram. Alquebrados, em fortuna e em espírito — no caso dele, também na saúde. A razão dessa volta não me foi possível determinar. Por algum tempo viveram, usando o sobrenome Johnson, num bairro razoavelmente respeitável ao sul da Market Street, bem afastado. Nunca eram vistos fora das vizinhanças de casa. Com certeza restava-lhes algum dinheiro, pois ao que parece o homem não tinha qualquer ocupação, provavelmente por motivos de saúde. A devoção da mulher ao marido inválido chamava a atenção dos vizinhos. Nunca se afastava dele e estava sempre ajudando-o ou encorajando-o. Sentavam-se por muitas horas num dos bancos de um pequeno parque público, onde ela lia para ele, segurando-lhe a mão, por vezes tocando-lhe de leve a face pálida, ou erguendo os olhos ainda belos para olhá-lo e fazer algum comentário sobre o texto, ou ainda fechando o livro e, para afastar sua tristeza, dizendo alguma coisa... O quê? Nunca ninguém ouviu o que falavam. O leitor que teve até agora a paciência de ouvir a história pode fazer suas conjecturas: talvez houvesse algum assunto a ser evitado. O fardo daquele homem era de um desalento profundo. Na verdade, os jovens da vizinhança, nada solidários, com aquela crueldade que caracteriza os machos de nossa espécie, costumavam referir-se a ele como o Fantasma Babão.

Mas um dia aconteceu de John Hardshaw ser tomado pelo espírito da

inquietação. Só Deus sabe o que o fez ir até onde foi mas o fato é que atravessou a Market Street e seguiu em frente rumo ao norte, colinas acima, descendo em seguida em direção à região conhecida como North Beach. Virando à esquerda ao acaso, seguiu os próprios pés por uma rua desconhecida até estar diante do que era ainda naquela época uma casa enorme, e onde hoje funciona uma fábrica medíocre. Erguendo os olhos quase sem querer, viu, numa janela aberta, aquilo que talvez tivesse sido melhor não ter visto — o rosto e a figura de Elvira Barwell. Seus olhos se encontraram. Com um grito agudo, como o de um pássaro assustado, a mulher pôs-se de pé, debruçando-se na janela, ambas as mãos crispadas sobre a balaustrada. Com o grito, as pessoas que passavam por ali olharam para cima. Hardshaw estava paralisado, mudo, os olhos como duas chamas. "Cuidado!", gritou alguém da rua, enquanto a mulher pendia mais e mais para a frente, desafiando a implacável e silenciosa lei da gravidade, da mesma forma como um dia desafiara as leis que Deus vociferara do Sinai. O movimento brusco fez seus cabelos negros caírem ombro abaixo numa torrente e eles agora chicoteavam-lhe o rosto, quase ocultando-o. Um segundo se passou e... um grito de medo varreu a rua, no instante em que a mulher, perdendo o equilíbrio, despencou da janela, rodopiando, numa confusa massa de saias, pernas, cabelos, face pálida, que se estatelou no chão com um barulho horrível, um impacto ouvido a centenas de metros dali. Por um instante, todos os olhos se recusaram a cumprir seu ofício e evitaram o espetáculo terrível sobre a calçada. E, quando para lá afinal se voltaram, o que viram foi um terror ainda maior. Um homem, sem chapéu, sentado sobre as pedras do pavimento, apertava contra o peito o corpo desfeito e sangrento, beijando-lhe por entre os cabelos úmidos as faces e os lábios destroçados, ele próprio uma só nódoa vermelha, do sangue que quase o sufocava, escorrendo como um rio da barba encharcada.

O trabalho do repórter está quase terminado. Os Barwells tinham voltado, naquela mesma manhã, de uma temporada de dois anos no Peru. Uma semana depois, o viúvo, duplamente enlutado, já que a horrível cena de Hardshaw não deixara margem a qualquer dúvida, viajou para algum porto distante. Não sei qual, só sei que ele nunca mais voltou. Hardshaw — não mais sob o nome de Johnson — passou um ano no asilo de loucos de Stockton, para onde, graças à influência de amigos piedosos, sua mulher também foi, a fim de cuidar dele. Quando ele saiu de lá, não curado, mas inofensivo, o casal voltou à

cidade, que parecia exercer sobre eles um fascínio sobrenatural. Por um tempo, viveram perto de Mission Dolores, em pobreza abjeta, embora menor do que a do lugar onde vivem agora. Mas lá era longe demais do ponto para onde o homem seguia todos os dias em peregrinação. E eles não tinham dinheiro para a condução. Sendo assim, aquele infeliz anjo do Paraíso — a mulher do lunático condenado — conseguiu, por um preço razoável, alugar a casa de olhar vazio no terraço inferior de Goat Hill. Dali, até o prédio que um dia foi uma casa e hoje abriga uma fábrica, a distância não é muito grande. É na verdade um passeio agradável, a julgar pelo olhar ansioso e feliz do homem enquanto caminha. A jornada de volta parece um pouco mais cansativa.



A morte de Halpin Frayser

I

Porque através da morte forja-se uma transformação muito maior do que foi mostrada. Se em geral o espírito desaparecido volta num determinado momento, sendo às vezes visto em carne e osso (com a aparência do corpo que teve em vida), já ocorreu também de surgir o verdadeiro corpo sem o espírito. E, segundo os que com isso se defrontaram e que sobreviveram para fazer seu relato,

tal fantasma não possui afeição ou memória, mas apenas ódio. Sabe-se, também, que alguns espíritos que em vida foram benignos tornam-se, através da morte, totalmente maléficos. — Hali.

Numa noite escura de verão, um homem numa floresta, acordando de um sono sem sonhos, ergueu a cabeça da terra e, depois de mirar a escuridão por um instante, disse: "Catherine Larue." Nada mais falou e desconhecia a razão pela qual havia dito aquilo.

Esse homem era Halpin Frayser. Vivia em Santa Helena, mas não se sabe onde vive agora, pois está morto. Quem cultiva o hábito de dormir no meio da floresta, deitado apenas sobre as folhas mortas e a terra úmida, tendo por teto somente os galhos de onde caíram as folhas e o céu de onde caiu a terra, não pode esperar ter uma vida longa, e Frayser já completara 32 anos. Há pessoas neste mundo, milhões delas, e sem dúvida as melhores, para as quais essa já é uma idade muito avançada. Falo das crianças. Para aqueles que encaram a viagem da vida desde o porto de partida, o barco que alcançou uma distância considerável parece já aproximar-se da margem mais distante. Contudo não se sabe ao certo se a morte de Halpin Frayser foi provocada por exposição.

Ele passara o dia todo nas montanhas a oeste de Napa Valley, caçando pombos e desfrutando de outros pequenos prazeres típicos da temporada. No fim da tarde o céu ficara nublado e ele se desorientara. Embora tivesse apenas que descer a montanha — sempre o caminho seguro para quem esta perdido —, a falta de trilhas o atrapalhara de tal forma que a noite findara por surpreendê-lo em plena floresta. Vendo que era impossível, no escuro, vencer as densas manzanitas e outras formas de vegetação rasteira, Frayser, completamente atordoado e vencido pelo cansaço, tinha acabado por deitar-se junto à raiz de um enorme madroño e mergulhado num sono profundo. Horas depois, no meio da noite, um dos estranhos mensageiros de Deus, deslizando à frente de seus inúmeros companheiros que desapareciam rumo a oeste na linha do horizonte, pronunciara no ouvido do homem adormecido as palavras que iriam acordá-lo, fazendo com que se sentasse e dissesse, sem entender por quê, um nome, sem saber a quem pertencia.

Halpin Frayser não era exatamente um filósofo, nem um cientista. O fato de, acordando de um sono pesado, no meio de uma floresta à noite, ter dito

em voz alta um nome do qual não se lembrava, e que talvez nem conhecesse, não chegara a despertar sua curiosidade a ponto de querer investigar o fenômeno. Achou aquilo estranho, mas, sacudindo os ombros com desdém, quase como em deferência à crença de que, naquela época, as noites eram frias, deitou-se outra vez e voltou a dormir. Só que dessa vez seu sono não foi sem sonhos.

Pensou estar caminhando ao longo de uma estrada poeirenta, trilha esbranquiçada em meio à densa escuridão da noite estival. De onde vinha e aonde ia dar a estrada não saberia dizer, nem por que motivo a trilhava, embora tudo parecesse simples e natural, como acontece nos sonhos. Porque na Terra Onírica as surpresas já não nos assustam e todo tipo de julgamento desaparece. Logo chegou a uma bifurcação. Partindo da estrada, havia um caminho menos utilizado, com a aparência de estar abandonado há muitos anos — talvez, pensou ele, porque levasse a alguma coisa maléfica. E, mesmo assim, foi esse o caminho que escolheu sem hesitar, levado por uma necessidade imperiosa.

À medida que se embrenhava pelo caminho, percebeu que a trilha era assombrada por seres invisíveis, os quais Frayser era incapaz de visualizar mentalmente. Por entre as árvores, de um lado e outro, ouvia sussurros incoerentes numa língua estranha, que compreendia apenas em parte. Mas que lhe pareciam os fragmentos de uma conspiração monstruosa contra seu corpo e sua alma.

Era noite fechada, mas a floresta interminável que atravessava era iluminada por uma luz difusa, de fonte indefinida, uma iluminação estranha que não produzia sombras. Seu olhar se fixou numa poça rasa, formada por entre os sulcos de velhas rodas, como se produzida por uma chuva recente, e que exibia um brilho avermelhado. Parou e nela molhou a mão. As pontas de seus dedos ficaram escuras. Era sangue! E sangue, agora percebia, era o que havia por toda parte à sua volta. As ervas daninhas que cresciam à beira do caminho tinham as folhas, largas e graúdas, manchadas e respingadas. A poeira assentada entre as marcas de rodas estava encharcada como se banhada por uma chuva vermelha. E os troncos das árvores traziam imensas marcas cor de carmim, enquanto das folhas o sangue pingava como se fosse orvalho.

A tudo observou com um terror que lhe pareceu compatível com o que seria natural. Parecia-lhe que tudo ali era em expiação a um crime que

cometera e do qual, embora consciente de ser o culpado, não podia lembrar-se. E essa consciência era um horror a mais, que se somava às ameaças e aos mistérios que o circundavam. Em vão tentou vasculhar o passado na memória, buscando reproduzir o momento de seu pecado. Cenas e incidentes se misturavam de forma caótica em sua mente, apagando-se umas às outras ou mesclando-se em confusão e obscuridade, mas em nenhum ponto pôde Frayser vislumbrar o que procurava. Isso aumentou seu terror. Sentia como se tivesse cometido um assassinato no escuro, sem saber quem matara nem por quê. Tudo era apavorante — a luz misteriosa que emanava como uma ameaça silenciosa e terrível; a vegetação daninha, as árvores que, de comum acordo, pareciam investidas de um caráter melancólico e malfazejo, conspirando abertamente com o fito de perturbá-lo; os sussurros que o cercavam, tão nítidos, aterradores, e a visão de criaturas que com certeza não eram deste mundo — a tal ponto que ele já não pôde suportar e, num esforço supremo para quebrar o encanto maligno que o mantinha imóvel e silente, gritou com toda a força de seus pulmões! Sua voz lhe pareceu partida em uma infinidade de sons irreconhecíveis e ecoou pela floresta afora, morrendo no silêncio, até que tudo voltou a ser como antes. Mas aquilo fora um começo e ele se sentia encorajado. Disse:

"Não vou me submeter sem gritar. Talvez haja poderes não malignos caminhando por esta trilha maldita. Para eles deixarei um registro e um apelo. Relatarei meus erros, as perseguições que enfrento — eu, um simples mortal, um penitente, um poeta inofensivo!" Halpin Frayser era um poeta tanto quanto era um penitente: apenas em sonho.

Tirando do bolso um pequeno livro de couro vermelho, metade do qual reservava para suas anotações, descobriu que não tinha lápis. Quebrou um graveto de um arbusto, mergulhou-o na poça de sangue e, depressa, pôs-se a escrever. Mal acabara de tocar o papel com a ponta do graveto quando ouviu, a distância, uma gargalhada surda, que ecoou furiosa, em seguida crescendo como se chegasse cada vez mais perto. Era uma risada fria, desalmada, desprovida de alegria, como o riso de um vagabundo solitário à beira de um lago, em meio à noite. E a gargalhada culminou com um grito sobrenatural, agora bem próximo, que foi morrendo aos poucos em lentas gradações, como se o ser maldito que o houvesse proferido tivesse retornado ao fim do mundo de onde proviera. E, no entanto, o homem sabia que não era assim — sentia como se a presença

continuasse ali.

Uma estranha sensação foi aos poucos tomando conta de seu corpo e de sua mente. Não saberia dizer qual, se algum, de seus sentidos era afetado por ela. Era mais como se tomasse consciência, como se sua mente se certificasse daquela presença avassaladora, algo maligno, sobrenatural diverso das existências invisíveis que o circundavam, e superior a elas em poder. Sabia que fora ela quem soltara a gargalhada medonha. E agora parecia aproximar-se. Não sabia de que direção vinha —nem ousava imaginá-lo. Todos os seus medos passados estavam esquecidos, fundidos no terror gigantesco que o mantinha paralisado. Afora isso, tinha apenas um pensamento: completar o apelo que faria por escrito, dirigido aos poderes benignos que, acaso atravessando a floresta mal-assombrada, poderiam um dia resgatá-lo, se a ele fosse negada a bênção do aniquilamento. Escreveu o mais depressa que pôde, o graveto em suas mãos vertendo sangue sem que precisasse voltar a molhá-lo. Mas no meio de uma frase as mãos se recusaram a continuar, seus braços caíram ao longo do corpo e o livro foi ao chão. Foi quando, incapaz de mover-se ou gritar, viu-se diante do rosto severo, dos olhos mortos e vazios de sua própria mãe, ali de pé, pálida e silenciosa, trajando as roupas do túmulo!

II

Quando jovem, Halpin Frayser vivia com os pais em Nashville, no Tennessee. Os Fraysers eram ricos, com uma boa posição na sociedade, ou no que restara desta após a Guerra Civil. Seus filhos tiveram as oportunidades sociais e de educação comuns à sua região e à sua época, tendo retribuído com maneiras agradáveis e mentes cultas. Halpin era o caçula e, por não ser muito forte, talvez fosse um pouco mimado. Tinha a dupla desvantagem de contar com a presença excessiva da mãe e a negligência do pai. O pai era aquilo que, no Sul, nenhum homem de posses é: um político. Seu país, ou melhor, sua região e seu estado exigiam dele tempo e atenção, de forma que para a família ele reservava apenas um ouvido parcialmente surdo pelo barulho dos líderes políticos e pela gritaria geral, inclusive a sua própria.

O jovem Halpin era sonhador, indolente e meio romântico, mais afeito à

literatura do que ao Direito, profissão para a qual fora criado. Entre aqueles de suas relações que professavam a fé moderna na hereditariedade, era largamente reconhecido que, em Halpin, o caráter do falecido Myron Bayne, seu bisavô materno, reencontrara os vislumbres do luar — os mesmos que em vida tinham afetado Bayne o suficiente para que ele se tornasse um poeta colonial de grande reputação. Era raro o Frayser que não possuísse uma cópia suntuosa das "obras poéticas" de seu ancestral (impressas com dinheiro da família e há muito retiradas do mercado inóspito). Por isso, era notável, embora não fosse notado, que ninguém parecesse disposto a honrar o falecido na pessoa de seu sucessor espiritual. Na verdade, ele era em geral visto como a ovelha negra intelectual, capaz de a qualquer momento desgraçar o rebanho ao balir em versos. Os Fraysers do Tennessee eram gente muito prática — não no sentido popular de devoção a propósitos sórdidos, mas no sentido de desprezar rotundamente qualquer qualidade capaz de inadecuar um homem para a saudável vocação política.

Para fazer justiça ao jovem Halpin, é preciso dizer que embora reproduzisse fielmente a maioria das características mentais e morais atribuídas pela história e pela tradição familiar ao famoso bardo do período colonial, sua herança do talento e da faculdade divina era apenas deduzida. Não só jamais se ouvira falar que ele tivesse cortejado as musas, como na verdade teria sido incapaz de escrever corretamente um único verso para se salvar do Assassino dos Sábios. Contudo, ninguém sabia se algum dia o dom adormecido não acordaria e tomaria a lira nas mãos.

Enquanto isso não acontecia, o jovem vivia como um peixe solto. Entre ele e sua mãe a harmonia era perfeita, porque secretamente ela própria era uma discípula devota do grande falecido Myron Bayne, embora, com o tato tão justamente admirado em seu sexo (apesar dos duros caluniadores para os quais isso nada mais é que um ardil), ela escondesse essa sua fraqueza dos olhos de todos, exceto dele, que compartilhava sua admiração. A culpa comum em relação a isso era um fator a mais de união entre eles. Se, durante a juventude de Halpin, sua mãe o estragara, ele também fizera sua parte para ser estragado. À medida que crescia e se tornava um homem, segundo os padrões de um sulista que não dá a mínima para o resultado das eleições, os laços entre ele e sua bela mãe — a qual desde criança se acostumou a chamar de Katy — tornaram-se a

cada ano mais fortes e mais ternos.

Nessas duas naturezas românticas estava claro, embora apenas sinalizado, o domínio do elemento sexual em todas as relações da vida, fortalecendo, suavizando e embelezando mesmo as de consanguinidade. Os dois eram quase inseparáveis e, se observados por estranhos, muitas vezes eram tomados por dois amantes.

Um dia, entrando no quarto da mãe, Halpin Frayser beijou-a na testa, brincou por um instante com um cacho de cabelos negros que lhe escapava dos grampos repressores, e disse, tentando a todo custo soar natural:

"Você se importaria, Katy, se eu fosse chamado à Califórnia por algumas semanas?"

Difícilmente Katy precisaria responder com palavras à pergunta para a qual a cor de suas faces já era uma resposta instantânea. Evidentemente que ela se importaria, e muito; e as lágrimas, também, encheram seus grandes olhos castanhos como um testemunho que isso confirmava.

"Ah, meu filho", disse, olhando-o nos olhos com infinita ternura, "eu deveria ter imaginado que isso aconteceria. Passei metade da noite acordada chorando porque o avô Bayne veio até mim em sonho e, de pé, junto ao próprio retrato — jovem, também, e tão atraente —, apontou para o seu retrato na mesma parede. E, quando olhei, não pude distinguir os traços. Você tinha sido pintado com um pano sobre o rosto, como se usa nos mortos. Seu pai riu de mim, mas nós dois, eu e você, querido, sabemos que essas coisas não acontecem em vão. E, sob o pano que recobria seu rosto, eu vi marcas de mãos em sua garganta — perdoe-me, mas não costumamos esconder essas coisas um do outro. Talvez você possa fazer outra interpretação. Talvez não signifique que você vá para a Califórnia. Ou quem sabe não poderia me levar junto?"

É preciso dizer que essa interpretação engenhosa do sonho à luz da evidência que acabara de ser descoberta não teve muito eco na mente mais lógica do filho. Halpin tinha, pelo menos naquele momento, a convicção de que ela prenunciava um desastre mais simples e mais imediato, embora menos trágico, que uma visita à Costa do Pacífico. Halpin Frayser tinha a sensação de que se ficasse ali é que acabaria estrangulado.

"Não existem águas medicinais na Califórnia?", recomeçou a Sra. Frayser assim que Halpin teve tempo de lhe fazer a verdadeira interpretação do

sonho. "Lugares onde as pessoas se curam de reumatismos e neuralgias? Olhe — meus dedos estão tão enrijecidos; e estou quase certa de que eles estavam doendo muito enquanto eu dormia."

Estendeu as mãos para que ele as examinasse. Que diagnóstico o jovem achou adequado conciliar com um sorriso, este narrador não saberia dizer, mas, por sua própria conta, ele se sente inclinado a comentar que dificilmente dedos menos rígidos e com menos sinais de dor, por mínimos que fossem, teriam sido expostos a um exame médico, nem mesmo pelo paciente mais honesto que desejasse uma prescrição de novos ares.

O resultado foi que dessas duas pessoas estranhas, tendo igualmente estranhas noções de dever, uma foi para a Califórnia, como era do interesse de seu cliente, e a outra ficou em casa, para atender ao desejo que o marido mal tinha consciência de alimentar.

Quando estava em São Francisco, numa noite escura, Halpin Frayser caminhava ao longo da orla da cidade quando, de forma tão repentina que o surpreendeu e desconcertou, tornou-se marinheiro. Na verdade, foi embarcado à força num esplêndido navio, zarpando rumo a um país distante. Mas seu infortúnio não se resumiu à viagem; porque o navio foi atirado à costa de uma ilha do Pacífico Sul e seis anos se passaram antes que os sobreviventes fossem recolhidos por uma arrojada escuna comercial e levados de volta a São Francisco.

Embora sem um tostão, Frayser continuava com o mesmo espírito orgulhoso daquele tempo que agora lhe parecia tão distante. Não aceitaria ajuda de estranhos. E foi justamente quando aguardava notícias e dinheiro de casa, morando com outro sobrevivente perto da cidade de Santa Helena, que decidira sair para caçar e sonhar.

III

Na floresta assombrada, a aparição diante do homem que sonhava — tão parecida e contudo tão diversa de sua mãe — era horrenda! De seu coração não emanava nem amor nem desejo; parecia insatisfeita com as memórias felizes de doces tempos — e incapaz de inspirar sentimentos de qualquer espécie.

Alguma emoção mais nobre fora engolfada pelo medo. Frayser tentou virar-se e correr para longe dali, mas suas pernas pareciam feitas de chumbo. Não podia sequer erguer os pés do chão. Os braços continuavam inertes, largados ao longo do corpo. Tinha controle apenas dos olhos, os quais não ousava desviar das órbitas opacas da aparição que, ele sabia, não era uma alma sem corpo, mas a mais terrível de todas as existências que infestavam a floresta assombrada — um corpo sem alma! Em seu olhar vazio não havia nem amor, nem piedade, nem compreensão — nada a que Frayser pudesse apelar por clemência. "Não há mentira numa apelação", pensou ele, numa absurda referência ao jargão profissional e piorando ainda mais a situação, já que o fogo de um charuto é incapaz de iluminar um túmulo.

Por um tempo, que pareceu tão longo a ponto de tornar o mundo cinza de velhice e pecado — e em que a floresta assombrada, tendo cumprido seu propósito com o clímax monstruoso de seus terrores, desapareceu de sua consciência com todos os cenários e sons —, a aparição continuou à frente de Frayser, olhando-o com a malignidade inconsciente de um ser selvagem. E então estendeu as mãos e lançou-as contra ele com uma ferocidade espantosa. A ação liberou a energia física de Frayser, embora sua vontade continuasse algemada; a mente estava enfeitiçada, mas o corpo poderoso e os membros ágeis, como se movidos por uma força cega e insensata, resistiram com firmeza e bravura. Por um instante, ele pareceu ver essa luta bizarra entre uma inteligência morta e um corpo mecânico apenas como se fosse um espectador — essas coisas estranhas que acontecem nos sonhos. Mas logo retomou sua identidade como se seu corpo tivesse sido golpeado, e o autômato em luta voltou a ter vontade, tão alerta e firme quanto sua hedionda antagonista.

Mas que mortal pode enfrentar uma criatura de seus sonhos? A imaginação que cria o inimigo já está vencida. O resultado do combate é a causa do combate. Apesar de sua luta — apesar de todo movimento e toda força, que pareciam perder-se no vazio —, Frayser sentiu os dedos gelados se fecharem em torno de sua garganta. Lançado ao chão de costas, viu diante de si o rosto morto e anguloso, a um palmo do seu, e então foi tudo escuridão. Um som como o retumbar distante de tambores — um murmúrio de vozes emaranhadas, um grito agudo, longínquo, que fez tudo o mais se calar, e Halpin Frayser sonhou que estava morto.

IV

À noite clara e morna seguiu-se uma manhã de névoa úmida. Na tarde do dia anterior uma leve concentração de vapor — um mero adensar-se da atmosfera, como o fantasma de uma nuvem — fora vista sobre o lado oeste do Monte Santa Helena, lá no alto, perto do cume. Era tão tênue, tão diáfana, tão semelhante a uma fantasia tornada visível, que se podia dizer: "Olhe, rápido, pois num segundo vai desaparecer."

Mas num segundo já estava visivelmente maior e mais densa. Enquanto uma de suas extremidades se colava à montanha, a outra se estendia mais e mais pelo ar afora, acima dos picos mais baixos. Ao mesmo tempo, estendia-se para norte e sul, fundindo-se a pequenos fios de bruma que pareciam surgir da encosta exatamente na mesma altura, como se quisessem, deliberadamente, ser absorvidos. E assim foi crescendo e crescendo até que o cume estava encoberto e já não se podia vê-lo do vale, e sobre o próprio vale se criava um dossel, cinza e opaco, estendendo-se, interminável. Em Calistoga, que fica na ponta do vale e no sopé da montanha, a noite foi sem estrelas e a manhã seguinte sem sol. A névoa, descendo sobre o vale, chegara ao sul, engolindo rancho após rancho, até apagar completamente a cidade de Santa Helena, a quase quinze quilômetros de distância. A poeira nas estradas estava assentada; as árvores transpiravam umidade; os pássaros jaziam silenciosos em seus esconderijos; a luz da manhã era fraca e embaciada, sem cor ou fulgor.

Dois homens saíram de Santa Helena ao amanhecer e caminharam rumo ao norte pela estrada que cortava o vale em direção a Calistoga. Levavam armas aos ombros, mas ninguém com um mínimo conhecimento das coisas poderia confundi-los com caçadores de pássaros ou feras. Eram o subxerife de Napa e um detetive de São Francisco — Holker e Jaralson, respectivamente. E o que eles caçavam era um homem.

"É muito longe?", perguntou Holker, enquanto caminhavam, seus pés revolvendo a poeira clara do chão, assentada sob a superfície úmida da estrada.

"A Igreja Branca? Falta menos de um quilômetro", respondeu o outro. "Por falar nisso", acrescentou, "ela não é branca nem é igreja; é uma escola

abandonada, que ficou cinzenta de velhice e descaso. Houve tempo em que se rezava lá — no tempo em que ela era branca, com um pequeno cemitério que encantaria um poeta. Agora entendeu por que mandei chamar você e pedi que viesse armado?”

"Ah, eu nunca o aborreci com essas coisas. Sempre achei que você dizia as coisas nas horas certas. Mas, por falar nisso, afinal você me chamou para quê, foi para prender um dos defuntos?”

"Você se lembra do Branscom?", disse Jaralson, sem ligar para o tom debochado do companheiro.

"O cara que cortou a garganta da mulher? Claro. Perdi uma semana de trabalho com ele e ainda paguei as despesas. Tem uma recompensa de quinhentos dólares, mas até agora ninguém conseguiu descobrir onde está. Não vá me dizer que..."

"Vou. Ele estava debaixo do nariz de vocês o tempo todo. À noite, aparece no velho cemitério da Igreja Branca.”

"Que bandido! Foi lá que ele enterrou a mulher.”

"Bem, vocês deveriam ter imaginado que ele acabaria voltando ao cemitério em algum momento.”

"É o último lugar do mundo para onde se podia imaginar que voltaria.”

"Mas vocês procuraram por todos os outros lugares. Sabendo do insucesso de vocês, fui procurá-lo lá.”

"E encontrou?”

"O cretino! Ele é que me encontrou. O bandido me pegou — para dizer a verdade, me levantou e me jogou longe. Foi mesmo pela graça divina que não me matou. É, ele é um daqueles, e acho que me satisfaço com a metade da recompensa se você estiver precisando de dinheiro.”

Holker riu, bem-humorado, dizendo que seus credores nunca o tinham perseguido tanto.

"Só queria mostrar a você o lugar, para traçarmos um plano", explicou o detetive. "Mas achei que era bom vir armado, mesmo de dia.”

"Ele deve ser louco", disse o subxerife. "A recompensa é pela captura e condenação. Mas se ele é louco não pode ser condenado.”

Holker sentiu-se tão profundamente afetado pela possibilidade de não se fazer justiça que estancou no meio da estrada sem querer, recomeçando depois a

caminhar com menos entusiasmo.

"Bem, ele parece mesmo maluco", concordou Jaralson. "Tenho de admitir que nunca vi um sujeito tão desgrenhado, malcuidado, mal barbeado, mal tudo, fora da velha e honorável ordem dos vagabundos. Mas estou atrás dele e não vou deixá-lo escapar. De qualquer forma, é uma glória para nós. Ninguém mais sabe que ele está deste lado das Montanhas da Lua."

"Está certo", concordou Holker, "vamos até lá dar uma olhada no lugar", e acrescentou, usando as palavras que costumam ser inscritas nos túmulos: "onde em breve descansarás' — quero dizer, se o velho Branscom se cansar de você e de sua intrusão impertinente. Por falar nisso, ouvi falar outro dia que 'Branscom' não é o nome verdadeiro dele."

"E qual é?"

"Não lembro. Não estava muito ligado no assunto e acabei não gravando — mas acho que é alguma coisa como Pardee. A mulher cuja garganta ele teve o mau gosto de cortar era viúva quando o conheceu. Tinha vindo para a Califórnia atrás de uns parentes — tem gente que faz isso às vezes. Mas essa parte você sabe."

"Claro."

"Mas, se você não sabia o nome verdadeiro, como foi que encontrou o túmulo certo? O homem que me contou sobre o nome verdadeiro disse que ele tinha sido cortado na lápide."

"Eu não sei qual é o túmulo." Jaralson parecia um pouco relutante em admitir sua ignorância de uma parte tão importante do plano. "Tenho vigiado o lugar de maneira geral. Uma de nossas tarefas esta manhã é tentar descobrir o túmulo certo. Lá está a Igreja Branca."

Por um longo trecho a estrada vinha sendo ladeada por campos, mas agora, à esquerda, havia uma floresta de carvalhos, madroños e abetos gigantescos, cuja parte de baixo mal podia ser divisada, apagada e fantasmagórica em meio à névoa. A vegetação rasteira era, em alguns pontos, fechada, mas não impenetrável. Por um instante, Holker não conseguiu enxergar a construção, mas assim que entraram no bosque ela surgiu, sua silhueta apagada e cinzenta em meio à bruma, parecendo gigantesca e longínqua. Mais uns passos e ela estava a pouca distância, bem definida, escura de umidade, e de tamanho insignificante. Tinha o formato típico dos colégios rurais — pertencendo à escola

arquitetônica da "caixa-de-sapato". Tinha a base de pedra, um telhado coberto de musgo e espaços vazios no lugar das janelas, onde já não havia vidros ou caixilhos. Estava decadente, mas não em ruínas — uma típica representante na Califórnia do que os guias turísticos impressos definem como "monumentos ao passado". Depois de uma olhada desinteressada na construção, Jaralson embrenhou-se na vegetação úmida e seguiu em frente.

"Vou lhe mostrar onde foi que ele me pegou", disse. "É aqui o cemitério."

Por entre os arbustos havia pequenos espaços contendo túmulos, às vezes apenas um. Dava para perceber que eram túmulos por causa das pedras decoradas ou lápides desfeitas, colocadas aos pés ou na cabeceira das covas, inclinadas nos mais diversos ângulos, algumas caídas. Ou por causa das cercas de estacas em torno deles. Ou, mais raramente, por causa do próprio monte de terra, exibindo suas pedras em meio às folhas secas. Em vários casos, nada havia que marcasse o local onde jaziam os vestígios de algum pobre mortal — aquele que, tendo deixado "inúmeros amigos sensibilizados", em troca fora largado por eles — a não ser por uma depressão na terra, mais duradoura que aquela deixada no espírito dos enlutados. As aléias, se aléias havia, estavam todas tomadas. Árvores de grande porte tinham podido crescer sobre os túmulos, empurrando as cercas com seus galhos e raízes. Por toda parte pairava um ar de abandono e decomposição, que em nenhum lugar é mais apropriado e significativo do que num reduto onde os mortos foram esquecidos.

Quando os dois homens abriam caminho através das árvores menores, Jaralson de guia, este parou de repente e ergueu a arma, soltando um ruído de alerta e ficando imóvel, os olhos fixos à frente. Na medida do possível, com a visão obstruída pelos arbustos, seu companheiro, embora nada visse, fez o mesmo e ali ficou, preparado para o que pudesse acontecer. Logo Jaralson recomençava a andar, cauteloso, e o outro seguiu-o.

Sob os galhos de um imenso abeto jazia o corpo de um homem. De pé, diante dele, os dois observaram os detalhes que primeiro chamam a atenção — o rosto, a posição, a roupa. Fossem quais fossem as respostas imediatas e completas, ali estava a pergunta não formulada de uma curiosidade solidária.

O corpo jazia de costas, com as pernas afastadas. Um braço jogado para cima, o outro aberto para o lado; mas este último se mostrava dobrado num

ângulo agudo e a mão estava perto da garganta. Ambas as mãos estavam crispadas. Toda a atitude denunciava uma resistência desesperada, embora inútil, contra — o quê?

Junto ao corpo havia uma espingarda e um saco de caça cuja trama deixava entrever a plumagem de pássaros mortos. Tudo em volta evidenciava uma luta feroz. Brotos de carvalho venenoso estavam quebrados, sem casca ou folhas. Folhas secas e rasgadas tinham sido empurradas formando montes do lado de cada uma das pernas pela ação de outros pés que não os dele. E junto aos quadris havia visíveis marcas de joelhos humanos.

A natureza da luta tornava-se evidente com um único olhar ao rosto e à garganta do homem morto. Peito e mãos estavam brancos, mas aqueles eram de cor púrpura — quase negros. Os ombros jaziam sobre um monte de terra, e a cabeça estava virada para trás num ângulo de outra forma impossível, os olhos arregalados mirando o vazio na direção oposta à dos pés. Da boca aberta e espumosa saía a língua, inchada e escura. A garganta exibia contusões horríveis; não simples marcas de dedos, mas feridas e lacerações provocadas por duas mãos fortes que pareciam ter-se enfiado na carne que gritava, mantendo-se ali até muito depois da morte. Peito, garganta, rosto estavam molhados. A roupa encharcada. Gotas de água, condensada da névoa, saturavam o cabelo e o bigode.

Tudo isso os dois homens observaram sem nada dizer — quase que num único olhar. E então Holker falou:

"Pobre-diabo! A coisa foi dura."

Jaralson examinava cuidadosamente a floresta em torno, segurando a arma engatilhada com as duas mãos e com o dedo no gatilho.

"Isso é coisa de um maníaco", disse, sem tirar os olhos da floresta. "Foi obra do Branscom-Pardee."

Alguma coisa oculta em meio às folhas revolvidas prendeu a atenção de Holker. Era um caderno de bolso, de couro vermelho. Holker pegou-o e abriu-o. Tinha várias páginas em branco para anotações e, na primeira folha, um nome, "Halpin Frayser". Escritas em tinta vermelha, ocupando várias folhas — como se rabiscadas às pressas e quase ilegíveis — estavam as seguintes linhas, que Holker leu em voz alta, enquanto seu companheiro continuava a perscrutar os confins cinzentos do mundo estreito que os cercava, sobressaltando-se com cada gota

d'água que caía dos galhos encharcados:

*Nas garras de estranho fascínio, lá estava
Em meio à penumbra de uma floresta assombrada.
Ali, mirta e ciprestes de galhos entrelaçados
Eram o símbolo de uma maligna irmandade.*

*Soturnos salgueiros sussurravam aos teixos;
E, além, só pesar e a noite profunda,
Onde os ramos das perpétuas ganhavam
Formas funéreas, em meio às ervas daninhas.*

*Nem canto nem pássaro nem o zoar das abelhas,
Nem folha pela doce brisa carregada:
No ar estagnado, o Silêncio era um ser Vivo,
cujo hálito as árvores bafejava.*

*Espíritos conspiradores moviam-se na penumbra,
Sussurrando uns aos outros os segredos da tumba.
Nas árvores encharcadas de sangue, as folhas
Cintilavam vermelhas, sob a luz assombrada.*

*Grítei! — mas o encanto sobre mim se manteve
Dono de meu espírito e de minha vontade
Sem alma ou alento, desesperançado,
Eu seguia lutando, com os piores presságios.*

Até que o invisível...

Holker parou; nada mais havia para ler. O manuscrito acabava assim, no meio de uma linha.

"Parece o estilo de Bayne", disse Jaralson, que era um erudito, à sua maneira. Tinha baixado a guarda e estava agora observando o corpo.

"Quem é Bayne?", perguntou Holker, sem muito interesse.

"Myron Bayne, um camarada que surgiu nos primórdios do país — mais de um século atrás. Escrevia umas coisas lúgubres. Tenho as obras completas dele. Mas esse poema não está incluído, deve ter sido omitido por engano."

"Está frio", disse Holker, "vamos dar o fora daqui. Precisamos falar com o coronel em Napa."

Jaralson não respondeu, mas concordou em silêncio. Passando pelo extremo da pequena elevação sobre a qual jaziam a cabeça e os ombros do morto, seu pé bateu em alguma coisa dura em meio às folhas decompostas da floresta, e ele se deu ao trabalho de mexer com o pé para ver o que era. Era uma lápide caída, onde, pintadas, mal se viam as seguintes palavras: "Catherine Larue".

"Larue, Larue!", disse Holker, subitamente animado. "Mas, é esse o nome verdadeiro de Branscom, e não Pardee. E... Deus do céu! Agora me lembro — a mulher assassinada tinha antes o sobrenome de Frayser!"

"Tem algum mistério horrendo nessa história", disse o detetive Jaralson. "Detesto esse tipo de coisa."

Nesse instante, chegou até eles atravessando a bruma — como se viesse de uma distância imensa — o som de uma gargalhada. Um riso abafado, deliberado e cruel, que de alegria tinha tão pouco quanto o riso da hiena cortando a noite no deserto. Uma gargalhada que foi crescendo em lenta gradação, tomando-se mais e mais alta, mais e mais nítida e terrível, até que parecia estar imediatamente além do pequeno círculo de visão dos dois. Um riso tão desumano, tão sobrenatural, tão demoníaco, que encheu aqueles embrutecidos caçadores de homens com uma sensação de terror inominável! Eles não engatilharam as armas, nem pensaram nelas; a ameaça daquele som horrível não era do tipo que pudesse ser enfrentada com armas de fogo. E, assim como surgiu do silêncio, a gargalhada foi aos poucos morrendo a distância. Depois do grito culminante que parecera explodir quase em seus ouvidos, ela se foi afastando, até que as últimas notas, tristes e repetitivas até o fim, mergulharam no silêncio muito longe dali.



CRUZANDO O UMBRAL

Um habitante de Carcosa

Pois há diversos tipos de morte. Em algumas, o corpo é preservado; em outras desaparece, junto com o espírito. Geralmente isso ocorre quando o indivíduo está só (esta é a vontade de Deus) e, como não nos é dado conhecer o fim, dizemos que o homem desapareceu, ou que se foi numa longa jornada — o que é verdade. Mas, às vezes, o fato ocorre diante da vista de muitos, como provam vários testemunhos. Num determinado tipo de morte o espírito também morre e sabe-se de casos em que isso aconteceu quando o corpo ainda continuaria vivo por muitos anos. Em outras vezes, como tem sido provado, o espírito morre com o corpo, mas algum tempo depois volta a erguer-se, naquele mesmo lugar onde o corpo se decompôs.

Refletindo a respeito dessas palavras de Hali (que descansa em paz) e perguntando-me sobre seu verdadeiro significado — como o faria alguém que, tendo recebido um sinal, ainda tivesse dúvidas e pressentisse algo por trás daquilo que compreendera —, eu seguia sem prestar atenção no caminho, até que um vento gelado no rosto reavivou meus sentidos para o que havia em torno. Surpreso, observei que tudo ali me era estranho. De um lado e outro, estendia-se uma vasta planície, descampada e desolada, recoberta por um capim alto e seco, que assobiava e gemia ao vento de outono, provocando sensações misteriosas e inquietantes cujo significado só Deus poderia saber. Acima da vegetação, a grandes intervalos, despontavam pedras de formatos estranhos e cor escura, que pareciam ter entre si um mudo entendimento, como se trocassem olhares de significado assustador, ou como se houvessem erguido as cabeças para espiar alguma coisa que estivesse por acontecer. Aqui e ali, surgiam umas poucas árvores, batidas pelo vento, parecendo ser as líderes dessa conspiração maligna de silenciosa expectativa.

O dia já ia alto, imaginei, embora não pudesse ver o sol. E apesar de perceber o ar frio e úmido, minha consciência de tal fato era mais mental do que física — não tinha qualquer sensação de desconforto. Acima daquela terra lúgubre, nuvens baixas, cor de chumbo, formavam uma cobertura, como se fosse uma maldição visível. Em tudo havia ameaça e presságio — um toque maligno, o sinal do juízo final. Pássaro, animal, inseto — nada disso existia. O vento suspirava nos galhos nus das árvores mortas e o capim cinzento curvava-se para sussurrar à terra seus segredos terríveis. Mas nenhum outro som ou movimento quebrava a imobilidade daquele lugar sombrio.

Notei que havia, por entre o capim, algumas pedras gastas pelo tempo, parecendo ter sido moldadas por mãos humanas. Estavam partidas, recobertas de limo e meio enterradas no chão. Algumas caídas, outras inclinadas em vários ângulos. Nenhuma estava de pé. Com toda a certeza, eram lápides de sepulturas, embora as sepulturas em si já não existissem, nem em forma de montículos nem como depressões na terra. O passar dos anos nivelara tudo. Espalhados aqui e ali, blocos maiores de pedra apontavam o local onde alguma sepultura suntuosa ou monumento ambicioso lançara um dia seu débil desafio contra o esquecimento. Tão antigas pareciam aquelas relíquias, aqueles vestígios da vaidade e da memória de afeições e piedades, tão batidos, gastos, manchados — e tão

abandonado, deserto e esquecido aquele lugar — que não pude deixar de pensar que acabara de descobrir o cemitério de alguma raça pré-histórica, de homens dos quais até mesmo o nome estava há muito extinto.

Caminhava tão impregnado desses pensamentos, que por algum tempo vaguei sem prestar muita atenção no que fazia, até pensar: "Como vim parar aqui?" Um momento de reflexão pareceu tornar tudo muito claro e ao mesmo tempo explicar — embora de forma inquietante — o cará ter estranho com que minha imaginação revestira tudo o que via e ouvia. Eu estava doente. Agora lembrava-me de que estivera prostrado com uma febre repentina. Minha família me dissera que, em meus delírios, várias vezes eu gritara, pedindo ar e liberdade, tendo sido amarrado à cama para não fugir. Na certa eu vencera a vigilância de quem tomava conta de mim e saía para — para onde? Não podia sequer imaginar. Claramente estava a uma imensa distância da cidade onde vivia — a antiga e famosa cidade de Carcosa.

Em parte alguma havia sinais audíveis ou visíveis da existência humana. Nenhum rolo de fumaça, nenhum cão latindo ou gado mugindo, nenhum barulho de crianças brincando. Nada. Apenas aquele cemitério sombrio, com seu ar de mistério e terror, consequências de meu cérebro comprometido. Não estaria eu tendo um novo delírio, ali, onde não havia ninguém para me ajudar? Não seria tudo, afinal, uma ilusão provocada por minha loucura? Gritei os nomes de minhas mulheres e filhos, estendendo os braços à sua procura enquanto caminhava por entre as pedras destroçadas, sobre o capim seco.

Um ruído atrás de mim fez com que eu me virasse. Um animal selvagem — um lince — se aproximava. E, de imediato, pensei: se eu desmaiar aqui, neste lugar deserto, se a febre voltar e eu perder os sentidos, esse animal voará em minha garganta. E corri na direção dele, gritando. Ele continuou seu caminho tranquilamente, passando quase ao alcance de minha mão e desaparecendo por trás de uma pedra.

Logo depois, a cabeça de um homem pareceu surgir do chão, a poucos metros de mim. Ele subia um aclave a uma certa distância, numa colina baixa cujo topo mal se podia distinguir do resto do terreno. Logo, todo ele ficou visível, sua figura recortada contra o céu cinzento. Estava meio nu, meio vestido, em farrapos. Seu cabelo desalinhado, a barba imensa e embaraçada. Em uma das mãos, levava um arco e uma flecha. Na outra, uma tocha acesa, de onde se

desprendia um longo fio de fumaça negra. Caminhava devagar, com cuidado, como se temesse cair num túmulo aberto que o capim alto escondesse. Essa estranha aparição me deixou surpreso, mas não com medo. E comecei a caminhar em sua direção até que nos vimos frente a frente. Cumprimentei-o com a saudação usual:

"Que Deus esteja com você."

Mas ele não me deu atenção, nem parou de caminhar.

"Meu bom amigo", continuei, "estou doente e perdido. Poderia me orientar, por favor? Preciso voltar para Carcosa."

O homem começou a entoar um canto bárbaro, numa língua desconhecida, e seguiu em frente.

No galho de uma árvore morta, uma coruja soltou seu pio lúgubre, sendo respondida, a distância, por outra coruja. Erguendo a vista, através de um claro que subitamente se formara entre as nuvens, enxerguei as estrelas Aldebaran e Hyades. Tudo fazia crer que era noite — o lince, o homem com a tocha, a coruja. E contudo eu enxergava — via até as estrelas, mesmo não havendo escuridão. Via, mas aparentemente não era visto, nem ouvido. Sob aquele estranho encantamento, será que eu existia?

Sentei-me na raiz de uma imensa árvore, tentando pensar no que fazer. Já não duvidava que estivesse louco, porém reconhecia um resquício de dúvida naquela minha certeza. Não sentia febre. Além disso, tinha uma sensação de euforia e vigor que me eram desconhecidos — uma excitação física e mental. Todos os meus sentidos estavam alerta. Podia perceber o ar como se fosse uma substância palpável. Era capaz de ouvir o silêncio.

Uma imensa raiz da gigantesca árvore em cujo tronco me apoiara estava enrolada em uma laje de pedra, parte da qual surgia por entre o vão formado por outra raiz. A pedra ficara assim parcialmente protegida das intempéries, embora bastante gasta. Seus cantos estavam arredondados, comidos pelo tempo, e a superfície muito sulcada e descamada. Partículas faiscantes de mica eram visíveis na terra sob a pedra — vestígios de decomposição. A pedra parecia ter marcado o túmulo do qual a árvore brotara, muitas eras antes. Suas raízes possessivas tinham tomado a sepultura, transformando a pedra em prisioneira.

Uma súbita lufada de vento varreu o punhado de folhas secas e gravetos

que recobriam a lápide. E, vendo as letras em baixo-relevo de uma inscrição, curvei-me para lê-la. Deus! Era meu nome. A data de meu nascimento... e a data de minha morte!

Um raio de luz oblíqua iluminou todo o lado da árvore no mesmo instante em que me pus de pé, aterrorizado. O sol nascia a leste, no céu cor-de-rosa. Eu estava de pé entre a árvore e seu disco de fogo no horizonte — mas não havia qualquer sombra no tronco!

Um coro de lobos uivando saudou o amanhecer. Podia vê-los, sentados nas patas traseiras, solitários ou em grupos, nos topos dos montículos e dos túmulos, preenchendo em parte a visão desértica que se estendia até o horizonte. E só então compreendi que estava nas ruínas da antiga e famosa cidade de Carcosa.

Tais fatos foram relatados ao médium Bayrolles pelo espírito de Hoseib Alar Robardin.

A dificuldade de atravessar um campo

Numa certa manhã de julho, em 1854, um fazendeiro de nome Williamson, que vivia a pouco menos de dez quilômetros de Selma, no Alabama, estava sentado com a mulher e o filho na varanda de casa. Bem em frente havia um pátio, com quase cinquenta metros de comprimento, separando a casa da estrada, conhecida como a "via principal". Para além da estrada havia um pasto de vegetação rasteira, com aproximadamente dez hectares, plano e sem árvores, pedras ou qualquer outro objeto natural ou artificial em sua superfície. Naquela hora, não havia sequer um animal doméstico no campo. Em outro campo, atrás do pasto, uma dúzia de escravos trabalhava sob as ordens de um feitor.

Jogando fora o toco de um charuto, o fazendeiro levantou-se, dizendo:

"Esqueci de falar ao Andrew sobre aqueles cavalos." Andrew era o feitor.

Williamson percorreu devagar o chão de cascalho, arrancou uma flor no caminho, atravessou a estrada e entrou no pasto, parando um instante, enquanto fechava o portão de entrada, para cumprimentar um vizinho, Armour Wren, que

vivia numa fazenda das redondezas. O Sr. Wren estava em uma carruagem aberta com o filho, James, um rapaz de treze anos. Quando já se tinham afastado cerca de duzentos metros, o Sr. Wren disse ao filho:

"Esqueci de falar ao Sr. Williamson sobre aqueles cavalos."

O Sr. Wren tinha vendido alguns cavalos ao Sr. Williamson, e eles deveriam ter sido mandados naquele dia, mas por uma razão qualquer só seriam enviados no dia seguinte. O cocheiro recebeu instruções de voltar e, enquanto a carruagem fazia a volta, Williamson foi visto por todos os três, atravessando calmamente o pasto. Nesse exato instante, um dos cavalos que puxavam a carruagem tropeçou e quase caiu. Mal ele se aprumara quando James Wren gritou:

"Ué, papai, o que aconteceu com o Sr. Williamson?"

Não é o objetivo desta narrativa responder a tal pergunta.

O estranho relato do Sr. Wren, feito sob juramento durante os procedimentos legais relacionados às propriedades do Sr. Williamson, foi o seguinte:

"A exclamação de meu filho fez com que eu olhasse para o ponto em que vira o finado (sic) apenas um instante antes, mas ele já não estava lá, nem em qualquer outro lugar visível. Não posso dizer que, naquele momento, tenha ficado espantadíssimo, nem que me tenha dado conta da gravidade do ocorrido, mas achei estranho. Meu filho, porém, ficou muito assustado e não parava de repetir sua pergunta, de diversas maneiras, até chegarmos ao portão. Meu jovem escravo Sam também estava impressionado, mais até do que meu filho, mas eu me baseio mais nas maneiras de meu filho do que em alguma coisa que ele tivesse falado. (Esta frase foi riscada do depoimento.) Assim que saltamos da carruagem junto ao portão que dava para o campo, e enquanto Sam pendurava (sic) os cavalos na cerca, a Sra. Williamson, com o filho no colo e seguida de vários empregados, atravessou o pátio correndo, muito alvoroçada e gritando: 'Ele sumiu, sumiu! Deus do céu, que horror!' e outras exclamações do gênero das quais não me recordo. Deram-me a impressão de estar relacionadas com alguma coisa mais do que o simples desaparecimento de seu marido, mesmo este tendo ocorrido diante de seus olhos. Ela estava fora de si, ainda mais do que seria de se esperar numa situação daquelas. Nada me leva a crer que tivesse enlouquecido naquele instante. Nunca mais vi nem ouvi falar da Sra.

Williamson.”

Esse depoimento, como seria de se esperar, foi reforçado em quase todos os detalhes pela única testemunha ocular (se é este o termo certo) — o jovem James. A Sra. Williamson enlouquecera e os empregados não tinham condições, é claro, de dar seu testemunho. No início, o jovem James Wren declarara ter visto o desaparecimento, mas isso não consta de seu depoimento à Justiça. Nenhum dos trabalhadores do campo para o qual o Sr. Williamson se dirigia vira o patrão. E uma busca cuidadosa em toda a fazenda e nos terrenos vizinhos mostrou-se infrutífera. Histórias monstruosas e grotescas, inventadas pelos negros, seriam contadas durante muitos anos na região, e talvez continuem a ser até hoje. Mas o que foi relatado aqui é tudo o que se sabe ao certo sobre o caso. A Justiça decidiu que o Sr. Williamson estava morto e suas propriedades foram distribuídas segundo a lei.

Corrida inacabada

James Burne Worson era um sapateiro que vivia em Leamington, Warwickshire, na Inglaterra. Tinha uma pequena loja numa estradinha secundária que levava à estrada de Warwick. Dentro de seu meio humilde ele era considerado um homem honesto, embora, como muitos de sua classe na Inglaterra, fosse de certa forma um alcoólatra. Quando estava bêbado, costumava fazer apostas malucas. Numa das muitas ocasiões em que isso aconteceu, ele estava se gabando de suas façanhas como andarilho e atleta, e o resultado foi uma aposta contra a natureza. Para ganhar uma libra, Worson apostou que conseguiria correr até Coventry e voltar, uma distância de mais de sessenta quilômetros. Isso foi no dia 3 de setembro de 1873. Ele saiu em seguida e o homem com quem fizera a aposta — de cujo nome não me lembro —, acompanhado por um tal Barham Wise, vendedor de tecidos, e de Hamerson Burns, fotógrafo, acho, seguiu-o numa pequena carroça, ou carro.

Por muitos quilômetros, Worson foi bem, em bom ritmo, sem parecer cansado, porque de fato tinha grande resistência e ainda não se intoxicara o suficiente para debilitá-la. Os três homens no carro mantinham-se a uma

pequena distância na retaguarda, soltando de vez em quando uma piada para encorajá-lo, à medida que se iam animando. De repente — no meio da estrada, a dez metros de onde os três estavam, com os olhos grudados no corredor — este pareceu tropeçar e, precipitando-se para a frente, soltou um horrível grito e desapareceu! Não caiu por terra — simplesmente desapareceu antes de tocar o chão. Dele, jamais se encontrou traço.

Depois de ficar no local por algum tempo, sem ânimo e sem saber o que fazer, os três homens voltaram para Leamington, contaram sua impressionante história e acabaram presos. Mas eram homens bem estabelecidos, considerados confiáveis, estavam sóbrios no momento do ocorrido e nada jamais transpareceu que viesse desmentir a extraordinária aventura que eles juravam ter vivido. Aventura sobre cuja verdade a opinião pública se dividiu, por todo o Reino Unido. Se eles tinham algo a esconder, certamente optaram por uma história que é das mais estranhas já relatadas por pessoas sãs.

O rastro de Charles Ashmore

A família de Christian Ashmore consistia em sua mulher, sua mãe, duas filhas crescidas e um filho de dezesseis anos. Moravam todos em Troy, Nova York, eram pessoas de bom nível, respeitadas, e tinham muitos amigos, alguns dos quais, lendo estas linhas, ouvirão falar pela primeira vez da história extraordinária ocorrida com o rapaz. Os Ashmores se mudaram de Troy para Richmond, Indiana, em 1871 ou 1872, seguindo, um ou dois anos depois, para os arredores de Quincy, Illinois, onde o Sr. Ashmore comprou uma fazenda e se instalou. A pouca distância da sede da fazenda havia uma fonte de água limpa e fresca, que a família usava para suprir suas necessidades durante o ano inteiro.

Na noite de 9 de novembro de 1878, lá pelas nove horas, o jovem Charles Ashmore deixou a família reunida em casa e, levando uma pequena jarra, saiu em direção à fonte. Como demorava a voltar, a família ficou inquieta, e o pai, indo até a porta por onde o rapaz saía, chamou por ele sem obter resposta. Acendeu então uma lanterna e, junto com a filha mais velha, Martha, que insistiu em acompanhá-lo, saiu à procura. Naquela noite havia caído um

pouco de neve, que cobria o caminho mas deixava evidente a trilha feita pelo rapaz. Cada pegada era perfeitamente visível. Quando eles já haviam percorrido pouco mais do que a metade do caminho — cerca de sessenta metros —, o pai, que ia na frente, estacou e, erguendo a lanterna, ficou espiando a escuridão à sua frente.

"O que houve, pai?", perguntou a moça.

O que havia era o seguinte: a trilha do jovem terminava de repente e dali para a frente a neve fofa estava intocada. As últimas pegadas eram tão visíveis quanto as anteriores, sendo possível mesmo distinguir a marca da ponta dos dedos. O Sr. Ashmore olhou para cima, usando o chapéu de anteparo para que a luz da lanterna não o ofuscasse. As estrelas brilhavam. Ficou assim afastada a hipótese que chegara a lhe ocorrer, por mais improvável que fosse, de que houvesse caído neve outra vez, e só dentro de um limite tão bem definido. Seguindo um caminho maior e rodeando o local onde estavam as últimas pegadas, de forma a deixá-las intocadas para voltar a examiná-las mais tarde, ele foi até a fonte, enquanto a moça seguia atrás, sentindo-se fraca e apavorada. Nenhum dos dois disse uma só palavra sobre o que tinham visto. A fonte estava coberta de gelo, obviamente endurecido havia muitas horas.

Voltando para casa, observaram a neve de ambos os lados, ao longo de todo o caminho. Não havia qualquer marca de pegadas afastando-se da trilha.

A luz do dia não trouxe qualquer nova evidência. Por toda parte havia neve, não muito profunda. E sempre macia, sem marcas, intocada.

Quatro dias depois, a mãe, arrasada, foi até a fonte em busca de água. Ao voltar, contou que, quando passava pelo local onde tinham sido vistas as últimas pegadas, ouvira a voz do filho e saíra, desesperada, chamando por ele, andando a esmo pelo lugar, já que a cada momento tinha a impressão de ouvir a voz vindo de uma diferente direção. Até que não aguentara mais, vencida pelo cansaço e pela emoção. Quando lhe perguntaram o que a voz falava, não conseguiu dizer, embora asseverasse que as palavras eram perfeitamente audíveis. Imediatamente, toda a família foi até o local, mas ninguém ouviu nada e a conclusão foi a de que tudo não passara de uma alucinação causada pela ansiedade da mãe e por seus nervos destroçados. Acontece que nos meses seguintes, com intervalos irregulares de alguns dias, a voz foi ouvida por todos os membros da família, e também por outras pessoas. Todos declararam estar

absolutamente certos de que era a voz de Charles Ashmore, e todos concordaram que o som parecia vir de muito longe, fraco, mas articulado de forma perfeitamente audível. E, contudo, ninguém foi capaz de precisar de que direção vinha o som ou de repetir as palavras ditas. Os intervalos de silêncio foram aos poucos tornando-se mais longos, e a voz ficando mais fraca e distante, até que, no verão, parou de ser ouvida.

Se alguém conhece o destino de Charles Ashmore, esse alguém provavelmente é sua mãe. Ela está morta.

A ciência à frente

Ainda a respeito dessa questão dos "desaparecimentos misteriosos" — sobre os quais todos têm sempre na memória muitos exemplos —, é pertinente mencionar o que pensa disso o Dr. Hern, de Leipzig. Não como explicação, a não ser que o leitor assim o encare, mas devido a seu interesse intrínseco, na qualidade de especulação interessante. Esse renomado cientista expôs suas teorias num livro intitulado *Verschwinden und Seine Theorie*, que chamou muita atenção. Segundo um determinado escritor, isso ocorreu particularmente "entre os seguidores de Hegel e entre os matemáticos que acreditam na existência do chamado espaço não-euclidiano — isto é, um espaço que, além de comprimento, largura e profundidade, tem outras dimensões —, um espaço dentro do qual seria possível dar um laço numa corda sem fim e virar uma bola de borracha pelo avesso sem provocar uma 'solução de continuidade', ou seja, sem quebrá-la ou rasgá-la".

O Dr. Hern acredita que no mundo visível existem espaços vazios — vácuos, e algo mais —, buracos através dos quais objetos animados ou inanimados podem cair, penetrando um mundo invisível, sem que jamais se volte a vê-los ou ter notícias deles. A teoria é mais ou menos a seguinte: o espaço está impregnado pelo éter luminoso, que é algo material — uma substância como o ar ou a água, embora infinitamente mais diluída. Todas as forças, todas as formas de energia devem ser propagadas por ele. Todos os processos que ocorrem

devem fazê-lo nele. Mas suponhamos que existam cavidades nesse meio que do contrário seria universal, cavidades semelhantes às cavernas que existem na Terra, ou aos buracos de um queijo suíço. Nessas cavidades não haveria nada. Seria um tal vácuo que não poderia ser produzido artificialmente. Porque, se bombearmos o ar para fora de um recipiente, ainda restará dentro dele o éter luminoso. Através de uma dessas cavidades a luz não poderia passar, pois nada haveria para sustentá-la. Dela não poderia ser emitido qualquer som. Dentro dela, nada poderia ser sentido. Tal cavidade não teria sequer uma das condições necessárias à ação de qualquer um de nossos sentidos. Em um vácuo como esse, resumindo, nada poderia jamais ocorrer. Reproduzo agora as palavras do escritor citado — já que nem o próprio médico conseguiu uma explicação tão concisa: "Um homem preso dentro de tal cavidade não poderia ver nem ser visto. Nem ouvir ou ser ouvido. Ou sentir e ser sentido. Nem sequer viver ou morrer, porque tanto a vida quanto a morte são processos que têm lugar apenas onde existe uma força motriz, e no espaço vazio tal força não tem como existir." Serão essas as terríveis condições (alguns se perguntarão) nas quais os amigos dos desaparecidos devem acreditar que eles se encontram, e onde estariam condenados a permanecer pela eternidade?

Tendo sido descrita aqui de forma imperfeita e superficial a teoria do Dr. Hern, se considerada como explicação adequada para os "desaparecimentos misteriosos", está aberta a objeções óbvias. Por parte de um número menor de pessoas do que ele próprio admite na "espaçosa volubilidade" de seu livro. Mas, mesmo da maneira como foi exposta por seu autor, a teoria não explica — e em alguns casos chega a ser incompatível com determinados incidentes — as ocorrências relatadas neste memorando. Por exemplo: o som da voz de Charles Ashmore. Mas não cabe a mim gostar ou não de fatos e teorias.

B.



Visões da noite

I

Acredito que o Dom dos Sonhos tem grande valor literário — e que se, por algum método ainda não conhecido, fosse possível apreender, fixar e por fim utilizar a fantasia impalpável neles contida, teríamos uma literatura de enorme qualidade. Uma vez em cativeiro, domesticado, esse dom poderia sem dúvida ser muito aperfeiçoado, assim como os animais que, a serviço do homem, adquirem

novos poderes e capacidades. Domesticando os sonhos, poderíamos dobrar nossas horas de trabalho e as tarefas mais frutíferas seriam feitas enquanto dormíssemos. Mesmo as coisas sendo como são, a Terra dos Sonhos é uma província que paga tributos, como demonstra o "Kubla Khan".

O que é um sonho? Um conjunto de memórias, à solta e sem lei — a sucessão desordenada de fatos que um dia fizeram parte da consciência desperta. Uma ressurreição de mortos, misturados — novos e velhos, o justo e o injusto —, saltando de seus túmulos desfeitos, cada um "com as roupas que usou em vida", pressionando, de forma caótica, tentando obter uma audiência com o Mestre do Festim, agarrando-se uns aos outros na confusão da corrida. Mestre? Não. Ele abdicou de sua autoridade e são eles que o dominam. Sua vontade está morta e não se ergue como os demais. Sua capacidade de julgar também se foi e, com ela, o dom de surpreender-se. Talvez sinta dor e prazer, terror e encantamento, mas assombro não sentirá. O monstruoso, o grotesco, o insólito — tudo é simples, certo e razoável. O que é cômico não diverte, o que é impossível não espanta. Aquele que sonha é seu único e verdadeiro poeta; ele é só imaginação.

E imaginação não é mais do que memória. Tente imaginar algo que jamais viu, experimentou, ouviu ou sobre o qual leu. Tente conceber um animal, por exemplo, sem corpo, cabeça, membros ou rabo — uma casa sem paredes ou telhado. Acordados, com a ajuda do arbítrio e da capacidade de julgamento, ainda poderemos controlar e dirigir as coisas; poderemos selecionar e escolher do estoque da memória, pegando aquilo que nos convém, excluindo, embora às vezes com dificuldade, o que não nos interessa. Mas dormindo nossas fantasias "nos herdarão". Elas surgem tão amalgamadas, tão mescladas e coesas, de tal maneira forjadas com os elementos umas das outras que o todo nos parece novo; mas as velhas e familiares partes da concepção estão lá, e nada foi posto de lado. Dormindo ou despertos, nada recebemos de novo da imaginação, a não ser novos ajustes: "a matéria da qual são feitos os sonhos" foi composta pelos sentidos físicos e pela memória estocada, como esquilos que juntam suas nozes. Mas pelo menos um sentido não contribui em nada para a fábrica do sonho: ninguém jamais sonhou com um cheiro. Visão, audição, sentimento, talvez gosto, são todos operários que trabalham para nossa diversão noturna; mas o Sono não tem nariz. É surpreendente que os poetas antigos, velhos observadores, não tenham descrito assim esse deus sonolento e que seus servos obedientes, os escultores da

Antiguidade, não o tenham representado dessa forma. Talvez esses últimos notáveis, trabalhando para a posteridade, tenham concluído que o tempo e o desgaste acabariam por fazer sua parte, adaptando suas obras aos fatos da natureza.

E, sendo assim, quem consegue descrever um sonho de forma que continue parecendo um sonho? Nenhum poeta é capaz de tal leveza. É como tentar descrever a música de uma harpa eólia. Há uma determinada espécie da família dos Chatos (*Penetrator intolerabilis*) que, ao ler um conto ou romance — escrito, talvez, por algum mestre do estilo —, faz um esforço descomunal para descrever o enredo para você, para sua edificação e entretenimento. Com isso, acredita, boa alma que é, que você já não precisará lê-lo. "Sob circunstâncias e condições substancialmente similares" (como reza a lei do comércio entre os estados), não devo ser acusado de semelhante ofensa; mas quero descrever aqui alguns sonhos que tive, sendo "as circunstâncias e as condições", na minha opinião, diferentes neste caso, já que os sonhos não estão acessíveis ao leitor. Ao tentar registrar aqui a parte mais pobre desses sonhos não é sucesso que procuro. Falta-me sal para temperar o rabo impalpável do espírito dos sonhos.

II

Na penumbra, eu caminhava em meio a uma floresta de árvores estranhas. Não sabia de onde vinha nem para onde ia. Percebia a imensidão da floresta e tinha a consciência de ser o único ser vivo ali. Pelo que pude vagamente imaginar, enquanto caminhava contra o sol que começava a nascer, estava atormentado por um feitiço terrível, em expiação por um crime há muito cometido. Mecanicamente, desesperançado, movia-me sob os galhos das árvores gigantescas através de uma trilha estreita, que se perdia na solidão assombrada da floresta. De repente, dei com um riacho, que fluía, vagaroso e escuro, à minha frente, e vi que era um rio de sangue. Virando à direita, segui-o durante algum tempo, até chegar a um lugar onde a floresta se abria numa clareira circular, em cujo centro, sob a luz tênue e irreal, havia um tanque de mármore branco. Estava cheio de sangue e era dali que fluía o riacho que eu acabara de seguir. Em torno do tanque, entre ele e a floresta que o cercava — um espaço

de talvez três metros de largura, todo pavimentado com imensos blocos de mármore —, havia corpos de homens. Eram muitos e, embora não os tivesse contado, sabia que seu número tinha uma forte e significativa relação com o crime por mim cometido. Talvez marcassem o tempo, em séculos, desde que eu o cometeria. Mas reconheci o número e sabia que estava certo, mesmo sem ter feito a conta. Os corpos estavam nus e arrumados de forma simétrica em torno do tanque, dele irradiando como se fossem os raios de uma roda. Os pés estavam para fora, as cabeças dependuradas sobre a borda do tanque. Todos deitados de costas, com as gargantas cortadas, o sangue correndo lentamente da ferida aberta. Olhei para tudo aquilo sem qualquer emoção. Era o resultado natural e necessário de meu crime, e portanto não me afetava. Mas havia algo que me enchia de apreensão e terror — uma pulsação monstruosa, batendo e batendo, lenta e inexoravelmente. Não sei através de que sentido a apreendia ou se ela me alcançava a mente por algum caminho desconhecido para a ciência e os homens. Mas seu ritmo imenso, que batia a intervalos regulares e sem piedade, era capaz de enlouquecer. Eu sabia que o som atravessava a floresta inteira, e que era manifestação de uma malignidade gigantesca e implacável.

É tudo de que me lembro. Sufocado pelo terror que sem dúvida se origina no desconforto de alguma dificuldade circulatória, provavelmente soltei um grito e fui acordado pelo som de minha própria voz.

III

O sonho cujo arcabouço vou agora relatar aconteceu quando eu era muito jovem. Não teria mais do que dezesseis anos. Já tenho bem mais do que isso agora e contudo me recordo do que aconteceu de forma tão vívida que é como se a visão tivesse ocorrido há apenas uma hora e eu estivesse, ainda, encolhido sob as cobertas, tremendo de terror diante de sua lembrança.

Eu estava só, num plano infinito, e era noite — em meus pesadelos, estou sempre sozinho e geralmente é noite. Não havia uma só árvore à vista, nem casas, nem rios ou montanhas. A terra parecia coberta por uma vegetação rasteira, áspera, que era escura e cheia de gravetos, como se a planície tivesse sido varrida pelo fogo. À medida que andava, meu caminhar era interrompido,

não sei bem por quê, por pequenas poças d'água que ocupavam as depressões do solo, dando a impressão de que, depois do fogo, havia chovido. As poças estavam por toda parte, desaparecendo e reaparecendo assim que as nuvens, pesadas, empurravam de través o pedaço de céu que elas refletiam e, ao desaparecer, voltavam a revelar o brilho das estrelas, cuja luz fria as águas mostravam em seu cintilar escuro. Eu caminhava na direção oeste, onde junto à linha do horizonte cintilava o fogo de uma luz avermelhada em meio a farrapos de nuvens, dando o efeito de uma distância imensurável como aquela que desde então aprendi a ver nos desenhos de Doré, cuja mão, a cada pincelada, lança um presságio e uma maldição. À medida que caminhava, vi, recortada contra essa paisagem sobrenatural, a silhueta de edificações e torres que, aumentando a cada quilômetro percorrido, cresceram até alcançar altura e largura inimagináveis — a construção finalmente tomando um imenso ângulo de visão, embora não parecesse estar mais perto do que antes. Em desalento e desespero, eu seguia em frente pela planície deserta e proibida, enquanto a construção continuava crescendo, até alcançar dimensões tais que eu já não podia envolvê-la com um único olhar, e suas torres desapareciam nas nuvens, acima de minha cabeça. Então penetrei através de um portal aberto, por entre colunas de estrutura tão absolutamente gigantesca que cada pedra era maior do que a casa de meu pai. Lá dentro, tudo era vazio; tudo recoberto pela poeira do abandono. Uma luz tênue — a luz sem sentido que existe nos sonhos e que se alimenta de si mesma — permitia-me passar de um a outro corredor, de um a outro quarto, as portas cedendo ao toque de minhas mãos. Em cada quarto, era grande a caminhada entre uma parede e outra; e jamais pude chegar ao fim de qualquer um dos corredores. Meus passos provocavam o som oco e estranho que só é ouvido nas casas abandonadas ou dentro dos túmulos. Durante muitas horas vaguei por aquela estranha solidão, consciente de que tinha um propósito, embora não soubesse o que procurava. Até que, no lugar que imaginei ser um dos cantos extremos da construção, entrei num aposento de dimensões normais, com uma única janela. Através dela vi a luz vermelha ainda colada ao horizonte na distância imensurável do Oeste, como a visão do juízo final, que eu reconhecia por causa do fogo persistente da eternidade. Olhando para a ameaça rubra daquele cintilar sinistro e soturno, senti-me invadir por uma verdade que, anos depois, por uma fantasia extravagante, tive a coragem de expressar em versos:

*Por toda parte, o homem está morto, há muitas eras,
Os anjos se foram rumo a túmulos desconhecidos;
Os demônios, também, por fim tornaram-se frios,
E Deus jaz morto ante o imenso trono branco!*

A luz não conseguia sobrepujar a escuridão do quarto e foi só depois de algum tempo que descobri, no canto mais afastado, a silhueta de uma cama, dela me aproximando com o presságio de um infortúnio. De alguma forma sentia que ali o malefício de minha jornada terminaria nalgum clímax terrível, e contudo não podia resistir ao chamado que me fazia querer ir até o fim. Sobre a cama, parcialmente vestido, jazia o corpo morto de um ser humano. Estava deitado de costas, com os braços esticados. Inclinando-me sobre ele, o que fiz com nojo mas não com medo, vi que estava horripilantemente decomposto. As costelas emergiam da carne enrijecida; através da pele do ventre encovado, viam-se as marcas da espinha. A face estava enegrecida e seca, e a boca, desfeita sobre os dentes amarelos, exibia um sorriso medonho, como uma maldição. Protuberâncias sob as pálpebras pareciam indicar que os olhos tinham sobrevivido à decomposição geral; e tinham mesmo, pois, assim que me inclinei sobre o rosto, eles se abriram e me encararam com um olhar tranquilo e firme. Imaginem, se puderem, qual foi meu horror — e nenhuma palavra minha poderá ajudar; porque os olhos eram os meus! Aquele fragmento que restava de uma raça extinta — aquela coisa inominável que nem o tempo nem a eternidade tinham sido capazes de apagar — aquele detestável e repugnante pedaço de mortalidade, capaz ainda de sentir, embora o Deus e os anjos já estivessem mortos, era eu!

IV

Há sonhos recorrentes. Pertence a essa classe um sonho que tenho e que me parece suficientemente singular para justificar que o relate, embora tema que o leitor vá pensar que os domínios do sono são tudo menos um feliz campo de caça para esta minha alma que vagueia à noite. Não é verdade; na maioria,

minhas incursões pelo mundo dos sonhos, o que imagino aconteça com quase todo mundo, são pautadas por resultados mais felizes. Minha imaginação volta ao corpo assim como uma abelha à colméia, repleta de provisões que, com a ajuda da razão, transmuta-se em mel e é estocada nas células da memória para felicidade eterna. Mas o sonho que vou contar agora tem um caráter duplo; a experiência em si é estranha e apavorante, mas o horror por ela inspirado é tão ridículamente desproporcional ao incidente que o produz que, em retrospectiva, sua fantasia é capaz de divertir.

Estou atravessando uma clareira, num bosque de vegetação esparsa. Através das árvores nuas que circundam o espaço irregular, vejo campos cultivados e as moradas de seres estranhos. O amanhecer parece estar próximo, pois a lua, quase cheia, vai baixa no céu, a oeste, vermelha como sangue por entre a bruma fantasmagórica que recobre o lugar. A relva sob meus pés está pesada de orvalho e todo o cenário parece o de uma manhã de início de verão, brilhando ante a luz incomum da lua cheia que se põe. Junto ao caminho há um cavalo que, posso nitidamente ver e ouvir, está pastando na relva. Ele ergue a cabeça ante minha passagem, olha-me por um instante sem se mover, depois começa a andar em minha direção. É branco como leite, de fisionomia suave e aspecto amistoso. Digo a mim mesmo: "Este cavalo é uma alma mansa" e vou acariciá-lo. Mantendo os olhos fixos em mim, ele se aproxima e fala comigo com uma voz humana. Não é surpresa que sinto, mas terror. E, imediatamente, estou de volta a este nosso mundo.

O cavalo sempre fala minha língua, mas nunca sei o que diz. Acho que fujo da terra dos sonhos antes que ele acabe de expressar o que tem em mente, deixando-o, com certeza, tão assustado com meu súbito desaparecimento quanto eu com a forma como ele se dirige a mim. Gostaria muito de saber o que ele quer dizer.

Talvez, numa manhã, eu possa compreendê-lo — e então nunca mais voltarei a este nosso mundo.

AUTOR

O americano Ambrose Bierce (1842-1914?) era louro, alto e irresistível para as mulheres. Como jornalista, era brilhante, brutal e tinha tantos inimigos quanto admiradores. Era também sarcástico e agnóstico, quase herege, mas, escrevia contos de terror que o tornaram um dos principais discípulos de Edgar Allan Poe.

Visões da noite é uma coletânea das histórias mais macabras de Bierce. Em muitas delas, há um homem caminhando sozinho por uma floresta, à noite, sem saber se está acordado ou sonhando – e se é uma vítima ou um assassino. Em outras, as pessoas desaparecem misteriosamente.

Na vida real, Bierce partiu para o México em 1913, na época da guerra civil, e sumiu. Nunca se soube o que aconteceu com ele. Pode ter sido o seu último gesto de humor negro: deu a si próprio o destino de seus personagens.

O poeta, contista e jornalista Ambrose Bierce (1842, 1914?) é uma avis rara no cenário da literatura americana, pouco conhecido e difundido, talvez porque lhe tivesse faltado o Baudelaire que um Poe teve, não obstante o halo de lenda que cercou sua vida. Enquanto jornalista, dono de uma causticidade que lhe deu o apelido de bitter Bierce (amargo Bierce), colecionou inimigos. E ficcionista – decepcionado com os vivos – fez-se tão íntimo das sombras dos mortos que acabou ele mesmo por tornar-se o personagem que faltava ao conto “Cruzando o Umbral”, mercê de seu estranho desaparecimento – sem deixar traços – no México revolucionário de Pancho Villa, em 1914, ano que consta como sendo o de sua morte. Realidade e ficção são indestrinçáveis em sua obra, que se pode classificar, sem medo de errar, de única, e que agora, graças à seleção, tradução e elucidativa introdução de Heloisa Seixas, chega ao grande público brasileiro.

O estilo é leve e solto, aparentemente desprezioso, mas tem sutilezas de mestre de uma ficção que radica no gnosticismo de Horace Walpole. Os temas são lúgubres ou apenas incomuns, mas Bierce aborda-os com uma naturalidade que lembra Kafka. É mais desassombrado do que D.H.Lawrence na maneira descomplicada com que mistura os vivos e os mortos, dando-lhes uma contiguidade que os preconceitos científicos têm relegado ao âmbito não

reconhecido do paranormal ou do que se convenceu chamar de literatura esotérica. Só que o autor de “No limiar do irreal” encampa como Poe, o paranormal sem cair em pieguice, com uma finura literária que edifica e diverte o leitor, deixando-o em suspenso da primeira à última linha de seus contos. A atmosfera é onírica, fiel à idéia de Bierce de que é nos sonhos, esse “conjunto de memórias, à solta e sem lei – a sucessão desordenada de fatos que um dia fizeram parte da consciência desperta”, que se forja a mais convincente imagem da realidade.

É um mundo intermediário em que o fluxo de consciência mergulha, sem entretanto deter-se no limiar da inconsciência. E que acaba por configurar a mais realista das literaturas, porque não exclui a alma.

Terminada a leitura destes contos assombrosos e assombrados, fica-nos, como disse Heloisa Seixas na introdução, “um travo de inquietação”. Emergimos dela mais ricos e menos preconceituosos.

Per Johns

HELOISA SEIXAS é autora de *Pente de Vênus – Histórias do amor assombrado* (Sulina) e dos romances *A porta* e *Diário de Perséfone* (Record). Também organizou e traduziu *Depois – Sete histórias de horror e terror* (Record).

[11](#) Owl Creek— rio da Coruja. (N. do T.)